Raul Brandão
Húmus

RAUL BRANDÃO

HÚMUS

> O que tu vês é belo; mais belo o que suspeitas; e o que ignoras muito mais belo ainda.
>
> DUM AUTOR DESCONHECIDO.

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND
PARIS - LISBOA

HÚMUS

De RAÚL BRANDÃO

OS POBRES
Tradução em castelhano de Valentín de Pedro.

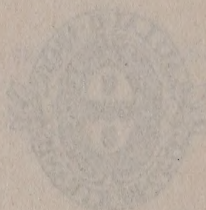
A FARSA
Tradução em castelhano de Valentín de Pedro.

HÚMUS
Tradução em castelhano de Ribera Rovira.

Comp. e imp. na *Tipografia da Emprêsa do Anuário Comercial*
Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa

RAÚL BRANDÃO

HÚMUS

O que tu vês é belo; mais belo o que suspeitas; e o que ignoras muito mais belo ainda.

DUM AUTOR DESCONHECIDO.

3.ª EDIÇÃO

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND
PARIS – LISBOA

Tiraram-se vinte exemplares em papel avergoado da Abelheira, numerados e rubricados pelo autor

AO MESTRE COLUMBANO

A VILA

13 de Novembro

Ouço sempre o mesmo ruído de morte que devagar rói e persiste...

Uma vila encardida — ruas desertas — pátios de lajes soerguidas pelo único esfôrço da erva — o castelo — restos intactos de muralha que não teem serventia. Uma escada encravada nos alvéolos das paredes não conduz a nenhures. Só uma figueira brava conseguiu meter-se nos interstícios das pedras e delas extrai suco e vida. A tôrre — a porta da Sé com os santos nos seus nichos — a praça com árvores raquíticas e um coreto de zinco. Sôbre isto um tom denegrido e uniforme: a humidade entranhou-se na pedra, o sol entranhou-se na humidade Nos corredores as aranhas tecem imutáveis teias. de silêncio e tédio e uma cinza invisível, manias, regras, hábitos, vai lentamente soterrando tudo. Vi não sei onde, num jardim abandonado — inverno e fôlhas sêcas — entre buxos do tamanho de árvores, estátuas de granito a que o tempo corroera

as feições. Puíra-as e a expressão não era grotesca mas dolorosa. Sentia-se um esfôrço enorme para se arrancarem à pedra. Na realidade isto é como Pompeia um vasto sepulcro: aqui se enterraram todos os nossos sonhos... Sob estas capas de vulgaridade há talvez sonho e dor que a ninharia e o hábito não deixam vir à superfície. Afigura-se-me que estes sêres estão encerrados num invólucro de pedra: talvez queiram falar, talvez não possam falar.

Silêncio. Ponho o ouvido à escuta e ouço sempre o trabalho persistente do caruncho que rói há séculos na madeira e nas almas.

15 de Novembro

As paixões dormem, o riso postiço criou cama, as mãos habituaram-se a fazer todos os dias os mesmos gestos. A mesma teia pegajosa envolve e neutraliza, e só um ruído sobreleva, o da morte, que tem diante de si o tempo ilimitado para roer. Há aqui ódios que minam e contraminam, mas como o tempo chega para tudo, cada ano minam um palmo. A paciência é infinita e mete espigões pela terra dentro: adquiriu a côr da pedra e todos os dias cresce uma polegada. A ambição não avança um pé sem ter o outro assente, a manha anda e desanda, e, por mais que se escute, não se lhe ouvem os passos. Na aparência é a insignificância a lei da vida; é a insignificân-

cia que governa a vila. É a paciência, que espera hoje, amanhã, com o mesmo sorriso humilde: — Tem paciência — e os seus dedos ágeis tecem uma teia de ferro. Não há obstáculo que a esmoreça. — Tem paciência — e rodeia, volta atrás, espera ano atrás de ano, e olha com os mesmos olhos sem expressão e o mesmo sorriso estampado. Já a mentira é de outra casta, faz-se de mil côres e tôda a gente a acha agradável. – Pois sim... pois sim... — Não se passa nada, não se passa nada. Todos os dias dizemos as mesmas palavras, cumprimentamos com o mesmo sorriso e fazemos as mesmas mesuras. Petrificam-se os hábitos lentamente acumulados. E o tempo mói: mói a ambição e o fel e torna as figuras grotescas.

Reparem, vê-se daqui a vila tôda... Lá está a Adélia, o Pires e a Pires como figuras de cera. Ninguém mexe. Num canto mais escuro a prima Angélica não levanta a cabeça de sôbre a meia. Tanta inveja ruminou que desaprendeu de falar. Chega o chá, toma o chá, e apega-se logo à mesma meia, a que mãos caridosas todos os dias desfazem as malhas, para que ela, mal se erga, recomece a tarefa. Um dia — uma semana — um século — e só o pêndulo invisível vai e vem com a mesma regularidade implacável — p'ra a morte! p'ra a morte! p'ra a morte!

Passou um minuto ou um século? Sôbre o granito salitroso assenta outra camada denegrida, e as horas caem sôbre a vila como gotas de água duma clepsidra. De tanto ver as pedras já não reparo nas pe-

dras. A morte roda na ponta dos pés e ninguém ouve seus passos. Todos os dias os leva, todos os dias toca a finados. O nada à espera e a D. Procópia a abrir a bôca com sono, como se não tivesse diante de si a eternidade para dormir. Tudo isto se passa como se tudo isto não tivesse importância nenhuma, tudo isto se passa como se tudo isto não fôsse um drama e todos os dramas, um minuto e todos os minutos...

Não há anos, há séculos que dura esta bisca de três — e os gestos são cada vez mais lentos. Desde que o mundo é mundo que as velhas se curvam sôbre a mesa do jôgo. O jôgo banal é a bisca — o jôgo é o da morte... O candeeiro ilumina e a sombra rói as fisionomias, a majestosa Teodora, a Adélia; a Eleutéria das Eleutérias, o padre. Salienta-se do escuro uma bôca que remói, a da D. Biblioteca: os padres exaltam-na, a Igreja exalta a sua caridade, que rebusca a desgraça para lhe dar três vinténs. Só distingo, despegadas dos crânios, as orelhas do respeitável Elias de Melo e do impoluto Melias de Melo, lívidos como dois fantasmas. Ambos regulam a consciência como quem dá corda a um relógio. Dívidas são dívidas. A D. Leocádia põe acima de tudo o seu dever, e leva para casa uma órfã a quem sustenta e que lhe entrapa as pernas. A luz do candeeiro ilumina-lhe as mãos ósseas e sêcas que enchem a sala tôda e o mundo todo... A D. Procópia odeia a D. Biblioteca, mas nem ela sabe o que está por trás daquele ódio, contido pelo inferno. Tôda a

gente se habitua à vida. Matar matava-a eu, mas várias palavras me deteem. Detém-me também um nada... Chegamos todos ao ponto em que a vida se esclarece à luz do inferno. Mas ninguém arrisca um passo definitivo.

Tudo isto parece que flutua debaixo de água, que esverdeia debaixo de água. Não sei bem se estou morto ou se estou vivo... Decorre um ano e outro ano ainda. O relento sabe bem, e o tempo passa, o tempo gasta-as como o salitre aos santos nos seus nichos. Se o desespêro aumenta não se traduz em palavras.

As velhas com o tempo adquiriram a mesma expressão, com o tempo chegaram a temer um desenlace. Debruçadas sôbre a mesa as figuras não bolem. Não bolem outras figuras que se envolvem no escuro, e o que me interessa não são as palavras do padre — Jogo; — nem o que a Adélia diz baixinho à Eleutéria, para que a velha temerosa ouça: — A nossa Teodora está cada vez mais moça!... — o que me interessa são as figuras invisíveis: é a dor dessas figuras imóveis, e sôbre elas outra figura maior, curva e atenta, que há séculos espera o desenlace.

A vila petrifica-se, a vila abjecta cria o mesmo bolor. Mora aqui a insignificância e até à insignificância o tempo imprime carácter. Moram na viela íngreme e cascosa, que revê humidade em pleno verão, velhas a quem só restam palavras, presas,

alimentadas, encarniçadas, como um doido sôbre uma coroa de lata que lhe enche o mundo todo. Mora dum lado o espanto, do outro o absurdo. E todos à uma afastam e repelem de si a vida. Mora aqui a Teles que passa a vida a limpar os móveis, só e fechada com os móveis reluzentes, talvez resto dum sonho a que se apega com desespêro, e velhas só mesuras, só baba, só rancor. Ter uma mania e pensar nela com obstinação! Creá-la. Ter uma mania e vê-la crescer como um filho!... Mora aqui a D. Restituta, sempre a acenar que sim à vida, e a Úrsula, cuja missão no mundo é fazer rir os outros.

Cabem aqui sêres que fazem da vida um hábito e que conseguem olhar o céu com indiferença e a vida sem sobressalto, e esta mixórdia de ridículo e de figuras somíticas. Mora aqui, paredes meias com a colegiada, o Santo, que de quando em quando sai do torpor e clama: — O inferno! o inferno! — Moram as Teles, e as Teles odeiam as Sousas. Moram as Fonsecas, e as Fonsecas passam a vida, como bonecas desconjuntadas, a fazer cortesias. Moram as Albergarias, e as Albergarias só teem um fim na existência: estrear todos os semestres um vestido no jardim. Moram os que moem, remoem e esmoem, os que se fecham à pressa e por dentro com uma mania, e os que se aborrecem um dia, uma semana, um ano, até chegar a hora pacata do solo ou a hora tremenda da morte.

Mora aqui o egoísmo que faz da vida um casulo, e a ambição que gasta os dentes por casa, o que en-

che a existência de rancores e, atrás de ano de chicana consome outro ano de chicana. Cabem aqui dentro as velhas scismáticas, atrás de interêsses, de paixões ou de simples ninharias, dissolvendo-se no éter, e logo substituídas por outras velhas, com as mesmas ou outras plumas nos penantes, com os mesmos ou outros ridículos, fedorentas e maníacas; os homens a quem se foram apegando pela vida fora dedadas de mentira, prontos para a cova — e o Gabiru e o seu sonho. Cabe aqui o céu e as lambisgóias com as suas mesuras, a morte e a bisca de três. E cabe aqui também uma velha criada, que se não tira diante dos meus olhos. Obsidia-me. Carrega. Obedece. Serve as outras velhas tôdas. A Joana é uma velha estúpida.

Serviu primeiro na vila, serviu depois na cidade. Serviu com uma saia rôta, as mãos sujas de lavar a louça, uma camisa, os usos e seis mil réis de soldada. Lavou, esfregou, cheira mal. Serviu o tropel, a miséria, o riso, que caminha para a morte com um vestido de aparato e um chapéu de plumas na cabeça. Para contar fio a fio a sua história bastava dizer como as mãos se lhe foram deformando e criando ranhuras, nodosidades, côdeas, como as mãos se foram parecendo com a casca duma árvore. O frio gretou-lhas, a humidade entranhou-se, a lenha que rachou endureceu-lhas. Sempre a comparei à macieira do quintal: é inocente e útil e não ocupa lugar. A vida gasta-a, corroem-na as lágrimas, e ela está aqui tal qual como quando entrou para casa

da D. Hermengarda. Faz rir e faz chorar. Já ninguém estranha — nem ela — que a Joana agüente, e a manhã a encontre de pé, a rachar a lenha, a acender o lume, a aquecer a água. Há sêres criados de propósito para os serviços grosseiros. Por dentro a Joana é só ternura, por fora a Joana é denegrida. A mesma fealdade reveste as pedras. Reveste também as árvores.

É uma velha alta e sêca, com o peito raso. O hábito de carregar à cabeça endireitou-a como um espeque, o hábito das caminhadas espalmou-lhe os pés: a recoveira assenta sôbre bases sólidas. Parece um homem com as orelhas despegadas do crânio e olhos inocentes de bicho. É destas criaturas que dão aos outros em troca da soldada o melhor do seu ser, que se apegam aos filhos alheios e choram sôbre tôdas as desgraças. Ainda por cima dedicam-se, e quando as mandam embora, porque não teem serventia, põem-se a chorar nas escadas.

Mal se compreende que, depois duma vida inteira, esta mulher conserve intacta a inocência duma criança e o pasmo dos olhos à flor do rosto. Trambulhões, fome, o frio da pobreza — o pior — e, a pesar de amolgada, com uma saia de estamenha, no pescoço peles, as mãos gretadas de lavar a louça, uma coisa que se não exprime com palavras, um balbuciar, um riso... Misturou à vida ternura. Misturou a isto a sua própria vida. Aqueceu isto a bafo.

Tem as mãos como cepos.

16 de Novembro

Debaixo dêstes tetos, entre cada quatro paredes, cada um procura reduzir a vida a uma insignificância. Todo o trabalho insano é êste: reduzir a vida a uma insignificância, edificar um muro feito de pequenas coisas diante da vida. Tapá-la, escondê-la, esquecê-la. O sino toca a finados, já ninguém ouve o som a finados. A morte reduz-se a uma cerimónia, em que a gente se veste de luto e deixa cartões de visita. Se eu pudesse restringia a vida a um tom neutro, a um só cheiro, o môfo, e a vila a côr de mata-borrão. Sêres e coisas criam o mesmo bolor, como uma vegetação criptogâmica, nascida ao acaso num sítio húmido. Teem o seu rei, as suas paixões e um cheirinho suspeito. Desaparecem, ressurgem sem razão aparente dum dia para o outro num palmo do universo que se lhes afigura o mundo todo. Absorvem os mesmos sais, exalam os mesmos gases, e supuram uma escorrência fosforecente, que corresponde talvez a sentimentos, a vícios ou a discussões sôbre a imortalidade da alma.

Sempre as mesmas coisas repetidas, as mesmas palavras, os mesmos hábitos. Construímos ao lado da vida outra vida que acabou por nos dominar. Vamos até à cova com palavras. Submetem-nos, subjugam-nos. Pesam toneladas, teem a espessura de montanhas. São as palavras que nos conteem, são as palavras que nos conduzem. Tôda a gente forceja por criar uma atmosfera que a arranque à vida e à morte. O sonho e a dor revestem-se de pe-

dra, a vida consciente é grotesca, a outra está assolapada.

Remoem hoje, amanhã, sempre, as mesmas palavras vulgares, para não pronunciarem as palavras definitivas. Tôda a gente fala no céu, mas quantos passaram no mundo sem ter olhado o céu na sua profunda, na sua temerosa realidade? O nome basta-nos para lidar com êle. Nenhum de nós repara no que está por trás de cada sílaba: afundamos as almas em restos, em palavras, em cinza. Construímos scenários e convencionámos que a vida se passasse segundo certas regras. Isto é a consciência — isto é o infinito... Está tudo catalogado. Na realidade jogamos a bisca entre a vida e a morte, baseados em palavras e sons. E, como a existência é monótona, o tempo chega para tudo, o tempo dura séculos. Formam-se assim lentamente crostas: dentro de cada ser, como dentro das casas de granito salitroso, as paixões tecem na escuridão e no silêncio, teias de escuridão e de silêncio. Na botica sonolenta ao pai sucede o filho sôbre o taboleiro de gamão. Quero resistir, afundo-me. Começo a perceber que o hábito é que me fêz suportar a vida. Às vezes acordo com êste grito: — A morte! a morte! — e debalde arredo o estúpido aguilhão. Choro sôbre mim mesmo como sôbre um sepulcro vazio. Oh como a vida pesa, como êste único minuto com a morte pela eternidade pesa! Como a vida esplêndida é aborrecida e inútil! Não se passa nada! não se passa nada e eu sinto aqui ao lado outra vida que me mete mêdo e que não quero

ver! Essa vida talvez seja a minha verdadeira vida. Mas o pior é que eu percebo que, se se apodera de mim, não posso mais viver. Agarro-me com desespêro ao hábito e às palavras. Tu não existes! tu não existes! O que existe é isto com que lido todos os dias, as palavras que digo todos os dias, os sêres com quem falo todos os dias. — E tu rodeias-me, tu reclamas-me e queres viver comigo para todo o sempre. Não te posso ver!...

Se há momentos em que o caixão que um galego leva às costas me chama à realidade, ao espanto, desvio logo o olhar e reentro à pressa na vida comezinha. Finjo que sorrio e esqueço. Mas sempre não posso! Ano atrás de ano não posso! Não há mais nada! não há mais do que estas figuras paradas, e as horas verdes que de espaço a espaço caem como gotas de água no fundo dum subterrâneo. Outro ano ainda! outro passo ainda para a morte! Sinto uma dor sem gritos por trás da imobilidade. Cada hora é menos uma hora na minha vida. E o tempo foge, o tempo côr de mata-borrão que ao granito salitroso junta camada denegrida, e às almas sepultadas outra pasada de cinza... Há momentos em que as figuras teem tanta vida como os santos imóveis nos seus nichos — mas há momentos em que cada um redobra de proporções, há momentos em que a vida se me afigura iluminada por outra claridade. Há momentos em que cada um grita: — Eu não vivi! eu não vivi! — Há momentos em que deparamos com outra figura maior que nos mete mêdo. A vida é só isto? Por

mais que queira não posso desfazer-me de pequenas acções, de pequenos ridículos, não posso desfazer-me de imbecilidades nem dêste ser esfarrapado que vai de pólo a pólo. Tenho de aturar ao mesmo tempo esta idea e êste gesto ridículo. Tenho de ser grotesco ao lado da vida e da morte. Mesmo quando estou só o meu riso é idiota. E estou só e a noite. Por trás daquela parede fica o céu infinito. Para não morrer de espanto, para poder com isto, para não ficar só e o doido, é que inventei a insignificância, as palavras, a honra e o dever, a consciência e o inferno.

E ainda o que nos vale são as palavras, para termos a que nos agarrar.

¿É então um mundo de fórmulas a que eu obedeço e tu obedeces? Sem êle não poderíamos existir. Se víssemos o que está por trás não podíamos existir. O nosso mundo não é real: vivemos num mundo como eu o compreendo e o explico. Não temos outro. Estamos aqui como peixes num aquário. E sentindo que há outra vida ao nosso lado, vamos até à cova sem dar por ela. E não só esta vida monstruosa e grotesca é a única que podemos viver, como é a única que defendemos com desespêro. — Pois sim... pois sim... — Estamos aqui a representar. Estamos aqui todos ao lado da morte e do espanto a jogar a bisca de três. Estamos aqui a matar o tempo. Êste passo, que é único e um só, damo-lo como se fôsse uma insignificância. Mais fundo: não existem senão

sons repercutidos. Decerto não passamos de ecos. Submeto-me, subjugas-me. Já não reparo, já vejo turvo. — Jogo! — E de repente todo o meu ser é sacudido pelo espanto que tateia à minha roda. Raras vezes entramos em contacto, mas sinto-o aqui ao meu lado — sem nos chegarmos a entender. Nem quero! nem quero! Se me alheio um momento dou um grito de dor. Escaldo-me.

Na verdade o que eu não posso é ver, o que eu não quero é ver! A vila regula-se por hábitos e regras seculares — mas há outra coisa enorme para lá do scenário de que me rodeio. Para não ter mêdo criei eu isto, para a não ver criou o Santo o inferno. Há outra coisa esfarrapada e dorida. — Jogo! — Cada vez me sinto mais reles, cada vez as palavras me parecem mais gastas. Há outro ser que vai de pólo a pólo... Esta figura grotesca não é a minha figura. O salitre roeu os santos nos seus nichos — roeu-os também o sonho... Curvado sôbre a mesa repito os mesmos gestos inúteis para não desatar aos gritos. — Jogo! — Isto para fingir que é indiferente o que nos rodeia, que estamos habituados ao que nos rodeia, que sorrimos ao que nos rodeia! Está ali a morte — está aqui a vida — está aqui o espanto — e só a ninharia consegue deitar raízes profundas.

20 de Novembro

Fecho os olhos. A chuva desaba interminàvelmente do céu, e na luz turva vejo sempre a vila, com as mesmas figuras de museu sentadas na mesma sala... Insignificância, insignificância, insignificância. Portas chapeadas que rangem nos gonzos como portas de prisão, fachadas com os vidros partidos, e uma, duas, três camadas de pó sobrepostas. Lojas térreas donde vem um bafo húmido que trespassa... Como tôdas as almas, tôdas as janelas estão perras, e o tempo vai substituindo uma figura por outra figura, uma pedra por outra pedra. Ponho-as em fila diante de mim, com os seus penantes usados, grotescas e maníacas. Considero. Vejo vir os gestos, as cortesias, as acções do confim dos séculos. Isto é nada — é vulgar e quotidiano. É uma aparência.

A vila é um simulacro. Melhor: a vida é um simulacro.

Atrás desta vila há outra vila maior. A lentidão, o gesto usado, a meia tinta mesmo em plena luz, toldam-me a visão. Sôbre cada ser caíu uma camada de pó. A vila é isto — e a vila não é isto. Que me importa a Adélia, um dia de inveja, um dia de aquiescência, um sorriso, baba, mesura atrás de mesura? Outra velha mexe por trás desta velha mesquinha. As letras assinadas, as letras protestadas dêste ser absorto, o exagêro minúsculo, teem outra signifi-

cação. A realidade é a manha, a astúcia que cada um põe em jôgo. Não há velhas com cartas na mão; há orgulho, soberba, inveja paciente. Há intuitos, cautela de quem caminha na ponta dos pés. Há fôrças e experiência, avareza e astúcia. E mais fundo outro, outro subterrâneo... Tôdas as palavras que se empregam teem, além da significação banal, uma significação que cada um pesa e calcula, — e outra significação superior. Há palavras que requerem uma pausa e silêncio, e há palavras que é preciso afundar logo noutras palavras. Há pelo menos dois sêres neste homem que tôda a gente conhece, pautado, regrado, metódico. Êle e o doido morto por fazer esgares. Êle e o doido que só consegue comprimir à fôrça de pontualidade. Esta velha não é a velha com quem lidamos — é outra. Tem tido um trabalhão para fazer mal, nunca conseguiu fazê-lo. Se se arrisca, há-de contar consigo mesma para se contrariar. É uma discussão que não acaba, com a bôca amarga, arrependimento — e por fim não realiza uma catástrofe autêntica, que a engrandeça. Curvada sôbre o lar remexe sempre as mesmas cinzas frias...

Todos se defendem. Por isso existe uma certa grandeza em repetir todos os dias a mesma coisa. O homem só vive de detalhes e as manias teem uma fôrça enorme: são elas que nos sustentam.

Reparo melhor na vida secreta e na vida subterrânea. Compreendo como é difícil viver todos os

dias e tôdas as horas, como através de tudo é forçoso seguir um fio invisível — e ser reles e sorrir. Gasta-me uma fôrça superior, e com tôdas as chagas e todos os vícios, com a vida mesquinha e a vida quotidiana, o nada, o penante usado, o fel e o vinagre, tenho de arcar com uma coisa imensa de que me separa apenas um tabique. Tudo o que faço é um arremêdo. Está ali outra coisa quando falo, quando me calo, quando me rio. E falo mais alto porque a ouço mexer... Todos suportam o drama de todos os dias, o cinzento de todos os dias, as aflições e a usura que tornam as figuras ridículas e coçadas. Todos suportam os tratos que envelhecem e preparam para a cova, os pequenos interêsses, a inveja, a ambição, a dor física. Todos os dias a Hermengarda amarga os brasões da Biblioteca, a Bisbórria todos os dias scisma na sua respeitabilidade, e aturam o azêdo que pouco e pouco se deposita nas almas — e com isto uma coisa desconforme, que se levanta e deita connosco, não se tira do nosso lado, em quem ninguém fala e com quem temos por fôrça de coabitar; diante de quem é forçoso ser vulgar e dissimulado, fazendo que a não vemos e com ela à cabeceira da cama...

Atrás da insignificância andam os céus, os mundos, os vagalhões doirados. Anda o desespêro. Anda o intinto feroz. Atrás disto andam as enxurradas de sóis e de pedras, e os mortos mais vivos do que quando estavam vivos. Atrás do tabique e das pa-

lavras anda a Vida e a Morte e outras figuras tremendas. Atrás das palavras com que te iludes, de que te sustentas, das palavras mágicas, sinto uma coisa descabelada e frenética, o espanto, a mixórdia, a dor, as fôrças monstruosas e cegas.

Em certas ocasiões, se as palavras e a insignificância desaparecessem da vida, só ficava de pé o espanto.

Só a insignificância nos permite viver. Sem ela já o doido que em nós prega tinha tomado conta do mundo. A insignificância comprime uma fôrça desabalada.

Para não ver, para não ouvir, é que nos curvamos sôbre a mesa de jôgo. Para te não ouvires a ti mesmo, para não veres o que te gasta a todos os minutos e a tôdas as horas, usura imensa que não sentes e que te vai levar para o escantilhão sôfrego, que te vai mergulhar no silêncio profundo. Usura de todos os instantes. Gasta-nos, desgasta-nos. E todos os dias acordamos mais velhos, todos os dias acordamos mais inúteis. Todos os dias acordamos com mais fel. E todos os dias com mesuras, sem gritos de terror, nos curvamos sôbre esta mesa de jôgo, não vendo, fingindo que não existe, o espanto que está ao nosso lado, e o espanto pior que trazemos connosco. Chama-se a isto o quotidiano. Isto não tem importância nenhuma. Com isto enchemos a

vida até chegar a morte. Esta mesa de jôgo é a nossa existência vulgar, a vida de todos os dias, com o galope da outra vida ao lado. Não se passa nada! Não se passa nada! No verão o calor sufoca, de inverno a mesma nuvem impregna o granito, e apega-se, amolece, dissolve pilares das janelas, casebres e a oliveira da praça, só tronco e duas folhinhas cinzentas. Em volta um círculo de montanhas, descarnadas e atentas, espera a tragédia — e as montanhas não desistem. De quando em quando, na solidão que à noite redobra, caem do alto da Sé as badaladas, uma a uma, pausa a pausa. O som tem um pêso desconforme.

Estamos aqui todos à espera da morte! estamos aqui todos à espera da morte!

O SONHO

6 de Dezembro

Chove. Cada vez vejo mais turvo, cada vez tenho mais mêdo. Estamos enterrados em convenções até ao pescoço: usamos as mesmas palavras, fazemos os mesmos gestos. A poeira entranhada sufoca-nos. Pega-se. Adere. Há dias em que não distingo estes sêres da minha própria alma; há dias em que através das máscaras vejo outras fisionomias, e, sob a impassibilidade, dor; há dias em que o céu e o inferno esperam e desesperam. Pressinto uma vida oculta, a questão é fazê-la vir à supuração.

Esta manhã de chuva é um minuto no rodar infinito dos séculos, e os sêres que passam meras sombras. Tudo isto me pesa e pesa-me também não viver. Do fundo de mim mesmo protesto que a vida não é isto. A árvore cumpre, o bicho cumpre. Só eu me afundo soterrado em cinza. ¿Terei por fôrça de me habituar à aquiescência e à regra? Crio cama, e todos os dias sinto a usura da vida e os passos da morte mais fundo e mais perto.

—É necessário abalar os túmulos e desenterrar os mortos.

É o Gabiru que se põe a falar sem tom nem som. Um homem absurdo. Olhos magnéticos de sapo. É uma parte do meu ser que abomino, é a única parte do meu ser que me interessa. Às vezes deita-me tinta nos nervos. Fala quando menos o espero. Chamo-o, não comparece. Se quero ser prático, gesticula dentro do casaco arripiado:—A alma!—a alma!—Singular filósofo! É capaz de desejar a morte para ver o que há lá dentro; é capaz de achar vulgares até as coisas eternas. Ao lado da vida constrói outra vida. Sonha, e os seus sonhos são sempre irrealizáveis, transformam-se-lhe nas mãos em barro informe. Tôda a gente se ri—já sonha outra vez... Para êle a vida consiste, encolhido e transido, em embeber-se em sonho, em desfazer-se em sonho, em atascar-se em sonho. Meses inteiros ninguém lhe arranca palavra, dias inteiros ouço-o monologar no fundo de mim próprio. Ignora tôdas as realidades práticas. Na árvore vê a alma da árvore, na pedra a alma da pedra. Deforma tudo. Põe a mão e molha—destinge sonho...

—A alma,—diz êle—ao contrário do que tu supões, a alma é exterior: envolve e impregna o corpo como um fluido envolve a matéria. Em certos homens a alma chega a ser visível, a atmosfera que os rodeia toma côr. Há sêres cuja alma é uma contínua exalação. Há-os cuja alma é duma sensibilidade extrema: sentem em si todo o universo. Daí também

simpatias e antipatias súbitas quando duas almas se tocam, mesmo antes de a matéria comunicar. O amor não é senão a impregnação dêsses fluidos, formando uma só alma, como o ódio é a repulsão dessa névoa sensível. É assim que o homem faz parte da estrêla e a estrêla de Deus. Nos vegetais, nas árvores, a alma é interior, pequenina emoção, pequenina alma ingénua e humilde, que se exterioriza em ternura a cada primavera: tocada pelo grande fluido esparso, vem à tona em oiro e verde, em deslumbramento. Nos minerais, na pedra concentrada e recalcada, que dor inconsciente, que esfôrço cego e mudo por não poder abalar as paredes e comunicar com a alma do universo! A pedra espera ainda dar flor.

Para êle estas coisas etéreas são visíveis. Vê tão exactamente como eu te vejo a ti a paixão, o ódio, o amor, os grandes fluidos desgrenhados de piedade e de génio. Há noites em que não resisto: fecho-me com êle a sete chaves para o ouvir. Tem-me estragado tudo. É o doido que em nós prega e nos deixa aturdidos. Às vezes consigo afastá-lo, mas sucede que fico sempre com pena: se o escutasse talvez fôsse mais feliz e mais desgraçado... Desdenho-o, e sinto-lhe a falta quando o não tenho ao pé de mim. Deita-me a perder se me apanha desprevenido. Quási sempre é êle quem manda em minha casa, e, mesmo quando falo como tôda a gente fala, e quando rio como tôda a gente ri, só a êle o ouço no mundo. Diz-me coisas que nunca ouvi, isola-me num vale apertado e scismático, longe de tôda a

terra, arrasta-me e desespera-me. Desaparece como um cão vadio, e quando volta, com lama de todos os caminhos, fôlhas de tôdas as fllorestas, reflexos de todos os enxurros, vem exausto, mudo e feliz. Vem feliz! É êle que me prega:—Tôda a agitação é inútil. Não tenhas mêdo da desgraça!—E eu tenho mêdo da desgraça. À fôrça de hábito cheguei a mantê-lo no seu lugar, mas nunca o pude suprimir, e quanto mais me aproximo da morte, mais saudades levo do Gabiru, que me estragou a vida tôda.

Mora num velho pardieiro encostado à muralha da vila, que à noite redobra de proporções. O granito ennegreceu-o, puliu-o a chuva, e a escadaria de pedra dá calafrios a quem entra.

—Essa alma, essa alma disforme, que vai de mundo a mundo, e que em cada ser realiza uma primavera, é que é tudo. O resto insignificância. É ela que nos devora e faz da morte a vida e da vida a morte...

Dum lado à muralha de dentes arreganhados para o céu, do outro o sórdido pardieiro, no alto a noite de luar como uma camélia gelada. Dentro disto sonho.

Ponho-me a olhar para êle—ponho-me a olhar para mim. Passou a vida naquela inutilidade, de que sai a rever sonho e com os côtos partidos a esvoaçar na noite dorida. Primeiro afundou-se em experiências de laboratório, à procura da pedra filosofal. —Ridículo. Depois na aplicação da electricidade aos vegetais, que se consomem de febre, e se desentra-

nham em flor, sem produzirem fruto. — Grotesco. Agora ninguém o arranca a infindáveis monólogos caóticos: — A morte! a morte! a morte! — Incongruência, obscuridade e dor também; a dor de quem vem da irrealidade, encolhido e transido; a figura estranha de quem se debate com o sonho e sai da luta esfarrapado e doirado. Se o tiram do sonho titubia e não sabe onde põe os pés. Tem as asas partidas. Compreende então a sua inutilidade e desespera-se até reentrar na nuvem que o envolve. Puxa a si o mistério, e, entre as árvores e os fios eléctricos que correm todo o quintal e ligam tôdas as árvores, ouço a sua voz magnética, que impregna de sonho o luar todo branco:

— Isto é um fluido dor, falta-me condensá-lo. É uma nuvem que envolve tudo, que vem do turbilhão da Via Láctea, arrasta tudo consigo, e ascende em espiral até Deus. Não, a sensibilidade não é individual, é universal. Basta ferir a sensibilidade, que vai dos nossos nervos até à Via Láctea, para transformar as noções do tempo, do espaço, da vida e da morte — basta deitar dentro dum tanque uma gota de vermelho para tingir tôda a água. Deito-lhe sonho dentro...

7 de Dezembro

A vila é tumular e encardida, mas oculta dentro dos seus muros um sonho desconforme. Talvez desconexo, mas desconforme. O sonho é dêle: a própria

casa de granito revê sonho. O Gabiru mistura, revolve, extrai sonho do sonho. Debalde o que é mesquinho lhe mostra os dentes: o Gabiru não ouve, não vê, não sente. O sonho isolou-o da própria mulher transida de frio, no casarão que deu à costa como uma nau do passado, com o cavername roído pelo mar das trevas.

É um ser quási etéreo. Nem sei dizer se existiu, se a criei; sei que se sumiu num sôpro cada vez mais efémera, com dois olhos verdes de espanto. Sei que me pegou sonho, e que fui levado, perdido, como uma coisa inerte...

Morreu transida de frio. Uma mulher pálida — o que vale um pássaro. Ternura e dois olhos verdes de espanto. Hesita, mal pousa os pés no chão, chora baixinho, e vai talvez acordá-lo, queixar-se... Não se atreve, e esboça um sorriso logo molhado de lágrimas. Morre de frio. Agôsto — morre de frio. Até para lhe sorrir se esconde, e põe-se então a olhar o muro (vou-te dizer o sítio), a falar com o muro, a queixar-se à grande nódoa de humidade da parede. Um nada de ternura tê-la-ia salvo — ninguém o arranca àquele sonho informe. Morta...

Ninguém. E depois que a perdeu tresvariou. Estende fios no chão entre as árvores, e as árvores, sob o fluido eléctrico, todo o inverno se desentranham em flor. Pegou-lhes sonho também. É um desbarato, uma profusão que as devora. Absurdo.

O quintalório ao pé da muralha, que há séculos revê humidade, não é maior que um lenço; a primavera só chega ali tarde e de mau modo, com pena das árvores de saguão. Mas arrepende-se logo. Já vêem que o absurdo é maior ainda... Dezembro e primavera. O céu gelado, um brilho de estrêlas em engastes novos, e, entre a cárie das paredes, as macieiras baixinhas e humildes como exalações de ternura. Mortas. Mortas, sêcas de sonho. Mortas as árvores desfeitas em flor.

—Êste eflúvio é que é tudo: a torrente de ideas e a torrente de paixões. A minha atmosfera, a alma, penetra a tua atmosfera, e dissolve-a, domina-a, conquista-a. Recua, tateia, hesita. Mas escusas de falar para que eu te entenda. A matéria muitas vezes não me deixa compreender, mas é raro que eu não saiba logo quem tu és, e, mesmo que seja a primeira vez que te fale, as vezes que te tenho encontrado no mundo.—E logo:—A vida perdi-a a sonhar. Depois de morta é que dei com ela. Mas que importa! Acabei com a morte, vou ressuscitá-la. Viveremos sempre, amar-nos hemos sempre...

A noite é de aparato. A lua de coral sobe por trás da montanha em ôsso, e depois na chanfradura das ameias. Mais flores—todos os galhos dão flor. Sente-se, quási se ouve, a dor das árvores, dos sêres vegetativos, ao terem de apressar, de modificar a sua vida lenta, dispersos em ternura.

—Perdi-a, perdi a vida! Esqueci-a como esqueci tudo.

Sob o fluido eléctrico o quintal tresnoita. Cai neve

e abrem os primeiros botões. A árvore transforma-se num ser dorido e esplêndido — transforma-se em sonho — em sonho desfeito em flor, em flores espezinhadas umas atrás das outras por camadas sucessivas. Os ramos espremidos escorrem dor. Até as pedras deitam tinta. O quintal escorre sonho como a alma do Gabiru. Atrevem-se e acordam as coisas apodrecidas, e velhas pedras iludidas põem-se a cantar nesse pio triste dos sapos, que sai da fealdade como uma inútil queixa de desventura. A noite côncava e branca — gelada — cobre indiferentemente tudo isto. Que não cobre a noite? Quatro paredes negras, no fundo remexe o sonho. Perco também a noção da realidade.

— Tanta flor!

— Para a sua cova. — E pondo em mim os olhos atónitos: — O que é preciso é ir buscá-los ao fundo da mixórdia, arrancá-los à obscuridade, juntar outra vez as bôcas dispersas. Não morrer é nada: vou ressuscitá-los...

Imagina o negrume dum poço — imagina dentro o espanto, e não sei que luz viva, não sei que dor recalcada, não sei quê de humilde, que quere viver a pesar de dorido. Vivo, e a pata enorme que espezinha e esmigalha. Escuridão e oiro — silêncio e oiro — espanto e oiro.

— Vê tu a árvore... Uma camada de flor — um grito; outra camada de flor — outro grito. Vê tu a árvore como se transforma num fantasma de árvore, e depois em emoção!...

Suprimir a morte! É uma coisa grotesca. O sonho transborda, o luar transborda — branco e dor — branco e sonho. Depois o silêncio, depois a sua voz magnética — depois a sombra imensa que ameaça desabar sobre nós, no quintal do tamanho dum lenço. Desato aos gritos quando tôdas as roseiras, fartas de dar rosas, secam, quando da catedral e do silêncio caem uma, duas, três badaladas, que me apertam uma, duas, três vezes o coração. E o Gabiru com olhos de frenesi insiste:

— Não morrer é nada, suprimi a morte. O que é preciso é arrancar os outros ao silêncio. É uma coisa simples, é uma questão de síntese.

— A morte, — afirmo-lho — é o repouso eterno.

— Repouso eterno, estúpido! É exactamente o que está vivo, a morte. É o que está mais vivo.

Põe-se a olhar para mim com olhos de espanto sem se atrever a confessar-me a realidade envolvida no sonho desconexo. E eu espero... Deixou morrer a mulher — matou as árvores — devorou a vida. Há uma dor escondida sob esta sofreguidão absurda.

10 de Dezembro

Na escuridade e no silêncio o sonho deita braços desconformes. Pega-se-me. Debalde luto contra o fluido que avança para mim como uma exalação de frenesi e de nervos. A teia invisível rodeia lentamente a inutilidade, a teia dissolve as almas, e fios

impalpáveis apoderam-se da vila quieta e absurda onde só êle se atreve e scisma... ¿Isto é possível ou isto não passa dum sonho grotesco, de mais outro sonho grotesco?

¿De que é feita a tibórnia, o líquido viscoso, côr de sabão, com filamentos verdes, que o Gabiru com olhos de sapo revê no vidro, através da luz — a maior descoberta do século, o sôro que acaba de vez com a velhice e arreda a morte para confins ilimitados? Alguns sais, o sódio, o enxofre, o magnésio, o brómio, o carbone — e sonho. Dezassete elementos, entre os quais a prata, o cobre, o oiro, o arsénico — e dor. Matéria, espírito e concentração. O mistério é êste e mais nenhum: é exprimir como o que é espírito se transforma em matéria, como a poeira se condensa, como a alma se faz corpo. Gritos, mais desespêro. Contar o quê? ¿As noites infinitas, as mãos que tentam arrancar farrapos ao manto em que o mistério se envolve e procuram retê-lo quando êle se dissipa? Outra vez absorpção, outra vez o rebuscar em ti mesmo o inexplicável, e os nervos que tendem e quebram, o cerebro que dói, o lento acordar das vozes submersas, a discussão, o tumulto, e poder distinguir, entre tantas bôcas que falam, a única que tem direito a falar. É desta obscuridade, desta discordância, que emerge a idea de suprimir a morte. Não te rias. Já to disse: é um ser à parte com cotos em vez de asas, que se agitam num desespêro para voar. Não se contenta com esta vida nem dá por ela, mas fica sempre a meio caminho, e

tão dorido que não é possível tocar-lhe. Já to disse: é um ser grotesco que põe em mim os olhos turvos e teima, insiste, repete:

— Sôbre a vila, repara, paira uma atmosfera cinzenta, composta de tôdas as atmosferas: é a alma da vila. E afirma cheio de convicção: — Deito-lhe sonho dentro.

Queira ou não queira faz-me scismar... Na realidade morrer é absurdo. Nunca me capacitei a sério que tivesse de morrer. Morrer é estúpido. Não compreendo a morte, e, por mais que desvie o olhar, prendo-me sempre a essa hora extrema — só essa hora me interessa... Um ser grotesco, um ungüento verde, e aquela voz aos meus ouvidos. É caricato e pega-me doirado.

E o pior é que êste sonho é afinal o meu sonho e o teu sonho. Ninguém o confessa senão a si próprio. O nosso sonho é não morrer. Quando a gente se esquece a vida tem já passado. E quando a vida tem já passado é que nos agarramos com mais saudades à vida. A resignação custa muitas horas doridas em que ficamos alheados e suspensos. A morte... A morte é inevitável? — pregunto baixinho. E como a morte é inevitável, como não lhe posso fugir, para não perder tudo, criei a outra vida. ¿E afinal quem sabe se êste sonho que a humanidade traz consigo desde que pôs o pé no mundo não é o maior de todos os sonhos e o único problema fundamental?

A verdade é que teima. Não nos larga na vida e levamo-lo escondido para a cova. A verdade é que foi esta sempre a nossa maior aspiração, que há-de acabar talvez por se converter em realidade. Temos construído o universo assim, podemos construí-lo de outro modo. Falta só um passo... A vida eterna admitimo-la, mas, no fundo, o que nós queremos é êste sol, esta pobreza, esta dor, estas ilusões moídas e remoídas. Deixem-nos a vida que acceitamos tudo. Aqui há, portanto, um êrro primário. Protestas do fundo do teu ser: a morte é absurda. É preciso cortar um nó que não existe. E passar do império do possível para o império do impossível é talvez uma questão de vontade. A vida é um acto de fé de todos os instantes. Acordo e grito: — Eu não vivi! eu não vivi! — E cada vez o meu protesto ascende mais alto. Quero tornar a viver a mesma vida aborrecida e inútil, quero recomeçar a desgraça.

Ninguém pode com semelhante pêso. Não há quem possa com êle. Na solidão, a primeira coisa que procuro é a ninharia para esquecer a morte. Um minuto sós a sós com o espanto, recamado de mundos, que caminha desabaladamente no silêncio, dura um século e outro século ainda. Não posso, nem tu nem eu, viver sôbre o fio duma espada e olhar para a voragem dum e de outro lado; não posso arcar todos os dias com esta usura que me gasta sem mergulhar na insignificância. E agora até a insignificância me é impossível. O silêncio... O pior de tudo é o silên-

cio e o que se cria no silêncio, o que eu sinto que remexe no silêncio...

Carrega em cima de nós tal pêso que ninguém o suportava se desse por êle. É o pêso do espanto.

Juntem a isto a vila comezinha, e o negrume que levanta os cotos esfarrapados, como se fôsse voar, quando o padre Timóteo dá o seu passeio habitual no pátio da Misericórdia, e, na meia dúzia de metros quadrados com árvores éticas do jardim, as Sousas arrastam os vestidos, última moda do Grandela. Juntem a isto a grande nódoa de humidade a que ela costumava queixar-se. Juntem a isto a Morte e aquela voz de desespêro cada vez mais frenética, que não cessa de prègar, e que me põe em frente de mim mesmo, que é o que mais temo no mundo.

—O que eu quero é tornar a viver. A minha saudade é esta. O que eu quero é recomeçar a vida gota a gota, até nas mais pequenas coisas. Não reparei que vivia e agora é tarde. Sinto-me grotesco. Recomeçá-la nas tardes estonteadas da primavera e na alegria do instinto. Encontrei há pouco uma árvore carcomida: deixaram-na de pé, e um único ramo ainda verde desentranhou-se em flor... Pudesse eu recomeçar a vida! — Cala-te! — ¿Terei de confessar a mim próprio que nunca amei, que nunca fui arrastado até ao âmago pelo desespêro ou pela paixão, e que de tal forma se me entranharam as palavras e regras, que passei a vida a mascar palavras e regras? ¿Terei de confessar a mim mesmo que von

para a cova com a bôca a saber-me a vulgaridade e a pó? Antes me soubesse a fel — antes a dor!... — Mas sonhaste, estúpido! — Sonho. ¿ E o que me resta nas mãos inermes, nas mãos para que olho com espanto e terror, nas mãos de velho, senão grotesco, farrapos de grotesco, restos de grotesco, com alguma tinta em cima?... Não; viver é que é bom, viver com o instinto, como os ladrões e os bichos, os malfeitores e as feras, sem pensar, sem sonhar, sem palavras nem leis, até cair a um canto, morto e feliz, de barriga para o ar. Isso sim! isso sim!... — Quantas conversas temos tido juntos! quantas discussões inúteis! quantos desesperos de que não há sair, batendo com a cabeça na mesma parede! Às vezes subjugo-o: — Cala-te! cala-te! — Às vezes fala êle mais alto e domina-me. Rio-me de ti e impões-te-me. És ridículo e só tu te atreves; só tu és feliz porque te atreves a dizer inconveniências sem fé nem lei. Só tu não tens método, só tu te fechas a sete chaves à tua vontade, livre, feliz e desprezado. No fundo invejo-te.

Aquilo incha, trasborda, como um rio que alaga tudo. Pega-se-me e molha-me. Aturde-me. Só êle fala no mundo, cada vez mais obcecado e mais alto, com interjeições e gestos desordenados pelo meio: — Estúpido! — Hei-de falar! quero falar! hei-de por fôrça falar! — E há aqui dor e ridículo. Há um esgrouviado a dizer vulgaridades, e uma coisa que vem da raiz da vida num frémito e que me mete mêdo. Um bafo, e logo mil vozes que aproveitam o

momento e desatam a prègar sem tom nem som. — Tôda a gente se ri de ti... — Deixá-lo. — Tôda a gente se ri! tôda a gente se ri! — Quero por fôrça tornar a viver! hei-de por fôrça tornar a viver! Sinto que a minha vida não termina aqui. Êste sonho hei-de levá-lo a cabo.

Debalde lhe aconselho calma, o Gabiru insiste:

— Entrevejo na morte um sofrimento atroz. O inferno não é uma palavra vã. É um desespêro sem consciência nem gritos. A vida não é senão uma trégua — um ah — e logo um mergulho nesse inferno de dor. Na dor estreme. Eis o que é a morte: a dor estreme, a dor emmudecida. O terror instintivo da morte é uma advertência. Não quero morrer e vou ressuscitá-los!... Viver sempre! amar sempre! sonhar sempre! — que esplêndido sonho! A vida é quási nada. Tudo que custou tanto desespêro, tudo sumido num buraco para sempre. Ouves? Para todo o sempre. ¿De que serviram os gritos, as lágrimas, subir, trepar, chegar ao tôpo do calvário? Para todo o sempre! Bem sei: aquilo a que me apego é impalpável: é a mulher que passou, assomando-lhe ao focinho uma expressão de ternura, e que nunca mais tornarás a encontrar; é aquela manhã de chuva em que nos molhámos juntos (e ainda me sinto molhado) e se não repete; é o minuto que nos escorre das mãos como fio de água, mas doira-o o sol, e é êsse mesmo minuto translúcido que quero tornar a viver, sem a sombra da morte a meu lado. É a essa ninharia que é a vida, a que deito as mãos com desespèro. A vida

é nada — é esta côr, esta tinta, esta desgraça. É saudade e ternura. É tudo. É os meus mortos e os meus vivos. Levo pena de tudo, até da fealdade. Agarro-me a tudo, tudo me prende, o sonho que não existe, as horas inúteis, o possível e o impossível. A floresta não faz parte do meu ser, e eu tenho aqui a floresta, o som e o aroma da floresta, a vida da floresta; o céu não faz parte do meu ser, e eu sou o céu profundo, o céu trágico e o céu esplèndido. Dá-me a vida — dou-te tudo em troca... Agarro-me como um náufrago, agarro-me com uma saudade, que vem não só de mim, mas de muito mais longe, da base mesmo da vida. Para sempre! para todo o sempre! — E, com um suspiro mais fundo, repete: — Suprimi a morte, vou ressuscitá-los!

Trago comigo um pó capaz de doirar a própria eternidade. Não sei donde me vem, nem por que nome lhe hei-de chamar. Tôdas as noites sufoco diante do negrume — êle reanima-me. Insiste diante das fôrças desabaladas e da imagem da morte. Quero a vida! quero-a! quero-a vulgar, tumultuária e cega. Inerte não! inconsciente não! Tenho-lhe horror.

Se com o nosso esfôrço colectivo forjamos o mundo ¿porque deixamos a morte de pé? Criei o universo. Destaquei da massa confusa o tempo — destaquei o sonho.

Fui eu que dei valores e perspectiva ao quadro. Fui eu que lhe entornei ilusão. Na verdade só exis-

tem côres como só existem gritos. Porque não hei-de acabá-lo? É talvez uma questão de vontade. Se até para dar o primeiro passo precisamos de crer ¿porque não havemos de dar o último passo? Ilusão, mentira? Mas eu é que faço a verdade e a mentira. Dou-lhes o meu bafo. Deus cria-me a mim, eu crio Deus. Uma verdade pode não existir. Com uma mentira posso forjar outro mundo. Arredemos de vez êste suor frio.

A noite vem, a noite avança. Sinto os mortos. Ainda vivo, já estou em seu poder: faço parte da legião. Noite imensa sem gritos. Pior que sofrer — é não sofrer — para sempre. É nunca mais sentir. É ter as órbitas vazias voltadas para o céu e nelas não se reflectir a luz das estrêlas. Mais um passo e é o silêncio absoluto. Mais um passo e tapas-me para sempre a bôca.

Não me importa ser feliz — não me importa ser desgraçado. O que me importa é o que há depois, é o que está por baixo da terra e o que está por cima da terra.

Já não luto. E êle insiste e cada vez prega mais alto:

— Eu não vivi. Que importa, vais morrer! Para sempre, para todo o sempre, o mesmo buraco donde não sai rumor. Escuta isto: donde não sai rumor. Repete isto: para todo o sempre. Nenhuma explica-

ção te é lícita, nenhuma transacção é possível. A morte não espera nem atende. É estúpida. Primeiro é estúpida, depois é incompreensível. É tremenda porque contém em si mistificação ou beleza. Absurdo ou uma beleza com que não posso arcar. O nada ou uma coisa que a minha imaginação não atinge. Se é o mistério, e se desvenda dum golpe, apavora-me. Se é o nada repugna-me. Apenas um minuto, e lá em cima as mesmas estrêlas, e outros vagalhões de estrêlas... Para ela tanto vale um segundo como um século, carrega um ser inútil ou um ser delicado com a mesma indiferença para o túmulo. Tens passado a vida a esperá-la. ¿Que outra coisa fizeste na vida senão esperar a morte? É a tua maior preocupação. Debalde a arredamos: a vida não é senão uma constante absorpção na morte. ¿Então para que nasci? ¿Para ver isto e nunca mais ver isto? ¿Para adivinhar um sonho maior e nunca mais sonhar? ¿Para pressentir o mistério e não desvendar o mistério? Levo dias, levo noites a habituar-me a esta idea e não posso. Tenho-te aqui a meu lado. Nunca se cerra de todo a porta do sepulcro. Estou nas tuas mãos... Adeus sol que não te torno a ver, e água que te não torno a ver. Árvores, adeus árvores que minha mãe dispôs; adeus pedra gasta pelos seus passos e que meus passos ajudaram a gastar. Para sempre! para todo o sempre! Tenho-te horror e odeio-te. Interrompes os meus cálculos. És o maior dos absurdos. Ver para não ver, ouvir para não ouvir, viver para morrer!...

E aqui te faço uma confissão: o que mais me custa a largar é, como à cobra a pele, a vida comezinha. Se é a vida superior é também o meu lume. É o ruído monótono da chuva nas vidraças. Além da alma há outra alma que se apega às pequenas coisas, à coluna de oiro perfumada que me entra de manhã pela janela — outra alma humilde e pequenina, que se acomoda com um fio de água, um cantinho de lume... É a alma da matéria. Não, o fim lógico da vida não é morrer, é viver sempre, é ascender sempre. Até onde? Até Deus. Vou ressuscitá-los! Vou ressuscitá-los! E em êles se pondo a caminho vais ver doirado. A vida toma novo impulso. Desaparecendo a morte é que tu abranges a vida. Vais ver a côr que toma o mundo, as tintas que o mundo escorre e as flores que as árvores criam... Vou ressuscitá-los! Vou ressuscitá-los!...

A terra remexe. Sinto um esfôrço e revive o suor da desgraça; um arranco na profundidade, e tôdas as primaveras dispersas não tardam, uma atrás de outra, a reflorir. Há sepulcros até ao fundo do globo. De mais longe vem um ímpeto — são outros mortos ainda. Uma sombra desmedida, uma sombra que se despega da obscuridade, com tôdas as lágrimas que se choraram no mundo condensadas, vai desabar sôbre nós. As suas palavras criam. O pior foi tocar-lhe! Neste debate entra agora o mundo todo. Entram as árvores e as pedras. Não há dúvida para mim: quando sair disto tenho renascido: o mundo não é o

mesmo mundo, o céu o mesmo céu, a vida a mesma vida. O que existe é outra coisa doirada e imensa, esfarrapada e imensa. Põe-se a caminho outro panorama, como se todo o infinito de repente se aproximasse de nós, com os seus mundos e o seu mistério indecifrado. Põe-se a caminho a imensa floresta apodrecida, outras árvores como nunca vi árvores, e outros sêres desmedidos e frenéticos. Põe-se a caminho uma vida que há muito sentia aqui ao lado, sem me atrever a olhá-la. Tudo mudou de repente. Repara que o céu aumentou em profundidade. O que existe são gritos, o que existe é o espanto. O pior foi tocar-lhe...

Um remexer de treva, que até agora pudemos recalcar, soltou-se da escuridão e pôs-se a caminho. Já não há esforços que a contenham... Um borrão trágico avança — outro borrão informe prepara-se. Os mortos empurram os vivos — desde profundidades desconhecidas...

Passa no mundo a estranha ventania: é a morte que custa a separar da vida. O rasto que fica atrás, a perspectiva que fica adiante foi cortada. A morte está aqui dum lado, está do outro a vida. Tinha raízes enormes: arrancaram-lhas de vez. Agora atrevo-me a tudo. O turbilhão colérico abala o mundo, oiro e negro, esplêndido e feroz. Desenraíza tudo. As almas acordam num sobressalto, e não há homem que se não ponha à escuta. Passa no mundo a doida ventania das nossas aspirações secretas, das nossas

dúvidas, dos nossos desesperos. É uma voz — são muitas vozes. É um grito — são muitos gritos. — É o grito contido há milhares de anos, o grito dos mortos libertos.

A VILA E O SONHO

18 de Dezembro

Em lugar do uso de palavras fazia isto melhor com o emprêgo de dois tons — cinzento e oiro: uma nódoa que se entranha noutra nódoa. O sonho turva a vila como a primavera toca neste charco só lôdo e azul: tinge-o e revolve-o. Mas o hábito de tal forma se entranhou na vida, que coabitam com o espanto e continuam a ir à repartição. Horas na tôrre. Mais silêncio. A morte roda aqui por perto, alguém fala: — Então como passou? passou bem? — O hábito tem profundidades de légua.

A princípio olham-se desconfiados, com mêdo uns dos outros. Sem dúvida gostam de viver mais um século, mais dois séculos, mas não sabem ainda que emprêgo hão-de dar à existência. Não se lhes dava mesmo de morrer com tanto que continuassem a jogar o gamão no infinito. O que lhes custa mais a perder não é a vida, são os hábitos. Vêem-se e não se reconhecem. Há almas embrionárias, velhos lojistas que olham para si próprios com terror. A maior parte da gente nasce, morre sem ter olhado a vida

cara a cara. Não se atrevem ou ignoram-na: a outra existência falsa acabou por os dominar. Não há máscara que não custe a arrancar — há mentiras que teem raízes mais fundas que a verdade. Por isso, para uns não morrer é continuar a jogar o gamão pela eternidade, para outros é juntar uma moeda a outra moeda, um dia a outro dia inútil. Sempre... Já na botica dois idiotas recomeçaram com escrúpulo uma partida que deve durar cem anos, e o bocal amarelo, as moscas mortas estão ali com outro ar. Fixaram-se. Estão ali embirrentas e sórdidas para tôda a eternidade.

Pouco e pouco o sonho dissolve, a nódoa de oiro alastra. Vai mexer com o subterrâneo, acorda os mortos, desenterra o sonho submerso há dois mil anos, sobressalta o instinto, bole com tôdas as almas sobrepostas até ao fundo da vida. Transforma, volta a existência do avêsso, deita o muro abaixo. Por ora é só uma idea, mas sai-nos de cima o pêso do mundo... Mexe em tudo, revolve tôdas as raízes que se apoderaram da vila. O sonho cai na regra, no charco de interêsses, na hipocrisia que se não atreve, nos dentes afiados que se transformaram em sorrisos, na paciência de quem espera uma herança com vagares de quem tece uma teia. Certas existências são formidáveis, outras existências são como alcovas onde nunca entrou a luz (cheiram a relento) e onde agora se agita e gesticula um ser desconhecido. Certas existências são feitas de ódio minúsculo, de inveja que sorri — porque nem a inveja se atreve.

Certas existências são crepusculares. Em certas existências são os mortos que ordenam, muito mais vivos e imperiosos depois que estão no sepulcro. Quási tôda esta gente se desconhece. Nunca se atreveram e agora preguntam-se: — Sou eu? sou eu?

Aqui estou eu que finjo que sorrio, e acabo por fingir tôda a vida. A minha vontade era anular-te — e finjo, e o sorriso acaba por ganhar cama, a bôca por se habituar à mentira, a ponto de já não saber discernir o meu ser, do ser artificial que criei peça a peça. — Pois sim... pois sim... — Mas atrás disto há outra coisa — há fel. E quando tiro a máscara? Mas eu já não posso tirar a máscara, mesmo quando me fecho a sete chaves: a mentira entranhou-se-me na carne. Êste fantasma chegou a ter mais vida que a própria realidade. E aqui andam também outros sêres. Eu não sei quem sou e até o meu metal de voz estranho. Eu não sou quem falo. A meu lado, atrás de mim, vem um cortejo de fantasmas, uma cauda disforme que me conduz e empurra, e adiante de mim há uma projecção de vida até aos confins dos séculos.

Acaba a hipocrisia. Acaba principalmente a hipocrisia para connosco, mais difícil de largar que a própria pele. Eu minto mais a mim mesmo do que minto aos outros, finges tanto com a tua alma como com a minha. Primeiro é a hipocrisia que descasca. Acabou! acabou! E com espanto ouço e desconheço a minha própria voz.

É que a morte regula a vida. Está sempre ao nosso lado, exerce uma influência oculta em tôdas as nossas acções. Entranha-se de tal maneira na existência, que é metade do nosso ser. Incerteza, dúvida, remorso... Nunca se cerra de todo a porta do sepulcro, sentimos-lhe sempre o frio. Agora não, a vida pertence-nos. A morte não existe, desapareceu a morte...

Ali a um canto um ser desata a rir, a rir, a rir como nunca ninguém se riu.

E, através da pedra destas fisionomias, transparecem já outras fisionomias: as velhas, como uma roda de aranhas de penante na cabeça, apertam o círculo em volta da majestosa Teodora. São anos de paciência, de inveja e de fel — são anos de tragédia. Sobressaltam-se as futilidades que estavam para durar séculos, mas ninguém arrisca ainda um gesto que o comprometa. Teem-lhe obedecido de rastros. O tempo passa, e com o tempo esta luta entre o inferno e o sonho revestiu-se de cimento e de grandeza.

Obedece e sorri a Eleutéria. Mói, tem moído a vida inteira. Mói-se a si e aos outros. — E o tempo passa... — Obedece e sorri a Adélia, que esperou, tem esperado a vida inteira. A miséria conserva: tem os cabelos pretos. Seis, doze vinténs desequilibram-lhe o orçamento: perde-os tôdas as noites com um sorriso de angústia. — Obedece e sorri a Porfíria, que é a pior de tôdas; é feita de destroços e de restos. A aquiescên-

cia também está presente com a D. Restituta, de guarda-chuva na mão, acenando sempre que sim à vida: — Pois sim... pois sim. — Faz-se um pouco surda para só ouvir o que lhe convém. Nunca diz mal dos outros, nunca repete numa casa o que ouviu cá fora Às vezes, de noite, vira-se revira-se na cama, mas nem sòzinha se explica: suspira. É na aparência um pouco trôpega, um pouco adoentada e surda: tem uma saúde de ferro e um filho escondido. E ao passo que a D. Restituta, tendo dito a tudo que sim, tendo dito a tudo e a todos que sim, já não pode dizer, com o mesmo esgar, senão que sim: — Pois sim... pois sim... — a Adélia é ríspida: um vestido, um chale, um chapéu de plumas, e o desejo exasperado de tôda a sua vida (tem sessenta anos) de ter uma sala de visitas com dois castiçais de prata e um álbum. O álbum lá está, na sala que cheira a bafio, e há vinte e dois anos que dois paninhos redondos de croché esperam os castiçais de prata. Obedecem as figuras secundárias, atentas e imóveis sôbre o jôgo, dependentes umas das outras, ligadas pelo mesmo interêsse. A alma destas velhas chegou assim a ser prodigiosa. Façam o favor de entrar... Algumas flores murchas num cantinho com môfo. Depois paciência, avareza, depois um vasto campo funerário, onde passa o vento da desolação como na retirada da Rússia. E dominando a païsagem dois ou três marcos geodésicos. Lá no fundo uma pègada de vida empoçada e que reflecte o céu: ali se miram e remiram na sua mocidade. Notem: nenhuma disse uma pala-

vra mais alto. Tudo isto se fêz pelo lado de dentro— tudo isto cresceu pelo lado de dentro, de tal forma que se fôsse material não cabia no mundo, com colunatas, pórticos, destroços e subterrâneos, como uma catedral gótica. Aqui nesta cripta está o relento, branco e mole, criado na escuridão e no silêncio, branco e mole, branco e sem olhos. Várias sepulturas com estátuas jacentes e, mais adiante, sôbre sarcófagos, a Tradição e a Fórmula, que durante os anos que durou a bisca defenderam a majestosa Teodora dum envenenamento. Aqui agora — cuidado! — a escuridão é viva, a escuridão é sonho, é sonho requentado como um acrescento de todos os dias, sonho com que não podem mais, ao lado da vida quotidiana. Como sempre as velhas deitam-se cedo, rezam o têrço, e antes de dormir juntam um pormenor ao sonho inútil, uma figura aos nichos, um pórtico aos pórticos, um terraço aos terraços — até que adormecem com um sorriso cândido e um cheiro pela bôca que tresanda... Aqui com o tempo acrescentou-se um alto relêvo esquecido; aqui as figuras são figuras de delírio; aqui a nave atinge alturas desconexas sustentada num único pilar; aqui abre-se uma ogiva com vitrais, que esclarece a uma luz funérea um quadro indistinto, e que é talvez a recordação dum amor já morto — porque elas também amaram — aqui o mistério envolve-se em sombras condensadas, onde agoniza um Cristo exânime que mete mêdo. Adiante num friso incompleto com uma cidade fantástica, campeia o diabo; depois um re-

mate enfumado, cachorros sustentando uma arcatura, onde se admira a delicadeza e a abundância de ornamentação (é a paciência); e, neste canto, mais sonho, entre negrume acumulado, treva viva num buraco de treva, que a si própria se ennovela num desespêro, até que não cabe na catedral, irrompe para o lado de fora e chega num jacto ao céu... Isto não é a catedral de Burgos — é a catedral do fel e vinagre.

Tôdas aceitavam a morte e a vida quotidiana. Resignavam-se. Mas o que esta palavra representa de sonho desfeito em fumo, de cóleras inúteis, de inveja inútil, de bolor e de despeito, tradu-lo a paciente D. Hermínia por êste grito feroz:

— Estou farta, senhor padre Ananias! Estou farta de o aturar a si, de aturar os outros, e de me aturar principalmente a mim mesma!

Tôda a gente dá a mesma ferocidade, ódio e instinto. Espremidos deitam as mesmas paixões. Uns ignoravam-se. Outros usavam a vida em manias Outros gastavam-na em grotesco. Outros habituavam-se. A paciência era pegajosa. A paciência tinha uma côr especial, verde desbotado, que mal feria a vista, e um filho, a cobiça, tal qual como a D. Restituta, que encrespa o pêlo e se põe de pé com o guarda-chuva em riste.

Cada ser me perturba como se contivesse em si o céu e o inferno. Bem sei que a fórmula não é inútil:

ao contrário a máscara é indispensável e é por ela que nos julgam. Mas, a pesar de criarmos o mesmo bolor e e nos sepultarmos ao mesmo tempo com certa comodidade sob alguns palmos de terra, há qualquer coisa que remexe e que faz parte integrante da vida. Até o escuro se eriça — até a grande sombra se deforma. — Muita gente na vida só conta com a morte. A D. Desidéria desata aos ais. E é com secreta satisfação que vejo esfarelar-se êste edifício tão bem construído sôbre bases que pareciam inabaláveis, do interêsse, da hipocrisia e das conveniências... Impelidos por uma mola dão todos um passo em frente, e há três dias que os padres se descompõem na colegiada sem se chegarem a entender: — Lá vai o inferno! lá vai o inferno! — E efectivamente, dum instante para o outro, lá vai o inferno que tanto custou a fazer, e outras sombras temerosas reduzidas a cisco. La vai o scenário admirável e monstruoso, tôdas as regras, todos os papéis pintados, que atravancavam o mundo, e eram pelo menos metade da nossa existência. O que tinha uma importância extrema passsou a não ter importância nenhuma; o que parecia indispensável à vida, e sem o que se não dava um passo na vida, reduziu-se num minuto a zero. E outras coisas insignificantes assumiram proporções enormes... Os padres clamam num côro desesperado: — Acabou o inferno! acabou tudo! — Descompõem-se na sala da colegiada que deita para o passado: — o claustro com um pé de oliveira, e dois túmulos encravados na parede, sceno-

grafia para o Hamlet, — ser ou não ser eis a questão... Cheiram a urina e a ranço. — A religião sem inferno está perdida. — Mas lá por o homem ter suprimido a morte, não deixa de haver inferno — insinua o estúpido cónego Fazenda. — Isso está claro que não deixa, obrigado pela observação, mas é um inferno tão distante que não mete mêdo a ninguém. — Protesto! — Lá vai o inferno! acabou o inferno!

Lá vai também o céu, mas o céu não faz falta nenhuma.

Já não há esforços que contenham o mundo subterrâneo que se pôs a caminho. Aos mortos cheira-lhes a vida, a saque, a infâmia. A poeira remexe. Por mais que queiram conter a vida dentro de certos limites, ela extravasa e vem à supuração; por mais que a queiram comprimir estala por tôdas as costuras. É inútil. Além da vida aparente, há outra vida de ódio, de sonho, de interêsses ocultos. É a vida, é o que eu scismo de noite e me sustenta de dia. É o desejo de extermínio, é o sonho que arredo e me pega fuligem: são os restos de sonho de tôda a gente. Em tôdas as almas, como em tôdas as casas, além da fachada, há um interior escondido. Saem dos antros entontecidos e respiram, olham o céu e respiram. Saem dos buracos e põem-se a rir, ou falam só, o que é a primeira vez que sucede na vila. Emergem da noite e vão deixando cair os farrapos. Respiram com sofreguidão, os gadanhos afiam-se-

-lhes, e o mesmo desejo os domina: a vida! a vida! a vida!

Só esta velha parou de remexer nas cinzas frias. Petrificou-se mais, petrificou-se mais ainda, e a figura exprime, na imobilidade trágica, sonho e desespêro, dor e desespêro, noite e desespêro...

É um êrro supor que o homem ocupa um espaço limitado no universo: cada homem vai até ao interior da terra e até ao âmago do céu. A parte de cima foi cortada, mas o que resta da alma é um poço sem fundo. Uma obscuridade. Por vezes fala a lei e o hábito. Intrometem-se coisas abjectas a que não sei o nome. Agora é a vez do impulso — agora é a vez do interêsse. A mania também tem os seus direitos. De mais baixo ascendem ordens que se não chegam a formular. Desço mais fundo no poço e encontro restos sórdidos e candura. Por baixo sonho — por baixo fragmentos e gritos... As velhas, por exemplo, não são más, mas teem atrás de si séculos de ruína e de destroços. Há-as que acordam sempre com a bôca amarga. Já tiveram vinte anos, e cada uma delas suporta uma cauda de desespêro, de ilusões desfeitas, de ilusões intactas, de desejos irrealizados, que lhes pesa como chumbo. Cada velha arrasta consigo uma porção de cadáveres... De mais fundo vem outro impulso... Começo a ouvir vozes que supunha de todo extintas: acordam e de tal forma se impõem, que a D. Procópia desata a falar sem tom nem som.

Nessa vasa, nesse lôdo adormecido, jaziam sêres ignorados que veem à superfície: sentem-se no silêncio as mãos agarrando-se às paredes. Um a um todos deitam raízes tremendas. E a nódoa imensa alastra, a nódoa desordenada, que satura de oiro a insignificância e o génio, a nuvem que envolve a D. Inocência, encrespa os cabelos à D. Leocádia, fêz esquecer a dispepsia ao D. Prior, arreganha os dentes à D. Restituta. Pega-se. Torna uns mais ridículos, concentra outros. Vai remexer no que estava sepultado há dois mil anos, no bolor e no bafio, nas paredes compactas da Sé, nos santos imóveis nos seus nichos, na inutilidade e no hábito. E doira, doira, doira; doira o Teles e o Reles, doira a hipocrisia e o mêdo, o egoísmo e o interêsse. E ao mesmo tempo que os transforma, põe-nos frente a frente a uma coisa estranha que não admite subterfúgios — à realidade.

Desaparecendo a convenção e as palavras ¿que vai sair daqui de temeroso e de ridículo? Transformado o mundo ¿com que olhos vamos ver o mundo? ¿Tudo isto eram frases e só existem instintos? ¿A honra era uma frase, o dever uma frase e a vida um scenário? Cada ser é capaz de tôdas as perguntas e de tôdas as respostas. Escorre tôdas as tintas e possui tôdas as côres, e só por hábito adquirido há séculos é que conseguimos olharmo-nos cara a cara, quanto mais alma a alma.

Há diálogos na obscuridade em que se empregam palavras que nunca se usaram, e figuras que já não são as mesmas figuras. Todos nós somos disformes.

— Deixem-me! deixem-me! — Agora quando falam já não é para dizer coisas convencionais. — Estou à espera, tenho estado aqui à espera tôda a minha vida. — À espera de quê? — À espera desta hora suprema, à tua espera... — Mas fala... — Não posso, só com gritos é que posso falar... — A outra coisa temerosa sacode-os... — Tu ouves? — Não te quero ouvir. Se consegues ficar comigo sós a sós, sinto que estou perdido. Tudo que me deu tanto trabalho a construir, alui-se num único minuto. Teimo em me defender — teima em se fazer escutar... — Tu ouves? tu ouves?... — Mas tu não existes... Ou tu não existes ou só tu existes no mundo... — Estremecem até à base da vida, e, neste cataclismo, ainda se lhes pegam coisas vulgares e coisas inúteis — o que se faz e o que se não faz, o que se usa e o que se não usa, as conveniências e os hábitos rançosos. Há diálogos formidáveis na obscuridade. Há almas extáticas, há-as reduzidas ao espanto. — Ouves? — tu ouves? — Não tenho a que me apegue, mal ouso pôr os pés. Até agora sabia quem era, ou fingia sabê-lo, agora pregunto se sou a D. Leocádia, a D. Procópia e a D. Penarícia? Só posso viver ligado a certas palavras, a certos factos, a certas bases que julgava indestrutíveis, e um nada destruíu tudo isto, transformou de todo a vida. O sonho tem outra côr, e a nódoa de oiro alastra, corrói, mistura-se a nódoas mais escuras e mais fundas, penetra, dissolve, produz logo manchas corrosivas como úlceras.—Frases ainda êles as teem, mas o pior é que cada um sente

com espanto que já não subverte a verdade. Pregunto a mim mesmo se a deixo morrer, ou se a deixo viver mais duzentos, mais trezentos, mais quatrocentos anos? Agora que a sua vida só depende de mim, pregunto a mim mesmo se a deixo viver — contra os meus interêsses? Eram tremendas as questões de dinheiro que a morte resolvia. Quem as resolve agora? Debatem-se em cada consciência problemas que só teem uma solução — a morte. Escusas de desviar o olhar: só teem uma solução — a morte. E do mais fundo ascendem outras vozes e falam cada vez com maior desespêro. — Não desvies o olhar. Tu ouves?...

Assim como esta clamam as vozes interiores, mais alto, sempre mais alto, imperiosas, as vozes da multidão que constitui a tua alma. Isto coincide com o grotesco dos homens de calva e ventre gorduroso, meios nus em plena praça, sem se atreverem a vestir-se ou a largar de vez os trapos convencionais; isto coincide com uma primavera antecipada, em que as árvores, sentindo talvez que vão ser a nossos olhos apenas coisas utilitárias, se apressam a dar flor, em que os céus nocturnos e sem mácula parecem ter gelado em azul com fundos de oiro revolvido...

Alguns põem-se a caminho e marcham com olhos inquietos. Passa essa sombra trágica, a mulher do Anacleto. Estes dois que foram sempre pessoas consideradas, com assento na existência, e que usam a cabeça como quem usa um resplendor, o Elias de

Melo e o Melias de Melo, sentem um baque que os amolga. Porquê? Êles teem tudo em dia, as contas, os livros, os escrúpulos. A praça considera-os, Deus considera-os. — A nossa mãe morre... — E não tiram o lenço dos olhos. — Veneram-na. Mas o respeito pelos pais só resiste emquanto os pais respeitam o interêsse dos filhos. Há decerto uma lei moral, mas há sempre por trás uma bôca a prègar. Uivos, gritos, exasperos. É a transformação do grotesco em ferocidade, é a camada de hipocrisia que custa a romper. Imaginem isto: imaginem o lojista em debate com a vida subterrânea, o lojista deparando pela primeira vez com uma alma esplêndida, e a D. Adélia, de chinó postiço, fechada numa gaiola com a verdade e aos saltos uma à outra.

Foi grotesco, começou por ser grotesco. Mas escuta-te: é um mundo que lá tens dentro, é uma multidão que se prepara para o assalto. Estava adormecida, acordou. Mete mêdo. E pregam, açulam-se, avançam direitos aos seus apetites, ao saque, à guerra, à luxúria. Continham-na arames enferrujados, o mêdo da morte, o hábito de crer em Deus (sabendo bem que Deus já não existia), fantasmas, cacos de armadura que derruíram dum dia para o outro. Descobrir que não há Deus que alegria! Põe a gente à vontade. Respira-se de outra maneira. Descobrir que a morte não é inevitável endurece. O mundo muda de aspecto. Agora é que eu contemplo a vida — e me perco na vida. Começo a ter mêdo de mim mesmo e não me posso olhar sem terror. ¿Que é isto, êste

sonho, esta dor, esta insignificância entre fôrças desabaladas? Onde hei-de pôr os pés? Eu sou a árvore e o céu, faço parte do espanto, vivo e morro ligado a isto. Sou temeroso e ridículo. Não me desligo do turbilhão azul, sem nome, que me leva arrastado, estonteado, iludido, e ao mesmo tempo discuto, nego e afirmo. Sou ridículo e construí o mundo. Sonho e acabo reduzido a pó. Sou capaz de tudo e um nada me abate. Sou sórdido e fútil e não tenho limites — vou de mundo a mundo e de espírito a espírito. Dei alma às coisas inertes, significação ao universo, vida ao que não existe, luz às estrêlas — e no fim acabo grotesco. Sou nada entre o pélago e sem mim tudo se afunda no pélago. O que olhava com indiferença mete-me agora mêdo. Não posso com o mundo transformado, com outros sêres, e onde não me desligo duma fôrça cada vez maior e mais desabalada.

Preciso de olhar para mim, sou forçado a olhar para dentro de mim mesmo, a encarar comigo mesmo, e ou desato a rir ou fujo transido de pavor. Não me posso compreender no universo, não entendo esta luz insignificante no negrume gelado, nem esta discussão interminável no silêncio absoluto, nem êste ridículo, nem esta figura mesquinha que representa o mundo. ¿Com que destino rio ou choro entre o enxurro de oiro e os impulsos tremendos que veem não sei donde e caminham desabaladamente para um fim que não distingo? Tenho mêdo de mim mesmo! tenho mêdo de mim mesmo! Nunca o acaso pa-

riu nada tão monstruoso e tão grotesco como isto a que se chama a vida. Tenho mêdo de mim mesmo! Cada vez me sinto mais abjecto e mais transido — cada vez me sinto maior e mais capaz de tudo. Não me posso olhar nos olhos, com mêdo de ver o que nunca vi, em todo o seu horror e em tôda a sua nudez. Grito.

Gritos — gritos — gritos ainda sufocados. Ouço-os na noite imperturbável, na harmonia esplêndida, na árvore e na pedra. Mais gritos no turbilhão dos mundos, e atrás dêsse turbilhão outro maior — e mais gritos ainda. A ternura sou eu que a presto ao absurdo e à dor. O que fica na realidade são gritos. A harmonia parece imensa porque as coisas não teem bôca para prègar — ou não as sabemos ouvir. Tudo isto se reduz a dor muda, a dor intolerável num escantilhão de desespêro — de desespêro sem significação — de desespêro cada vez maior. E sempre outras bôcas pregam mais alto na noite que não tem limites, outras bôcas que nem sequer existem. Levanta-se a poeira trágica, a poeira que anda espalhada há milhares de anos, a poeira dos mortos e a poeira dos vivos. Mais poeira ainda, que vem dos confins, tôda a poeira dispersa, que já foi ternura e desgraça, poeira desaparecida que foi sonho, poeira inútil que foi dor.

Os maiores dramas passam-se porém no silêncio.

23 de Dezembro

«Se ela morresse...» Esta idea ao menor obstáculo, esta idea a que eu fujo e a que tu foges, e que ambos arredamos, mas que se obstina até a propósito dos que mais amamos — esta idea tranforma-se logo em acção: — Vou matá-la.

Desapareceu a morte e eis-me aqui preso a esta criatura de olhos tristes fitos em mim. Para sempre! Até as coisas mais belas se transformam em absurdo e me pesam como chumbo. Pesa-me a tua amisade, pesa-me o teu amor — para sempre.

A pobreza e a humildade não se toleram para sempre.

A ninharia a poder de anos e de persistência impõe-me respeito. A ninharia um século, outro século, transforma-se em grandeza.

Quanto menos sinto a morte necessária para mim, mais a julgo necessária para os outros. É um muro que é forçoso deitar abaixo. Para respirar é preciso deitá-lo abaixo.

Muitas vozes, a dêste, a daquele, a de tantos, mortos, a imporem-me a sua lei... Agora só eu falo e com a minha própria voz!

Agora só eu mando. A vida vou julgá-la com os meus próprios olhos. Vou tomar fôlego, vou tomar pêso à vida. Sei-a de cor e salteado. Sei o que valem os preconceitos, as ilusões e as palavras — sei o que vale o dinheiro. Não torno a ser iludido.

A vida é um combate, que só se vence pela bajulação, pela manha ou pela audácia — todos os meios são bons. Os escrúpulos não servem para nada, a convenção tolhe-nos os braços. Meia dúzia de regras afiadas bastam. Honestidade a precisa para que confiem em nós — piedade a bastante para que não nos assaltem os cofres. Fora disto lôgro.

Se tenho fôrças uso-as.

A vida nestas bases é talvez monstruosa, mas não posso modificá-las. Aproveito-as. Tiro da vida o que ela me pode dar. Com ilusões podia-se ser pobre — sem ilusões só se pode ser rico.

25 de Dezembro

O pior é o que se passa no silêncio. É a outra coisa que acorda, é a outra coisa desconhecida que começa a empurrar o tabique. Deitamos-lhe todos as mãos para o segurar, mas, no escuro e no silêncio, a pressão redobra... Está outra coisa por trás do tabique, outra coisa que eu não quis ver, e que o sacode com desespêro. Bem sei, bem sei que existes! Bem sei que estiveste sempre ao pé de mim. Nunca te deixei discutir comigo. Senti sempre que estava perdido se te deixasse abrir a bôca. Há tragédias de que desviava o olhar, fingindo não as ver. Agora hei-de vê-las por fôrça. Há mistérios que não queria debater e agora se me impõem. Há vozes

que não queria escutar e que falam mais alto que a minha voz. Há sêres que não queria conhecer e que discutem agora tu cá, tu lá comigo. Tenho de os aceitar. Romperam pelos sepulcros fora — despedaçaram tôdas as tampas. E esta intrusão na vida modificou de todo a vida.

Cada um vê doirado. Tem de pôr o problema ali na frente e de o resolver. Tem de ir até ao mais profundo do inferno e até à vacuidade do céu. Cada um tem de se olhar a si mesmo, nu e ridículo, nu e esplêndido. Cada um vê por uma fresta a fôrça desabalada, e põe-se a scismar como Dante com a mão ferrada no queixo. Temos todos de resolver o problema. Debalde amontoamos inutilidades ou palavras, aí está na nossa frente o mundo real, o mundo da verdade, o mundo sem subterfúgios. Traz flores como uma primavera, traz enxurro. Arrastou-se pelas fôlhas apodrecidas e pela lama. É doirado — é feroz. Tem tôdas as tintas e tôdas as côres, e sôbre isto frenesi. É humilde, leva consigo no mesmo ímpeto ternura, dor e desespêro. Está dorido e vai tão fundo como a própria desgraça. Impele-nos. É a vida e o sonho, é a tragédia — e não existe. Não tem nome. Chama-se a vida e a morte. É uma coisa absurda. Mete-me mêdo e extasia-me.

As velhas já não dizem: — Jogo! — Houve uma coisa que se meteu de permeio. Os passos aproximam-se e o esfôrço aumenta. Sinto-lhe o bafo monstruoso, sinto-o mais perto de mim e encostado ao meu ser.

As velhas ouviram passos apressados dentro das próprias almas, o sonho veio à tona, e ficam absortas com as mãos agarradas aos queixos e as bôcas espremidas a remoer em sêco...

O mêdo acabou, e o escrúpulo, a hipocrisia da gente que vive à roda duma idea sem se atrever a encará-la. — É preciso matá-la! — São anos e anos, são séculos de inveja paciente, que sobem à superfície: até as figuras de pedra resumam dor e desespêro. Agora metem-me mêdo. As velhas somem-se, e ficam gritos, fica o espanto, ficam fantasmas.

¿Que se passa em cada casa, dentro de cada ser, no fundo de cada poço? Ouve-se as almas, como se fôssem facas, afiarem no escuro. Estão prontas. Bem sei, falam ainda enteramelado, não dizem o que sentem, mas já caminham segundo o interêsse, o ódio e o sonho. As resmas de papeladas são inúteis, a lei todos os dias se reduz a zero. A nódoa alastra. E agora é que se vê bem o que cada um trazia dentro de si. Nesta primavera há duas primaveras. Agora é que eu compreendo que as palavras que se pronunciavam eram rituais, que os gestos, com séculos de existência, eram necessários e significativos. As frases rançosas das velhas nos dias de entêrro, as frases banais, eram as únicas capazes de amortecer a dor; êste hábito ridículo de jogar o gamão um ópio, como esta história que a Bacelar conta a si mesma, com um ar idiota, um princípio de sonho. Tanto vale uma tragédia. É preciso fugir

à realidade. Compreendo tudo. O que elas odeiam no Gabiru é a sua imensa capacidade de sonho; o que a vila escarnece é o que a vila inveja. Bem se importa esta roda de velhas, em volta duma mesa de jôgo e o candeeiro ao centro, com a bisca lambida: durante algumas horas esqueceram a mediocridade da vida—esqueceram também a morte. O chale velho a que a D. Leocádia se achega tôdas as tardes mesmo no pino do verão, pego nêle e, quanto mais no fio, mais pêso tem: está encharcado de sonho...

PAPÉIS DO GABIRU

26 de Dezembro.

Posso agora dizê-lo: — A pesar de lhe ter um amor extraordinário desejei a sua morte. O seu amor cansara-me, e muitas vezes surpreendi, no fundo de mim mesmo, o ser esfarrapado que detesto, e que, em certas ocasiões, tem uma vida muito maior que a minha e independente da minha — a scismar na sua morte, para ser solitário e livre —, desesperado e livre. — Se ela morresse... — E parecia que o meu horrível pensamento a gastava dia a dia. Devorava-a. Nunca lhe ouvi uma palavra de queixa, só nos seus olhos verdes, cada vez mais tristes, cada vez maiores e mais profundos, havia não sei que luz de espanto, não sei que interrogação que me enchia de pavor e remorso. Cheguei a ter mêdo dela — e a ter mêdo de pensar... Noites inteiras olhávamos um para o outro ao pé da brasa que morria no lar.

— Em que pensas? — preguntava-lhe eu, morto por que não falasse.

— Em nada.

E outra noite teimei:

— Em que pensas afinal? Acaba pelo dizer! acaba enfim por falar!

(E não sei porquê, nêsse momento, tenho a certeza de que era eu que ia falar, desvendando o meu horrível segrêdo...)

— Muitas vezes estás calado e eu calada, e sem querer, todos os teus pensamentos se reflectem na minha alma. Sinto tudo o que sentes e ponho-me a pronunciar só para mim as palavras que queres dizer e que calas. Sou nada, sou um reflexo, sou a tua alma. O que sustenta êste fio de vida é o teu amor. Quando deixares de me querer senti-lo hei. Morro logo, porque não tenho razão de existir.

E punha-se durante horas a olhar a grande nódoa de humidade da parede.

Um ser diante de outro ser — um mistério diante de outro mistério. Basta o bafo para toldar o vidro — basta um pensamento impuro para corromper a alma de cuja companhia Deus me fêz mercê. Tudo depende do meu pensamento, e sua alma da minha alma. Não só posso corrompê-la, mas gastá-la. Posso matá-la desejando a sua morte.

E posso amá-la extraordinàriamente — e o outro desejar a sua morte para ser só e livre. E esta luta não é de uma hora, esta luta de que saio esfarrapado é de todos os instantes. Estes dois sêres não teem nada um com o outro. Um é um pouco fraco, um pouco apegado a velhas palavras e a uma moral

sem curso — o outro que detesto arrasta-me para uma vida amarga e feroz; um não sabe o que quere, o outro sabe perfeitamente o que quere. De maneira que quando a vejo morrer na velha casa abandonada, sem palavras e não tirando de mim os olhos verdes de espanto, eu digo as palavras convencionais e o outro murmura baixinho: — Livre! livre!

Fugir! se me pudesses fugir...

Discuto, interrogo-me, dilacero-me. Não me compreendo. De sobressalto em sobressalto, de assombro em assombro, de vulgaridade em vulgaridade e de contradição em contradição, assim vou até ao fim. Não consigo desprender-me dum, nem libertar-me do outro.

Qual é a minha experiência da vida? Nenhuma. Qual é a lei que extrais da vida? Nenhuma. Só o espanto. Só uma coisa cada vez maior, sempre assumindo maiores proporções, que sinto desabar no silêncio, mais doirada e frenética que o sonho. Tudo se reduz a coisas a que damos valor, e a coisas a que não damos valor. E entretanto ao nosso lado passa o tropel mágico, desesperado e caótico. Ali fora desabam os séculos e a torrente misteriosa que leva consigo estrêlas em vez de calhaus. O jacto de portento vem do infinito e caminha para o infinito, levando consigo a alma, o universo, o lógico e o ilógico, o absurdo e Deus,

Atrás dêste assombro há outro assombro—e depois outro assombro ainda.

Uma vida resume-se em duas linhas, sintetiza-se em dois ou três factos. Se a vida fôsse só isso não valia a pena vivê-la. A vida é muito maior pelo sonho do que pela realidade. Pelo que suspeitamos do que pelo que conhecemos. Se nos contentamos com a superfície, não há nada mais estúpido — se nos quedamos a contemplá-la faz tonturas. É por isso que eu teimo que a Morte não tem só cinco letras, mas o mais belo, o mais tremendo, o mais profundo dos mistérios. Prepara-te.

Cada vez descubro em mim um subterrâneo mais fundo.

O problema capital da vida é o problema da morte. Êle resolve tudo. Não há factos isolados; não há acontecimento no universo que não gere outro acontecimento. O inconsciente não pode criar o consciente. É impossível dar um passo a que não suceda outro passo. A vida gera a morte — a morte gera a vida. Mas que vida?

Sou nada diante do universo. Mas teimo, mas discuto comigo e contigo, ó espanto, mas defronto-me com o enigma, encarniço-me e saio daqui esfarrapado, despedaçado — mas teimo e hei-de vencer-te. Não quero morrer de vez. Não quero perder a consciên-

cia do universo nem a sensibilidade do universo. Eu sou o nada, tu és o infinito — hei-de por fôrça vencer-te!

E no entanto sinto-me tocado de hesitação e de dúvida. Do que tenho saudades é desta vida. Ao que eu aspiro é a esta vida. O gesto que o moribundo faz ao arrepanhar o lençol é um gesto de náufrago.

Dum lado a matéria, do outro o espírito. Dum lado consciência, debate, luta, do outro a impassibilidade, a fatalidade inexorável. Nenhum grito a perturba. Dum lado a vida gasta num segundo, do outro a sucessão ininterrupta dos séculos, indiferente e eterna. Como acaso é atroz, a não ser que outra coisa nos espere.

Se não nos detivéssemos com palavras, se avançássemos, todos ao mesmo tempo, esquecendo o que é inútil, para esta coisa que nos devora, subjugávamo-la. Conquistávamo-la por uma vez, por maior que ela fôsse. Mas nenhum de nós se atreve e passamos a vida a fingir que não existe.

Mas eu sinto-o, eu prevejo-o. Eu sei perfeitamente que tôda a discussão é inútil. Vai chegar o momento em que entre mim e ela se interpõe o sonho...

ATRÁS DO MURO

10 de Janeiro

O tabique caíu, e contemplo a vida. Mas entre mim e mim interpõe-se um muro. O drama não tem personagens nem gestos, nem regras, nem leis. Não tem acção. Passa-se no silêncio, despercebido, entre mim e mim. É um debate perpétuo.

Que dúvidas? Pois se a minha vida é esta e não há outra vida; se o minuto é êste e não há outro minuto ¿que fôrça me pode deter para que eu não realize o meu destino contra ti e contra todos?

Há um ser que ocupa o meu ser e me domina quer eu queira ou não queira. ¿Quem há aí capaz de dizer que a mesma idea o não persegue? — Se ela morresse... — Arreda-a. Também eu. Mas saio disto aos gritos. Esfacelado. Tenho por fôrça de o admitir na minha companhia. Subjuga-me. Pior: faz-me falta quando o não tenho ao pé de mim.

Talvez eu seja um ser complexo, talvez os outros

sejam tão complexos como eu. Tudo me faz sofrer — mas metade do meu sofrimento é representado. Tenho, é certo dúvidas — mas metade das minhas dúvidas são postiças. Hei-de acabar por não crer em mim como não creio nos outros.

Eterna contradição de todo o teu ser. Não sabes o que queres nem como o queres. Não sabes no que crês nem no que não crês. És um impulso. Vais até à cova levado por todos os ventos, sempre a barafustar sem sentido. Explicas tudo, ignoras tudo, adivinhas tudo. És um mar de inverno num dia de verão.

Está tudo decidido — dizes — está tudo pronto. Só uma coisa me falta : pôr isto em acção. E essa coisa, que é um nada, tem o infinito de comprido.

Desde que êste fantasma se pôs a caminho nunca mais consegui detê-lo.

Começa por uma idea que afugento. Começa por um pensamento ténue, por uma simples palavra que afasto.

Insiste. Há ainda dias em que discuto. Por fim domina-me, tem mais vida que a minha vida, tem mais realidade, mais sonho e dor, do que eu.

Assisto à sua acção e não o posso conter. Acaba

por acampar entre os destroços do meu ser como um dominador. . . . .

Mas eu não o criei! não fui eu que o criei! Não só o não tolero como lhe tenho horror. Mas para ser sincero devo dizer que há ocasiões em que me submeto com alegria. Para ser sincero até ao âmago, devo dizer que nesta dor, neste desespêro, é que me sinto inteiramente viver. Com êle é que eu grito. Decerto eu não sou isto — não quero ser isto. Tenho-te mêdo e pertenço-te. És a melhor e a pior parte do meu ser. .

Felizmente não vemos senão detalhes. Se alguém pudesse encarar uma alma até às maiores profundidades, e ver ao mesmo tempo de que ternura, de que ânsia, de que desespêro e de que tempestades essa alma é capaz, nunca mais podia desviar os olhos dêsse espectáculo. Fôsse ela a minha alma ou a tua alma. Era o mundo todo, era o universo. Era Deus.

Que posso eu contra a vida? E se me recuso, se luto, que me espera? A renúncia? ¿A estúpida renúncia, e cada minuto que passa me aproxima do nada, me leva, queira ou não queira, para o nada? Na cova, na podridão, desfeito em pó, arrastado por todos os ventos, daqui a um século, daqui a milhares de séculos, ainda tôdas as partículas do teu ser, que não soubeste impregnar de vida e alimentaste de simulacros, te hão-de prègar: — Estúpido! estúpido!

Remorsos? Eu não tenho remorsos. Dúvidas? Eu não tenho dúvidas. Desde que te vi — vi o universo. Compreendi tudo. Compreendi que não tinha vivido, e que tôda a minha existência tinha sido fictícia — que mais valia um minuto na vida que cem anos de vida. Que só há uma hora na existência e que é preciso aproveitá-la. Que tudo é simulacro e só tu és a verdade. E apercebi o universo como fôrça e destino a tal profundidade, que nesse rápido segundo passou por mim numa rajada todo o turbilhão da vida, com as suas vozes, os seus mistérios e tôda a sua grandeza feroz. Vi tudo. Senti tudo. Bastou ver-te. Portanto não tenho dúvidas nem remorsos. Ao contrário estou calmo, ao contrário estou decidido.

Mas há uma coisa temerosa, uma coisa inexplicável e imensa — um fio que não posso cortar. Tenho a sensação de que, cortando-o, aniquilaria a vida. Não a minha vida, que não importa — mas o que há de mais extraordinário e de mais ténue na vida. Se houvesse Deus, diria que aniquilaria Deus.

Há uma atmosfera de mentira que ninguém deve ultrapassar — há uma atmosfera viva que todos nós respeitamos.

Mergulho. Mergulho mais fundo ainda e não encontro nada. E no entanto tu existes. És muda e existes. Quando me imagino livre de ti, é que tu tens mais fôrça. Procuro explicar-te por palavras, por

convenções, por regras aprendidas, por habilidades... És muito maior do que eu.

Ponho o ouvido à escuta de encontro ao mundo, ouço-me para dentro, para surpreender as coisas fundamentais que êle me ordena e são duas ou três simples, de instinto e ferocidade. E além disso outra coisa imensa — que não existe.

Como te chamas tu? E tu, dor, como te chamas?

11 de Janeiro

Ponho-me a olhar para ti, consciência, e exijo que me fites nos olhos e que me fales claro. Não entarameles a língua. Em primeiro lugar diz-me o que és e o que significas: mêdo, receio, uma voz que se cala se a miséria aperta ou a luxúria levanta a cabeça. Um nada, uma voz tão tímida e tão pronta a sumir-se... Incomodas-me, é certo, mas não impedes nada. Falas quando devias estar calada, não sabes o teu papel e nunca entras a tempo. Herdei-te: és convenção e egoísmo alheio entranhado no meu egoísmo, sintetizado em duas ou três regras para comodidade dos outros. Fazes de mim uma presa fácil para quem a não tem. És escrúpulo, e o escrúpulo é, pelo menos, inútil.

Estás em perpétua contradição. Inutilizas-me metade da vida e nunca me pude desfazer de ti. Nesta

luta de todos os dias, quando me julgo livre, é quando te sinto todo o pêso.

Isto é de certo a vida. Mas a vida é também o instinto que me diz: — Aproveita, não deixes fugir o único minuto. Se a vida é um momento entre o nada e o nada, o que vale a pena é aproveitá-lo.

A questão suprema é esta e só esta: Deus existe ou Deus não existe. Se não há Deus, a vida, produto do acaso, é uma mistificação. Aproveitemo-la para satisfazer instintos e paixões. Se Deus não existe, não há fôrça que me detenha. Não há palavras, nem regras, nem leis. Tudo é permitido. Questão lógica: ¿pois eu hei-de ir para a cova, para todo o sempre, para tôda a eternidade, sem ter extraído da vida tudo que ela me possa dar, preso a palavras ou a meras questões de forma? Oh! ponhamos a questão, consciência: se Deus não existe tu não és senão um estôrvo, meia dúzia de regras aprendidas ou herdadas! Ponhamos emfim a questão com tôda a clareza, porque êste é o único problema que me importa e que te importa resolver.

Escusas de encher a bôca com o dever. O dever não me interessa nada. A questão fundamental, a questão que eu debato com todo o meu ser, e de que me não consigo desligar, é a da morte eterna e a da vida eterna.

Se Deus existe eu sou um homem, — se Deus não existe eu sou outro homem completamente diferente.

Não existindo tu, consciência, ¡ o que tu te intrometes na minha vida! E tanto faz analisar-te, discutir-te, negar-te, incomodas-me sempre. Estás morta — estás viva. Na cova hei-de chorar inùtilmente por te ter obedecido. Hei-de revolver-me com desespêro, por teres conseguido amolgar-me e amesquinhar-me. Por mais que queira desfazer-me de ti, tu impões-te-me. Quando te julgo aniquilada, aí começas a falar outra vez.

Vens de muito fundo!

Às vezes protesto e imponho-me. Decido passar sem ti: humilhas-te. Humilhas-te para logo levantares a cabeça e revolveres o punhal na ferida. Pesas-me como chumbo. És de ferro. Bem tento explicar-te: são os escrúpulos que me não deixam trair, mentir, subir. O que é eficaz não é ter escrúpulos, é fingir tê-los. É tudo o que os outros nos pedem. — Mas tu não transiges. Se te abaixas, é para te ergueres de novo, para de novo me atormentares. Não me largas. Acompanhas-me por tôda a parte.

Se me livrasse de ti! se me livrasse de ti!

18 de Janeiro

O que eu tinha era mêdo. Mêdo da morte, mêdo da sombra. Só isto existia? Quando tudo em mim me

prègava que aproveitasse êste momento, que dêste único momento extraísse tudo que êle me podia dar — alguma coisa me detinha. Eras tu, consciência. E tu não existias! Fale a lógica, fale a razão, fale também o instinto... A consciência é sempre religiosa. Mal posso dar um passo no mundo sem tremer. O mundo é Deus, Deus rodeia-me. Tudo para mim é uma causa de espanto — e através dêste espanto pressinto ainda um espanto maior. Sinto-me como balouçado num sonho imenso. Ando nas pontas dos pés. Mal ouso respirar no cantinho onde contemplo. E a minha consciência era um reflexo dêste universo. Mas se tudo isto se converte em fôrças, se arredo de vez a sombra temerosa, se tudo é acaso no acaso, se nada existe, se é indiferente o que eu penso e o que tu pensas, se só eu sou ao mesmo tempo o bem e o mal, a consciência já não é a mesma consciência e a sentimentos novos corresponde uma consciência nova. Bem te procuro encontrar no fundo do meu ser. Rebusco-te. Às vezes, nos momentos trágicos, já não é contigo que eu deparo — é com outro ser que assiste sempre, como um espectador, a todos os meus exageros. Deitavas-te comigo, levantavas-te comigo, ferrada como um punhal — e não existias. Neguei-te. Expliquei-te. Reduzi-te às tuas verdadeiras proporções — e tu não existias! Atormentaste-me e fizeste-me sofrer mesmo quando já compreendera que não existias. E agora mesmo, quando o universo é outro universo, ainda te encarniças sôbre mim como um fantasma.

Escusas de te rir — tu não existes. Dependias da morte, e o que eu tinha na realidade era mêdo. Talvez mêdo para depois da morte — mêdo da minha alma em frente da minha alma, mêdo de aparecer nu e com pústulas diante do que é eterno. Carreguei-te como um fardo inútil. Põe-me a questão, põe-me tôdas as questões que quiseres. Tenho diante de mim êste mundo e a voragem, êste mundo e o nada. Não te metas de permeio, que já não tens razão de ser. Seria mistificação sôbre mistificação. Não me atrever agora é absurdo. Porque, consciência, o que importa é a parte interior — é a verdade sós a sós comigo, fechado a sete chaves, e essa é temerosa. Não tentes iludir-me. Não podes mentir a ti mesmo. Vê que passaste a vida a conter o mal — e o mal fêz parte, queiras ou não queiras, da tua vida. O mal é pelo menos metade do teu ser. Agora sim — agora estou livre e atrevo-me. Para sempre livre da morte e livre do tempo, calco-te aos pés. Nenhuma sujeição. Nenhum temor, nenhum fantasma. Sem escrúpulos! sem escrúpulos! Uma fôrça entre fôrças e mais nada. O mundo pertence-me. Pertence-me e olho-o cara a cara sem desviar o olhar. Sou a única fôrça consciente, sem palavras que me diminuam, nem escrúpulos que me contenham...

Agora fala! Aproveita o minuto único, a infâmia, o enxurro, o sabor a fel e a lágrimas da vida, ou enfileira-te, se podes, no estúpido rebanho, e reentra na vida quotidiana, feita de pequeninas regras e in-

terêsses. Vem-me um vómito: tenho vontade de fugir de mim e dos outros: só o que é selvático me interessa e acorda em mim sonho, perfume e ferocidade... Quero saber o que me impede agora de matar, quero saber o que me impede de olhar nos olhos o inferno, de seguir o instinto e de obedecer ao impulso...

O SONHO EM MARCHA

20 de Janeiro

Eu sou um desconhecido para mim mesmo. Ia para a cova sem me ter encontrado um momento sós a sós comigo. E é com dor, é com espanto e dor, que me reconheço; é com olhos de pasmo e dor...

Tudo mudou. A sofreguidão que todos os dias da vida — sempre! sempre! — nos empurra e leva; o sentimento da vida efémera e o horror da morte — mais perto! cada vez mais perto! — ; esta coisa imponderável que debalde tento deter — sem nome e a que se chama o tempo —, que nos usa, a que não ouço os passos e que caminha inalterável — tudo desapareceu de vez. Respiro. E, modificada a idea do tempo, tôdas as outras se alteraram profundamente. Os sentimentos não são os mesmos. A vida assenta noutras bases, a vida fica amarga.

Resta-nos a lógica e a consciência. Mas a consciência admito-a, contanto que não me embarace.

A consciência que quiseres, contanto que não me amesquinhe, ou não me iluda. O único juiz sou eu' O fim da minha vida não é dominar-me, é dominar-te.

Todos temos de matar, todos temos de destruir, todos temos de deitar abaixo.

A paciência acabou, a resignação acabou — e acabou a morte. Suprimida esta idea, suprimido também o tempo e o espaço, as velhas não existem: o que está vivo é a ferocidade, a paciência e a mentira — e tudo espera a ocasião. Espera e desespera. A parte de dentro é que está viva e reclama de pé e de ferro a sua vez. Notem: nenhuma arriscou um gesto mais brusco. Por mais fel que lhes venha à boca estão habituadas a enguli-lo. Nem com a cabeça tapada se atreveram a olhar a verdade. P'ra dentro! sempre p'ra dentro! E assim sucede que não se construíu nunca catedral com alicerces mais fundos. Está viva. Uma sustentou-se de côdeas, outra sustentou-se de fome. A inveja também sustenta, o fel também sustenta. À Araújo só a paciência e o cálculo lhe permitiram viver. Às vezes tem fome — nunca disse a ninguém que tinha fome. Sabe logo quando entra numa casa as palavras que agradam à velha rancorosa e à filha cheia de pretenções a quem ensina as escalas; de quem há-de dizer mal esta semana e bem para a que entra. Esperou como a aranha espera com o estômago vazio. Nunca pediu esmola. Melhor: con-

seguiu dar-se ao respeito. E calcula, calcula, cheia de fome, o tempo que a majestosa Teodora pode durar. A D. Penarícia é abjecta, mas só a abjecção lhe tem permitido viver. A mentira tem razão de ser — sem abjecção a sociedade repele-nos. Admitimos alguma abjecção, não completa e total, que repugna, mas a precisa para servir de realce e moldura ao nosso quadro. Acresce a isto que teve de viver com despreocupação, de sorrir com despreocupação, de mentir com despreocupação — com a miséria atrás de si.

Com fel constrói-se uma vida — o fel dá certa solidez. O pior é meter logo para dentro tôda a inveja que lhe vem à bôca. Pior ainda: na velhice misturou-se tristeza ao fel. Não só a D. Penarícia tem inveja, não só a D. Penarícia odeia, mas a D. Penarícia chega ao ponto em que percebe a inutilidade do fel. A Teodora pode aniquilá-la dum gesto. Fel e vinagre — mais fel e tristeza. É um vasto campo de destroços de que desvia o olhar. Foi-lhe então inútil o fel? Se não fôsse o fel já tinha morrido. Quando passou fome, quando deu dinheiro ao homem para o jôgo, quando perdeu na bisca para a Teodora ganhar e sorrir, o que a sustentou foi o fel. Quando vestiu a filha e a passeou no jardim, com trapos como os outros trapos, o que a sustentou foi o fel. Juntem a isto coisas inverosímeis que se lhes pegam e as reclamam, velhas coisas esquecidas, velhos sapatos de ourelo, desaparecidos para sempre nas profundidades do nada; velhos hábitos, costumes aferrados, misérias crónicas, adquiridas pela vida fora e que erguem a voz,

cabelos postiços, sentimentos postiços, gritos, e o exaspêro de quem não pode berrar: — O que eu quero é gozar! o que eu quero é encher-me! — o que representa ainda mais fel e tristeza, mais fel e vinagre. Ali estão frente a frente e pregunto se estas velhas que passaram a vida à espera duma herança não teem direitos adquiridos. Pregunto se é possível que a majestosa Teodora continue a viver mil anos e a impor-se, a mandar, de quico na cabeça e com o cofre atrás de si, e as outras agarradas à mesa do jôgo à espera da morte. Pregunto se ter inveja não é sofrer, se ter paciência não é sofrer. Há que tempos que cada uma delas só pensa em matá-la e arreda a idea com mêdo ao inferno. A teia aperta-se. Mais um momento e a teia torna-se visível. A majestosa Teodora não pode escapar. Todos os dias se tecem fios que a envolvem, todos os dias aquelas vontades actuam, todos os dias o sonho constrói. Sufoca. Formou-se um ser que tem vida própria, uma atmosfera, uma alma comum, de que fazem parte tôdas aquelas almas. A majestosa Teodora pertence-lhes. Hoje a Adélia cravou de repente a agulha sôbre a mesa, e a majestosa Teodora desatou de súbito aos ais, aos ais, como se ali visse lavrada a sua sentença de morte. Tôdas as fisionomias mudaram alteradas e profundas, subindo à tona das profundidades do universo ou de poços mais profundos ainda. Agora o sonho não é um segundo, o sonho vai ser a vida...

— Está certo o senhor? ¿ Está certo o senhor padre Ananias, que depois desta vida há ainda outra vida

de que nos teem falado? ¿ Ou há só esta vida? só esta?! E isto é uma *comidela?*

O que elas estavam era˜ sepultadas num vasto cemitério do tamanho da vila. Sôbre cada velha havia pó, sôbre cada interêsse pó, sôbre cada fisionomia outra fisionomia. Efectivamente a Teodora é uma insignificância. Só dá leis. O melhor é matá-la. E todos os olhos se cravam nos olhos do padre, tôdas as velhas mastigam em sêco, tôdas as velhas dão de repente um salto brusco no vácuo.

Ó paciência que já não és paciência e trazes veneno na algibeira, com que despeito olhas para trás, para o Himalaia de inutilidades. Debalde a paciência tenta dizer ao sonho: — Amanhã —; tenta iludil-o: — Espera... — e a mentira propor-lhe uma transacção. O sonho toca na paciência como quem toca num nervo, e quando a Restituta vai mais uma vez dizer-lhe à pressa: — Pois sim... — aperta-lhe o gasganete e pela primeira vez na vida a deixa desorientada... Comediante, vê se aproveitas o excesso da tua dor para praticares uma nova infâmia!

21 de Janeiro

A mesma interrogação se formula em tôdas as almas: ¿quere então dizer que só vivi uma vida fictícia ao lado da vida e que perdi o melhor da existência com aparências? ¿Quere então dizer que tudo para que vivi não existe? Ponhamos a questão!

ponhamos a questão! A maior conquista do homem, Deus, desapareceu para sempre — desapareceu também a morte. Ponhamos a questão: façamos tábua rasa. Está tudo em terra, o dever, a honra, as fórmulas e as regras. Ponhamos a questão por uma vez, nítida, clara e sem subterfúgios. Ponhamos a questão e tôdas as questões...

Avançam e recuam logo. Do sonho grotesco ou esplêndido, ridículo ou feroz, à realidade vai um passo desmedido. Interpõe-se um muro... Todos passamos os dias a resignarmo-nos. Muitos nem dão pela vida. Há sêres que tanto faz estarem vivos como mortos. Outros nunca repararam sequer na sua verdadeira fisionomia (porque até a nossa fisionomia é mais verdadeira que real). Em alguns o murmúrio das vozes é tão afastado que não chegam a interpretá-lo... Há-os que saem da luta esfarrapados, há-os cheios de reticências e que mal visionam o mar morto indescriptível. O que os farrapos custam a largar! o que o muro custa a deitar abaixo! Pesa-lhes a vida anterior, o hábito reclama-os. Adere-lhes o infinito e as cólicas, a usura e o fel. E sôbre tudo isto há a contar também com a imbecilidade e a apagada inépcia. Há a contar com a langonha que também tem o seu sonho. Há a contar com o que se arrasta no escuro, com olhos brancos, com olhos vagos para a luz e para o sonho. Há a contar com as velhas encardidas de hábitos e de fístulas. Em sêres amorfos e aguados, quási inertes, no fundo remexe ainda um resquício de sonho, que se traduz

no mesmo gesto pautado, na mesma mímica, e no olhar, onde, até na imbecilidade cerrada, se distingue não sei quê de temeroso. Por isso a questão não é fácil de resolver. Por isso o Anacleto ainda não a matou. Ainda não conseguiu deitar o muro abaixo. Não é o que se pode dizer na praça, porque a praça venera-o. Não é também que a idea de a matar o assuste. A vila conhece o seu escrúpulo e honra-o. Nunca deixou de pagar uma letra. Alguma coisa o contraria e se opõe. Também as velhas se deteem, também o Santo se detém. Mas a maré que aí vem sobe sempre. Ao mesmo tempo entontece-os e ao mesmo tempo perturba-os. — Eu não quero ver! eu não posso ver! — e tenho de me olhar cara a cara, tenho por fôrça de te admitir, tu que és o meu verdadeiro ser, imenso e profundo, com raízes em tôda a lama e braços que chegam ao céu. — Eu não sei donde vem isto, e isto aturde-me. Olha como sorrio para ti, como finjo que sorrio de mim e de ti que te pões a falar. O gesto que eu faço, não me pertence, perturba-me o som da minha voz. E a noite é cada vez mais cerrada... — Ninguém quere achar-se frente a frente com o seu próprio fantasma. Nem tu, nem eu. Fugimos-lhe sempre. E, se sucede encontrarmo-nos, quedamo-nos com um sabor que nunca mais se esquece. Um passo está dado, falta dar outro passo. Custa... — Ao que quási todos se apegam não é a grandes acções, é a simples peripécias. As existências que se nos afiguram dramáticas são cheias de ninharias, de ideas fixas e de

paciência. O Tôrres engrandece a mania de copiar inutilidades: daqui a dois dias ou daqui a dois séculos, ainda o encontras curvado sôbre o mesmo manuscrito, onde traslada o folhetim do *Século*. A Araújo que dá lições de piano é desespêro inteiriço. O honrado Elias de Melo vê o tratante Elias de Melo pôr-se a caminho e não o pode deter. — Aí começas tu também a perceber que a tua vida foi um mero simulacro, que, a tua bondade foi sempre um simulacro, que a tua bondade não passou dum simulacro... — A D. Fúfia, que há muitos anos está morta por dizer mal, que nunca se atreveu a dizer mal, e que, quando ia dizer mal, dizia logo bem de tôda a gente, rompe agora a abocanhar todos os ridículos, todos os orgulhos, tôdas as vaidades: — O que isto consola!... — Divagam, falam, queiram ou não queiram, com os próprios fantasmas, monologam, discutem, gritam. A cada passo uma interrogação exige resposta, a cada passo um abismo aberto... — D. Leocádia, o meticuloso dever foi a tua vida e agora descobres que o dever não existe, descobres que tudo aquilo para que viveste não existe, e que existe outro dever maior e mais vivo. Descobres que as palavras não te servem de nada. Descobres que tens de ir de encontro às questões e não as podes desviar do caminho. Descobres que por tuas próprias mãos criaste uma criatura disforme, que alimentaste de mentira. E, a esta luz que te dá de chapa, descobres que a tua caridade e os teus escrúpulos eram uma luta de vaidade e de mêdo, de palavras

e de instinto, onde não entrava uma única verdade. Descobres que criaste um ser falso que abominas e te abomina, e que não te podes separar dêsse horor. Descubro também que errei a vida, e não sei recomeçar a vida, e que tudo que fiz não fui eu quem o fiz, mas o outro que me mete mêdo, e que tanto vale a minha vida que perdi a arcar com Deus, como a da Teles de Meireles que a gastou com um trapo. Com um trapo e palavras, ambos subvertemos o mundo — um dia, uma semana, um século. — Examinando bem a questão, meticuloso Anacleto, uma palavra bastou para te deter... Examinando bem a questão, reconheces que foram as conveniências... Hás-de arrepender-te até à consumação dos séculos. O mundo vesgo que em mim descubro no outro compartimento, é o mesmo que em ti descobres. Faz esgares como certos rictos indecisos que se formam à tona dos pântanos. Todos sentimos atrás de nós um mundo, outro mundo, outro mundo de ninharias, de palavras sem nexo, de coisas que perderam a expressão, de apetites que nunca se realizaram — todos cobrimos isto de aparências. Passamos a vida a conter outro ser — outra coisa — outro espanto. Há um fio invisível que ninguém se atrevia a ultrapassar. Uma ordem que ninguém rompia. Até a cólera e o desespêro mantinham certo verniz. E agora descobrimos todos ao mesmo tempo, ó meticuloso Elias, ó impoluto Melias — com risca e vinco, com vinco e risca — que resolver matá-la é fácil, mas para a matar temos de deitar abaixo léguas de espessura

¿Deixamo-la morrer ou não a deixamos morrer? E nem sequer podemos iludir a resposta. A mesma coisa desconforme entra pelo nariz e pela bôca do Santo. Entupe-o. Esvazia-o e endireita-o depois de amolgado. Outro ser, num estonteamento, bate com a cabeça pelas paredes. — Mas então?... — pregunta atónito. — Mas então posso, atrevo-me?... ¿Tudo isto era uma mistificação? ¿Mas então tudo é possível e posso realizá-lo amanhã, hoje, logo? E estas teias de ferro eram teias de aranha?... Mas então o mêdo, a morte, o inferno... — Aqui estou eu com esta mulher a meu lado, e sem querer prergunto a mim mesmo... — Mas então?... — Sim, resta-me certa pena e saudade, mas o interêsse levanta a cabeça e deita as suas contas tão baixinho que mal lhe ouço fazê-las...—Teçamos, teçamos todos a nossa teia esplêndida, vulgar ou grotesca... — Mas então...—E encaro com um mundo novo, a que por ora nem eu, nem tu, nem nenhum de nós se afoita. Só as interrogações são cada vez maiores em tôdas as almas. Todos os bonecos arreganham os dentes e a Porfíria sua inveja. Efectivamente não se compreende para que vivem certos sêres inúteis, que atravancam a nossa existência e um pequeno incidente podia suprimir. Efectivamente não se explica que bastem alguns fios imateriais para nos conterem, e que um vidro de vidraça seja suficiente para nos separar da vida.

Até a D. Restituta, que era um poço sem fundo, desata a repetir os segredos de tôda a gente, fa-

zendo gestos na obscuridade com o guarda-sol de paninho.

—Acuso! acuso! acuso!

Tocou-lhe também a vez. Usou-se a obedecer, a dizer a tôda a gente que sim. Hoje uma gota de fel, amanhã outro resto amargo. Já não sabe dizer senão que sim, já não consegue apagar as dedadas que lhe imprimiram. Coçada, coçada, coçada. Fêz as vontades à D. Procópia, à D. Felizarda, à D. Hermínia. Sujeitou-se às vontades do conselheiro Pimenta, quando por desfastio lhe fêz um filho. Orgulho? Ninguém tolera, ninguém concebe, que a Restituta tenha orgulho; ninguém tolera, ninguém concebe que a Restituta tenha vontade. Habituou-se, apelintrou-se. A Restituta é um reflexo. Diz-se tudo diante dela. Há famílias separadas por ódios seculares: só ela entra e sai nessas casas quando precisam comunicar. Naquela alma incutiu-se até profundidades desconhecidas o respeito às pessoas ricas, a consideração às pessoas importantes. Que tem a Restituta que desata aos gritos:

—Acuso! acuso! acuso!?

Debalde lhe tapam a bôca. É um vómito, um chorrilho de palavras precipitadas—a vida de tôda a gente—são os despejos entornados. Em vão dez, vinte mãos ansiosas se lhe agarram às goelas abertas: aquilo sai num jôrro impetuoso—tudo quanto estava recalcado, todos os segredos que ouviu, tôdas as misérias que lhe deitaram para dentro, e, se pára um momento é para tresvariar num riso feito de

todos os risos postiços, num esgar feito de todos os mil e um esgares que acumulou durante a vida: — Eu também tenho um filho! eu também tenho um filho como vocês! — Empurram-na, escorraçam-na, e ela agarrada ao guarda-chuva ainda brada:

— Acuso!

A vida irrompe, o sonho irrompe como hastes de cactos, nascidas dum dia para o outro, com escorrências nas extremidades ridículas e pueris. Arredei sempre isto — isto que estava ao lado da vida. Nunca quis ver isto, fingi sempre que isto não existia. Também tu o arredaste... E isto existe. E isto é enorme. O que aí está fede. Tresanda. Sua viscosidades. Apega-se. É uma marcha furiosa e desordenada. É a vida. São tôdas as ânsias soterradas que não se chegam a exprimir. É um inferno de gritos e de impulsos, sonhos impossíveis de sonhar, aquecidos a bafo e ternura, sem forma nem côr, ou admiráveis sonhos de tragédia. Mais um passo e tudo que estava recalcado, tudo que estava morto e sepultado, tôda a podridão, todo o desejo encarniçado e oculto, tôda a mistela que luta às cegas na escuridão para vir à superfície, desata a falar à toa. Mais um passo e o sonho é realidade. Fala a infâmia e o grotesco, fala a candura ao mesmo tempo.

23 de Janeiro

Ao Santo só lhe resta orgulho. O sonho descarna-o e deixa-lhe o orgulho intacto. Debalde prega, debalde luta consigo mesmo. — Eu já não creio no inferno. — E detém-se com espanto diante dos destroços, das fórmulas, da insignificância, dos simulacros que foram a razão da sua vida. Tudo que lhe enchia o mundo não existe, tudo que não existia lhe parece maior: — Eu quero crer! eu quero crer e não posso crer! — Debalde insiste consigo mesmo: — Nossa vida aqui é nada, nossa vida eterna é tudo. Nosso destino é a morte. Só assim posso explicar o universo, só assim posso compreender o universo. — Tudo o que se tinha apoderado do seu ser até às mais íntimas raízes, tudo o despedaça até às mais recônditas raízes. Dilacera-o. — Não me atrevo sequer a olhar a vida, a olhar para mim, a olhar o pélago desordenado. Eu quero ver e não ouso! Eu quero crer e sinto-me pequeno e grotesco ao lado disto! Desta coisa monstruosa que não posso arredar. Não posso arredá-la. — Para ti também o problema é insolúvel, D. Leocádia, que ressurges com o vestido coçado, mais sêca e mais verde. Estais ambos encalacrados. — Tu viveste sempre para Deus e para o inferno e nem sequer o inferno existe. E tu procedeste sempre segundo a tua consciência, regulaste tudo conforme a tua consciência — e tu e tu — e aí estais ambos atónitos e verdes, ressequidos e verdes, desesperados e verdes, sós a sós em frente duma figura que vos não larga.

— Trouxe-a para casa, sustentei-a, mas nunca a pude ver, diz ela. — Deste-lhe côdeas mas não pudeste amá-la. Sustentaste-a por caridade, sustentaste-a de restos para calares uma voz tremenda. Ela foi pior que uma criada, foi uma criada que se não pode despedir, presa pela gratidão — observa a outra D. Leocádia.— Fala claro, fala alto. Atreve-te.— Atrevo-me. Tôda a minha vida fiz o sacrifício de a manter, tôda a minha vida por caridade a tive junto de mim, calada e subalterna, amachucada e sem vontade, para cumprir o meu dever. ¿E agora a consciência exige de mim?... — Exige. — ¿Exige de mim, porque o meu filho lhe fêz um filho, que o case com a órfã, sustentada de esmolas, calada e viscosa? — Exige. — ¿Por quem eu só sinto repulsão? — Exige, e o pior de tudo é que lhe deste restos, mas não pudeste amá-la.

Torce-te, torce-te mais ainda. A cada camada de verde pega-se-te logo outra camada de sonho. A D. Leocádia coçada e sêca sacode em vão e arreda outra D. Leocádia inteiriça e coçada. Também o Santo está aqui, só e o pecado, só e Deus, só e o desespêro: — «Deus existe — ou ¡Deus não existe. Se Deus existe, se tenho a certeza que Deus existe e se interessa pela minha dor, esta vida transitória é um único minuto com a eternidade à minha espera. Tudo me parece fácil. Que exige o meu Deus? Que me reduza a pó e despreze a aparência? Tudo é vão diante da eternidade que me espera. O meu Deus enche o mundo. Só o meu Deus existe, e todo o resto

no universo é tão pequeno e tão fútil, que reclamo mais dor, mais sofrimento, mais fome. Que a desgraça caia sôbre mim com todo o pêso da desgraça; que a dor me descarne até à medula. Desprezo a dor. Exijo-a diante da eternidade. Sou capaz de andar de rastro com a bôca no pó, sou capaz de sofrer todos os tormentos, com a certeza de que me livro duma eternidade de angústias para ver Deus. Venham todos os escárnios, todos os gritos, todos os suores da agonia — venha, meu Deus, a cruz! Até à morte hei-de crer no que creio. Sem crer não sou nada — sem crer não existo — sem crer não compreendo a vida. Preciso de caminhar para um destino. Crer é uma necessidade absoluta, um sentimento primário, a própria vida, sua razão e seu fim. Tenho necessidade de Deus, como do ar que respiro. Sem êle a vida é desconexa e atroz; pior, é monstruosa. Creio porque creio. Se a vida se reduzisse só a isto, a vida seria abjecta. Dentro em mim tudo me fala numa lei, numa lógica, numa razão de ser, num sentido. Eu vejo Deus, eu sinto Deus.

Mas se Deus não existe — se Deus não existe ¿que me fica no mundo? Sou nada no infinito. Fui tudo — e sou nada. Leva-me a fôrça bruta. Sou o acaso na mistificação. Sou menos que nada no monstruoso impulso. Se Deus não existe tanto faz gritar como não gritar. Não tenho destino a cumprir: saio do nada para o nada. Nas mãos da fôrça bruta ¿que sou eu no mundo que grito, que discuto, que clamo?... Atrás dêste infinito vivo, há outro infinito

vivo. Atrás desta impenetrabilidade, há outra camada de impenetrabilidade, outra vida ainda, outro desespêro sôfrego. Não encontro aqui lugar para um Deus que me ouça, que me atenda, ou que saiba sequer que existo.

Os gritos são inúteis, tu não me ouves. Estou só neste absurdo que me impele e esmaga... Que não houvesse o céu, que existisse o inferno! só o inferno! E nem o inferno existe!...

Se Deus não existe... O pior de tudo é que eu digo e afirmo—Deus não existe!—mas na realidade não sei se Deus existe ou não. Não há nada que o prove—ou que prove o contrário. O pior de tudo é que eu sinto uma sombra por trás de mim e não sei por que nome lhe hei-de chamar. O pior que podia acontecer no mundo foi alguém pôr esta idea a caminho. Mas mesmo que Deus não exista, tenho mêdo de mim mesmo, tenho mêdo da minha alma, tenho mêdo de me encontrar sós a sós com a minha alma, que é nada, o fim e o princípio da vida e a razão do meu ser. Mesmo que Deus não exista e a consciência seja uma palavra, há ainda outra coisa indefinida e imensa diante de mim, ao pé de mim, dentro de mim. Vem a noite e com a noite interrogo-me:—Existe?—O que existe é monstruoso. Não ouve os nossos gritos. O que existe é o espanto. O que existe reclama dor. Sustenta-se de dor e não dá por ela.

O que existe então é isto—é um ulular de dor na

noite — no turbilhão, no escuro. O que existe são gritos, e eu sou levado, arrastado nesta mistificação. Por trás de mim há uma coisa que me apavora, por trás de mim há uma coisa cada vez mais sôfrega, cada vez mais frenética — e que de cada vez exige mais dor. Espera: a harmonia não existe — existe a dor; a beleza não existe — existe a dor; Deus não existe — existe a dor. E há um momento apenas para realizar a vida. Nesse momento de paixão tôdas as fôrças se concentram e ponho o pé no mistério. Tenho de aproveitá-lo.

Tudo o que exista na noite imensa, na noite ignóbil, é pior que Deus. Tudo o que existe me faz horror, tudo o que existe entre as fôrças desordenadas me causa espanto... E por mais que grite, por mais que proteste, estou aqui diante do incompreensível, vivo no nada, de pé na voragem. E para lá há uma coisa infinita, um negrume infinito, uma vida infinita. É imenso — é inútil. Sou menos que nada. Só deparo na minha frente com infinito sôbre infinito, com o negrume sufocado, com o negrume impassível, com o negrume vivo e imenso, desesperado e imenso. Só contei contigo, meu Deus — e agora quero crer e não posso crer. Estou aqui defronte do espanto e sinto-me perdido na vastidão infinita. Tudo o que disse — disse-o diante do vácuo, tudo o que sofri — sofri-o diante do vácuo. Todo o meu desespêro, a minha dor, a renúncia, os esforços, o calvário diante do vácuo!»

O maior drama é o das consciências. O maior drama é arredar todos os trapos da vida, para poder olhar a vida cara a cara. O maior drama é ficar só com o vácuo e em frente do espanto. É dizer: nada disto existe. Só dou no meio dêste assombro com uma coisa desconexa e abjecta, a discutir comigo mesmo, levado por impulsos. O maior drama é não encontrar razão para isto que vive de gritos e se sustenta de gritos — e ter de arcar com isto. Perceber a inutilidade de todos os esforços e fazer todos os dias o mesmo esfôrço. E isto não nos larga. Sacode-nos e abala-nos até à raiz, numa discussão que nunca cessa. Nem em mim, nem em ti, D. Leocádia. Essa figura tremenda insiste cada vez mais alto, cada vez mais sôfrega, cada vez mais desesperada. ¿Ouve-la diante de ti, ao pé de ti, dentro de ti, mais coçada e mais verde, com outra camada de sonho e outra camada de verde?

— O dever? que dever? Antes a deixasses morrer de fome.

— Mantive-a para cumprir o meu dever!

Aqui tens tu a minha consciência, aqui tens tu a tua consciência, e aqui está a consciência da D. Penarícia. E tanto vale para o caso o génio em frente da consciência, como o ridículo em frente da consciência. — Valeu a pena não matar? — pregunto — preguntas — preguntam. Aqui estou em frente disto, com um segundo e todo o seu esplendor e todo o seu espanto e todo o seu desespêro, e pregunto, pre-

guntas, preguntam, se o que se chama a honra e o que se chama a consciência e o que se chama o dever, teem fôrças para se me impor. Oh palavras não! A pregunta não é como as outras para ser iludida com subterfúgios. É a única que carece de resposta imediata como um punhal que vai direito ao coração. Vê tu que, a pesar de trémulo, estou calmo... O problema é capital. Pregunto se tôda a luta foi inútil, se todo o fogo do inferno que recalquei, foi inútil? Pregunto, preguntas, preguntam se as horas para nos contermos foram uma estúpida mistificação. E as bôcas remoem em sêco no escuro, e as mãos sôfregas palpam os vestidos de cerimónia. Estão decididas a tudo. Vem-lhes à supuração o antigo fel e vinagre, os pequenos desesperos, e os grandes desesperos. Tudo está vivo. Cada ser formula uma interrogação. Segue-se que, se os pais teimam em viver, transtornam todos os planos, tôdas as regras e todos os preconceitos estabelecidos. Segue-se que acima do teu direito está o meu direito. Segue-se que a construção antiga desabou, e a um mundo novo correspondem criaturas novas. Segue-se que todos os problemas se reduzem a um só problema — o dos mortos. Segue-se que o muro é uma insignificância. Tapa o céu e a terra, não existe montanha de tanta espessura — é uma teia de aranha. Soa a hora de a outra coisa disforme o aluir para sempre. Por trás do muro é que está a paixão, o crime, o desespêro e a vida esplêndida e feroz.

E preciso deitá-lo abaixo. Os túmulos estão gastos dum lado pelos passos dos vivos e do outro pelo esfôrço dos mortos.

FEVEREIRO

1 de Fevereiro

Chega fevereiro. Primavera. Dá logo rebate o tojo bravio. A aspereza é a primeira a senti-la.

O tempo está fúnebre. Ouço o ruído calamitoso das águas. Só os botões dos salgueiros estalaram. Nos galhos despidos entreabrem-se flocos friorentos e peludos.

Corre um vento glacial e as árvores encolheram-se transidas. Mas nesta frialdade sinto já ternura.

O ar de fevereiro é outro: é morno. As rãs, de barriga no lôdo, coaxam de satisfação, pegajosas e moles como a erva verde e húmida. E dum dia para o outro, crescem à tona da pôça azul, encastoada na terra negra, fios de erva a reluzir. Tinta entornada.

O ar sabe bem: sabe a bravio.

Ao longe o sol trespassa os montes. Manhã de névoa e oiro gelado. Uma árvore nova cobre-se enton-

tecida da primeira flor. Apressou-se, enganou-se... É uma haste de pele luzidia, três raminhos abertos no azul. E isto envolto em ternura — tanto faz que se trate duma árvore como duma rapariga.

Sente-se nesta atmosfera húmida a seiva inchar os botões túmidos das árvores. Volta a chuva gelada: a primavera tenta, vem com hesitações.

Muda o scenário. Acinzentam-se os montes por onde sobem a rasto pelas pedras rolos de fumarada. Acastelam-se no céu as grandes nuvens esponjosas. Chove. A voz é outra. Donde a onde descerra-se a cortina vaporosa e emergem os montes brutos e compactos.

Nos abrunheiros bravos estalam os primeiros botões. E quanto mais bravos, mais flor deitam. É uma prodigalidade.

Noite. A escuridão, o silêncio, o esplêndido céu todo de oiro sôbre a massa negra dos montes. É isto e os gritos da moichela aos ais de aflição. Eis torna o silêncio, e a alma sufoca de espanto... O pio triste dos sapos irrompe de profundidades ignotas. E outra vez o silêncio, a noite imutável cheinha de estrêlas — e sempre o mesmo fio de água, misturando ternura a êste espectáculo de assombro. É só isto, e a muralha disforme ao fundo, ainda pálida de luz.

A primavera é um fenómeno eléctrico.

Na primeira tentativa da flor há fealdade e ao mesmo tempo candura; depois, da noite para o dia uma gota de tinta como uma gota de leite. Basta que à névoa se misture o sol, para entreabrir, ainda informe. Todos os sêres, antes de se vestir, são abortos: teem mêdo de nascer belos.

Às vezes basta um dia. Dum instante para o outro, poeira azul, entontecimento, sonho...

E isto não é só material. Neste mistério há certa dor, certa tontura, há até espanto. É um olhar que se abre para o mundo. Pela emoção a árvore comunica com o universo e manifesta uma vontade que triunfa sobre a dor inconsciente.

Entre a árvore, o céu e a terra há um compromisso de ternura.

5 de Fevereiro

O que isto custou na obscuridade do mundo caótico!... Houve decerto uma primeira primavera, mas as flores, que hoje são ternura, eram então espanto — tentativas frustradas de sonho. Os gritos da floresta primitiva, não os ouço mas estão aqui contidos. E ainda hoje a terra se perturba, porque vai assistir ao mesmo drama.

Todo o universo se concentrou para gerar a vida, todo o universo se concentra para a destruir.

A vila estremece ao sentir a primavera estranha. Noiva. Noiva a D. Úrsula, pergaminho e escrúpulo, que fêz da vida um pecado, e ao rés de cuja alma líquida se espalmam flores venenosas. Não há ser que fique indemne. Até que chegou a vez à macieira anainha, que um bafo húmido-lilás turba e perturba. Há aqui um encolhido, que nunca saíu do saguão, que nunca olhou para o céu nem sabe que o céu existe: sente também a primavera. Assim me sucedeu com um tronco decepado que no inverno meti no fundo duma loja: na primavera seguinte tinham-lhe crescido ramos: sentiu-a através dos muros, e, com gritos represados, botou um simulacro de flor.

Fevereiro. Primeira noite de luar e de loucura. A primavera toca mais fundo, mais fundo ainda — esta primavera que revolve os vivos e os mortos. Todos deitam flor. Acordam na profundidade dos sepulcros, com o sonho que levaram para a cova, com todos os sonhos desfeitos em pó. Há-os que nunca se atreveram a declará-lo. Há-os que o sumiram com receio de sonhar. Há-os estonteados...

Na frente uma aparência — a vida está na multidão que nos impele, a vida está nos mortos. Massa atrás de massa, os mortos empurram os vivos. Sente-se o esfôrço doloroso. Atrás destas mãos, outras mãos de desespêro; atrás dêstes olhos sem órbitas outros se desesperam para a luz. O pior era o silêncio. O esquecimento é que é a morte definitiva, o por

isso o esfôrço aumenta. Formam uma cadeia infinita, a caminho para a vida e para a dor; a todo o momento nos falam e nos guiam, e tôda a sua ânsia é viverem depois que estão no sepulcro. A velha que saíu da existência mirrada, continua a trazer o menino ao colo. Outros caminham trôpegos, sacudindo a terra que se lhes pegou aos ossos. Ei-los dispostos a sofrer por uma nova ilusão. A vida foi um nada, impregnou-os para tôda a eternidade: um instante de luz bastou para lhes dar gôsto à dor. ¡O que êles tentam misturar as suas lágrimas às nossas lágrimas! o que êles arfam para que o mesmo fluido que nos prende aos sepulcros — onde estremecem — se não desligue da vida que ainda se não tornou visível! É que não só os mortos mandam nos vivos, também os vivos mandam nos mortos. E avançam, empurram-nos... Estendem as mãos mirradas para se aquecerem ao nosso lume; guardam nos ouvidos pela eternidade os ruídos vulgares — os mais belos — o das fôlhas caindo uma a uma, o da fonte que corre e que nunca mais tornará a correr, o da voz que lhe falou na hora extrema; guardam nas mãos o último contacto das mãos, e a réstia doirada dêste sol doirado ainda lhes reluz nos buracos das órbitas...

A terra gorda e remexida, todo o planeta que não pode com o pêso dos mortos, se revolve até às raízes. Poeira doirada misturou-se a êste húmus que estremece e acorda para realizar outra vida a que nunca se atreveram, para pôr em prática o sonho dos vivos e dos mortos.

Deitam-se ao mesmo tempo a caminho do fundo dos fundos e de mais fundo ainda. Mesmo morto o que eu não quero é morrer... Primeiro rebate da primavera doirada e frenética, primeiro impulso que estonteia e deslumbra...

¿Ouve-los falar baixinho, surpreendidos, como se soltassem todos o mesmo ah — de espanto, e se pusessem a falar baixinho uns com os outros?... Fala a poeira, fala a sombra desconforme, fala o pó desaparecido.

Os mortos é que estão vivos! os mortos é que estão vivos!

A MULHER DA ESFREGA

7 de Fevereiro

Do sonho que revolve o mundo cabe também uma parte à mulher da esfrega. Arrasta tudo consigo. Cai o inverno dentro da primavera. Engrandece-a, espalma-lhe os pés, esfarrapa-lhe os vestidos.

Está aqui a figura — está aqui outra coisa. Muda de expressão, como se fôsse possível as lágrimas usarem por dentro as figuras humanas, como a chuva e os passos gastam a pedra. Aquilo dura um momento, transparece um minuto, mas êsse minuto chega. Logo à submissão e à humildade se mistura um nada de entontecimento. Quási nada. Trouxe sempre consigo debaixo do chale um resto de sonho amargo. Remoeu-o transida de frio pela vida fora, quando fêz recados, aqueceu a água e rachou a lenha. É um nada e ampara-a. Atreve-se... Tôda a gente precisa de qualquer estonteamento para suportar a vida. Sonho gasto que andou por todos os caminhos, com pés espalmados como a recoveira. Há sonhos humildes que ninguém quere sonhar: servem à Joana, que quando os usa os vira do avêsso.

Velha quere dizer experiência e secura, e a Joana não tem experiência nenhuma da vida. Conserva a ternura intacta. Ninguém na ouve. Tem uma filha, nunca fala na filha. Às vezes pousa em mim os olhos turvos:

— O corpo pede-me terra.

Ainda hoje não comeu senão uma côdea que lhe deram. Aproveita tudo. Anda sempre absurda a fazer contas como um avaro. Os trapos são sempre os mesmos: seca-os no corpo. O monólogo é sempre o mesmo com que enche a vida tôda. É sempre a mesma obstinação desconjuntada, como se as palavras gesticulassem para o lado de dentro, e a mesma idea que a persegue e que debalde repele. Seja o que fôr, a Joana esconde-o muito fundo. Às vezes fica suspensa e alheada. Mal pode arrastar as pernas trôpegas. É pele, meia dúzia de ossos, um cangalho, que sente uma absoluta necessidade de repouso, de terra para dormir. O frio é de morte. Entranha-se-lhe até aos ossos, e a velha lá segue com o saquitel de boroa e os olhos turvos de tanto ter chorado. Vê sempre não sei quê que a não larga.

— A tua filha?... — E nunca fala da filha.

Naquele desespêro percebo uma palavra outra palavra. Sôbre isto chôro, sôbre isto lágrimas em barda, como se nascesse uma fonte na escuridão. A Joana chora sempre, chora por tudo e por nada, chora por si e pelos outros, não se sabe onde vai buscar tantas lágrimas.

A ternura é húmida.

Não compreendo êste ser. Viro-o, reviro-o. É um nada com duas ou três ideas no caco. Cheira mal, cheira a aziumado. Passou a vida a aturar os doentes e a vida repele-a. Apega-se e a vida acaba por fazer de Joana de unhas roídas, peles no pescoço e olhos turvos, uma figura disforme. Irrita-me e prende-me. Sei como a Joana se encortiça dum lado e se faz sensibilidade do outro. Posso dizer quási dia a dia como as mãos se lhe deformam, como os olhos se lhe aguam, explicar como a mulher da esfrega se parece com o pano da esfrega. Não sei explicar o resto. Com êste molho de ossos e alguns farrapos no corpo, há um fiozinho de oiro a reluzir, um fio que teima em aparecer à tona e em se misturar à água de lavar a louça. Anos, velhice, desgraça — e teima. Teima até ao caixão. Reluz sempre. Tem o mundo contra si, a vastidão sôfrega, o rodilhão do universo em perpétuo inferno. Resiste. Parece fácil de suprimir num sôpro. Resiste a tudo, êsse pó necessário como o pólen à asa para voar. Um nada com a noite diante de si, com a voragem diante de si. Tudo se gasta e desgasta — não o usam.

Tenho passado noites em debate com êste ser absurdo. Acabo pelo desespêro. Enfurece-me e apega-me ternura. Uma bôca enorme que se fecha sem emitir palavras, os mesmos olhos inocentes de pasmo, e um ronco que lhe vem dos gorgomilos como do fundo dum fole. Mais nada. Sacudo-a — deita sem-

pre a mesma água. O mundo é uma voragem. Tanto faz. A vida é uma mistificação. Debalde. Responde-me com ternura. Responde-me com uma vida humilde de desgraça e lágrimas. E outra coisa exprime a figura: surpreendo através dos farrapos e do ridículo, um nada imenso, uma fôrça imensa que transmite outro nada: algumas lágrimas para chorar, outro ventre para parir. Um poder de se perpetuar — para gritos. Impelem-na — impele. Debalde a dor sua, a Joana caminha molhada e trôpega, mas caminha. É inútil a desgraça agarrar-se-lhe. Mais funda porque é muda como a noite. Faz parte da velha. Envolve-a, cresce, enrodilha-se-lhe. Sua. Só geme: — Hã... — Resiste à desgraça, resiste à vida, resiste ao ridículo. A velha consegue ser maior que a desgraça. Nem tôda a água de lavar a louça suprime êste facto.

O meu desespêro termina aqui, diante desta criatura que não compreendo, de mãos roídas e um chale velho sôbre o corpo mirrado de ternura. Estraga-me a vida tôda. Perturba-me a lógica. Mete-me mêdo. Tanto faz que a Joana viva ou morra, que grite ou se cale: as mesmas estrêlas no céu, a mesma grandeza absurda, o mesmo mudo espanto. E no entanto nesta confusão esplêndida só a sua alma comunica com a minha alma. A sua dor, a sua mentira é que importam à minha vida e à tua vida. Negrume e um arranco: exaspêro para manter de pé um resto de ilusão. Mal se fecha abre os olhos atónitos. Não diz palavra. Por fim chora, as lágrimas correm-lhe

pelos sulcos das lágrimas e mistura-as ao pó de sonho com que foi entretendo a vida, a pequeninas coisas gastas e puídas — ao sonho que ninguém quere, ao sonho que ninguém usa, e que em todo caso a sustenta e a enleva, como as bonecas das crianças pobres, de trapo e com dois olhos abertos a retrós, que se lhes afiguram rainhas.

Há um mistério na vida de Joana, e no entanto na sua alma lê-se como através dum vidro. Tudo nela será falso excepto a dor. Não sei, ninguém sabe o que tem. Sinto que se obstina como se fôsse de pedra e dentro houvesse outra Joana a dar com a cabeça pelas paredes. Não ouço o que diz, nem sei o que sofre — mas a desgraça sua naquele monólogo sem pés nem cabeça, a que não ligo sentido. Debalde o sonho se encarniça. O sonho, que não cabe no mundo, cabe entre as quatro paredes daquele caco e revolve-a. Fecha a bôca como se tivesse mêdo de falar. Não quere ver — e há-de por fôrça ver. Persiste em manter de pé o resto da ilusão em que passou a vida, obstina-se o ciclone vivo em pô-la frente a frente à desgraça. É sonho contra sonho. O que ela não quere é ver, e só ela sabe o que não quere ver. Não pode com o pêso desconforme que a torna grotesca, e de todo se assemelha agora à árvore do quintal: mais sonho — mais flor. Abre uma bôca enorme, fecha-a sem emitir som. Mostra as mãos, aperta os gorgomilos e o sonho arranca-lhe farrapos. Há-de acabar por lhe extorquir a dor...

Sua vida é um monólogo que eu não sei traduzir. Nossa vida é sempre um monólogo de interêsse e de sonho. Sempre o mesmo monólogo interior, de dia, de noite, quando acende o lume ou quando põe em mim os olhos turvos. Talvez os bichos monologuem assim, muito baixinho, p'ra dentro, só dor, sem entenderem a vida nem explicarem a vida. A desgraça está ali ao pé, cada vez mais sêca, e nem o sonho nem a desgraça conseguem arrancar-lhe aquilo de vez para fora. — A minha filha... — Mas isso não basta! não chega! Mais dor, mais sonho. Abre a bôca cada vez maior e não tira outro som dos gorgomilos: só emite um ronco. A desgraça e o doirado tingem e entranham-se na água de lavar a louça. Há-de acabar por falar... Até agora por mais que faça sai-me das mãos ridícula.

— E vai eu disse-lhe... — E estaca, esfarrapada e atónita. Sacode-a o sonho com desespêro. — Hã... — E como naquele caco espêsso só há duas ou três ideas como traves mestras, e ternura naquela alma obscurecida, não avança mais palavra. E a desgraça sua e tressua. Grotesco, grotesco, e desespêro neste grotesco, e dor neste manequim desconjuntado, com um chale a esvoaçar e a bôca espremida. Anda aqui um ser imenso que luta com um ser humilde e o amolga até à caricatura. Não pode mais — e ainda aperta a bôca... O que tu lhe fizeste, sonho! o que tu lhe fizeste!... Tornaste-a disforme como a sombra dum bonifrate projectada sôbre um ecran. — Criou aquilo a bafo, trouxe-o sempre consigo debaixo

do chale, com olhos aguados e tal ar de aflição que parece tonta. — A minha filha... — e tu arrastas-lhe a dor como um trapo por todos os esgotos. Debalde se debate: tem de falar...

— A minha filha casou rica, a minha filha tem uma sala de visitas (é o que a Joana mais admira no mundo) como a das outras senhoras. A minha filha... não posso! não posso!...

E para não avançar mais, a Joana ri-se de si própria. Quem a não soubesse capaz de exagerar, diria que exagera. Ajunta pormenores embaraçosos a essa história que se parece com a mulher da esfrega pelos empurrões e pelos trapos. Repete-se, hesita, volta ao princípio, sem termos para se exprimir. E atrás das palavras sem ligação sente-se cada vez mais dor: o pano sujo da esfrega está embebido de lágrimas.

— Tenho uma tristeza metida em mim...

A narrativa desconjunta-se: ganha em dor e em grotesco. Enche a bôca, perde em naturalidade, adquire em imponência. O tom carregado é de farsa com resíduos de lágrimas. A desgraça ri-se da desgraça. Aumenta as côres de exagêro, carrega o traço, e a tinta engrossa:

— A sala de visitas! a sala de visitas!... — Representa com ademanes e mesuras grotescas a sua entrada numa sala em passo medido de procissão. Avança um passo, recua um passo. E aí surgem agora as visitas da filha, umas atrás das outras com espalhafato. A Joana prolonga demasiado a scena

para as velhas re rirem — e tem os olhos arrasados de lágrimas. Insiste, pára-lhe na bôca o riso desdentado como se tivesse um nó no gorgomilo. Teima, e desata a chorar. — E vai eu disse-lhe... — Reage e começa logo a rir. É um quadro estranho e sem realidade. No fundo, a tintas que ressumam desespêro, agitam-se figuras com penantes desconformes e sêdas amarelas. Primeira dama, segunda dama — e os chapéus teem penachos doirados, os vestidos recortes de espanto. E as mesuras repetem-se num acesso. Terceira dama de cauda a rasto, outra dama, cumprimentando para a direita e para a esquerda, e já nos longes enfumados, sempre com exagêro e grotesco, outras damas de espavento — da alta roda... E o ser esfarrapado mexe o crânio, para cima e para baixo, com um sorriso à sobreposse. Postiço sôbre postiço. Representa — e tôdas estas figuras parecem sufocadas, tôdas estas figuras que ela cria ridículas, mal dão dois passos, estão mortas por desatar aos gritos — tôdas estas damas inverosímeis, de roxo, de amarelo e de verde, pariu-as o grotesco com dor. A Joana imita as contumélias, olha em roda, e recebe-as pé atrás pé adiante. E já o absurdo aumenta, a dor aumenta e trasborda, quando outras damas de farsa, outros manequins forjados pelo sonho, se agitam de cá para lá na sala de visitas, engrandecida e transformada na sua bôca num salão doirado. É o ponto em que as velhas gozam, sentadas à roda da Joana, em que a D. Felicidade exclama: — Ai que eu não posso mais! ai que eu até fico doente! Vem-me

a sufeca.—Estão ali tôdas. Está a D. Hermínia, e com a D. Hermínia um mundo de inveja paciente; a D. Penarícia, e com a D. Penarícia uma alma onde repousam exaustos, como num vasto dormitório, todos os despeitos duma existência inútil; a D. Fúfia com os cabelos arrepiados, e por trás da D. Fúfia as ruínas devastadas de Cartago. Está a mulher da esfrega trôpega, amachucada, com olhos aguados de cão. E com isto ridículo, e sôbre esta tragédia ridículo.

Já a história entra noutra fase. Tantas vezes se tem preguntado porque é que a filha a deixa andar na esfrega, que a velha acrescenta pormenores embaraçosos. A narrativa torna-se obscura, dolorosa, hesitante, como se fôsse arrancada aos pedaços duma alma espezinhada.—E vai eu disse-lhe...

—Hoje é que ela está que até parece o Taborda!

Na realidade a Joana é insuportável. Repete sempre as mesmas coisas, depara-se por todos os cantos como um trambôlho. De noite, quando se pilha na enxêrga, cuido que mói ainda o mesmo sonho:—A esta hora lá está ela .. a esta hora... A esta hora a minha filha... —E os olhos cerraram-se-lhe de êxtase, de dor ou de espanto no sórdido buraco.

Tôdas as noites a velha, quando sai da esfrega, dá uma grande volta no negrume, alta, ossuda, molhada até aos ossos. Ninguém sabe onde a conduzem os passos trôpegos, a falar só, a remoer o sonho que a sustenta e ampara. Por vezes palpa um

pilar de granito, por vezes debate, com um ser misterioso, uma questão insolúvel. Sigo a sombra esgalgada, que gesticula e reza. Pára numa ruela, senta-se à porta dum casebre. Bate, não lhe respondem. Espera, e outra vez timidamente se atreve a chamar... — De dentro sacodem-na palavras bruscas, e a velha torna por o mesmo caminho, encharcada até aos ossos... Esta casa não é como as outras casas, esta sala não é como as outras salas, nem esta rua como as outras ruas.

8 de Fevereiro

O sonho é um — a realidade é outra: a realidade é uma figura só dor. Remoeu aquele sonho quando seguiu a filha pelas vielas. As mãos sêcas de desespêro tentaram em vão arrancá-la à desgraça. A filha desceu mais fundo, a Joana desceu mais fundo. Deu-lhe a vida e suportou o escárnio. Andou nas mãos dos ladrões e tem tal ar de aflição, que parece tonta. A desgraça pega-lhe pela mão e leva-a mais fundo ainda: aperta-a de encontro ao peito descarnado... Não faz idea nítida da vida e da morte, nem daquela viela com mulheres. Atura a abjecção e a miséria. Suporta os vestidos encharcados no corpo. Foi disto que ela fêz sonho — das noites de dor e do riso dos ladrões. A usura da vida e a dor reprêsa, engrandecem-na. Nunca se queixou. Escondeu de todos a sorte da filha. Guardou aquilo para si, noite a noite, tôda a vida. Bronco e dor, uma carcassa e farrapos,

e nos olhos não sei que expressão que a faz mais baixinha: — Aqui estou para te servir. — Passou por tudo, e um resto de ilusão bastou-lhe para poder viver. Sós a sós a figura tem uma expressão descarnada e reflectida.

Nessa noite, à meia noite, nasce o menino entre ladrões. Vem morto ao mundo. A Joana pega-lhe a tremer com as mãos da esfrega e deita-o no chale. Quatro cabeças se curvam à luz do candeeiro de petróleo para verem o menino — três cabeças de ladrões e a cabeça da velha.

— O menino está vivo! — afirma a Joana.

— É preciso enterrá-lo de caminho — diz o ladrão mais velho, encolhendo os ombros. E juntam-se à porta falando baixo, emquanto a velha lhe aquece o corpo pegajoso com o bafo. Dentro a mãe geme.

— Vamos.

Os gritos cessaram de todo.

— Venha daí.

E, tomando o braço de Joana, que achega a si o menino embrulhado no chale, levam-na para a rua. Vão adiante o ladrão e a velha. Caminham até um terreno de construção, lama calcada e recalcada: ao fundo o pano dum muro e um resto de árvore mutilada. Escolhem o sítio e o pai abre a cova com o alvião. Nenhum diz palavra. Só a Joana aperta mais o menino de encontro ao seio murcho, como se fôsse possível aquecê-lo. Agasalha-o dando vol-

tas ao chale rôto, e vai depois no escuro palpar a terra encharcada. Tira-lho o pai para o meter na cova, e ela ainda protesta:

— O menino está vivo.

Nenhum dos ladrões se ri. O que ela quere é outra vez criar. Está disposta a recomeçar a vida, a deitar mais ternura, a tirá-lo à bôca para o dar aos outros. E insiste:

— O menino está vivo.

— Vamos embora.

Sacodem as mãos: só a Joana conserva nas mãos a terra da cova. Rodeiam-na três sombras enormes e ela sente-lhes no escuro o bafo monstruoso. A seu lado caminha o ladrão mais velho. Os outros adiantam-se.

— O estafermo da velha rica que tu serves está só. Tu podes abrir-nos a porta...

— Roubar!...

— Ouve o que te digo... Tu não sentes o frio e estás molhada até aos ossos, tu de tanta fome já não sentes a fome.

— Ainda hoje comi uma tigela de caldo que me deram.

— Nem dás pela desgraça. ¿Tu não vês a tua filha numa viela e nas mãos dos ladrões?

— As bagadas que eu tenho chorado, senhor ladrão!...

— A desgraça trá-la escrita na cara. Ainda ontem lhe bateram. Nem a lama das ruas é mais baixa e mais calcada. Tu ouves?...

E a Joana mastiga:

— Naquela terra tão fria, chegado à terra...

— Para não sofrer. Deixa lá os mortos. Os mortos podem mais que os vivos. ¿Ouves o que te digo?... O menino matou-o ela ao parir...

— Jesus!

— Matava-o eu para não ser ladrão. Deixa lá o menino que está na terra. Escusa de ser ladrão... O estafermo da velha rica está só. Tu podes fazer-nos a entrega...

— Senhor ladrão, vossa senhoria... Assim Deus me ajude... Como a terra está fria!...

— Que me importa a terra! O que me importa é o dinheiro do estafermo. Ouve! ouve! ouve! Ela é rica, tu és pobre...

— O senhor fêz os pobres para servirem os ricos, e os ricos para ajudarem os pobres...

— A minha vontade era esganar-te... Por tua filha! Se não nos abres a porta êle estorcega-a. A tua filha é menos que nada nas mãos dêle...

— A minha filha... Vossemecê, senhor ladrão, também teve uma filha, que eu sei...

— Cala-te! Esta noite é por fôrça noite de desgraça. Tive uma filha e não lhe pude valer. Vi-a morrer com os olhos enxutos. Morreu tísica, morreu-me à fome e não lhe pude valer! Fiz-me depois ladrão. Deixemos os mortos... Uma madrugada fui de prego em prego. Tinha despido o casaco para o pôr no prego. À porta dum estava um cavalo à carroça com a cabeça metida numa seira, a comer. O que eu

invejei aquele cavalo! Morreu-me. Foi nesse dia que me fiz ladrão.

—A sua filha morreu-me nos braços...

—Tu não te calarás! Esta noite já me não serve. É noite de desgraça. Vai-te para o diabo!

Repele-a, e ao pôr-lhe a mão no ombro, repara que só traz a camisa estreme sôbre o corpo:

—O chale? que é do chale?

—O chale dei-o ao menino.

—Fizeste-la bonita!

Tal é a figura esfarrapada. Maior. Maior pela desgraça e pela mentira. A Joana, quando faz rir as velhas de cuia postiça, mente. Tem duas existências, uma vulgar, outra oculta. Lava as escadas, calada e submissa: à noite vive com os ladrões e as mulheres das vielas. E mente. Mentiu sempre. Mentiu emquanto pôde. Mentiu a si e aos outros. Fêz da dor mentira e da mentira sonho. Quanto mais desgraça, mais exagêro e mais grotesca a sala de visitas — maior a sala de visitas — mais doirada a sala de visitas. A Joana não se atreve a sonhar a felicidade: contenta-se em sonhar a desgraça, e não lhe tira os olhos de cima, para não ver outra desgraça maior. Ilude-se. E debate-se numa cogitação profunda como a noite. Tôda a noite lhe parece negra. É como se pela primeira vez desse com a vida. Deita as mãos, não encontra a que se apegue, e faz gestos para repelir o negrume. Remói coisas que não percebe bem, que se lhe confundem na alma e que traduz em palavras descosidas e sem significação.

De quando em quando pára, com os olhos fixos, e diz uma frase fora de propósito, a scismar com obstinação noutra coisa:

— Casa de mulheres, casa de ladras.

Ou monologa parada a um canto:

— O Senhor lá sabe porque a gente anda neste mundo e para que se criam estas coisas... Estas coisas... — E abre os olhos espantados. — Tudo está escrito no livro do futuro... ¡Sempre êle há gente muito boa neste mundo! É o que vale à pobreza. — Depois um salto dentro dela: — Onze, não, doze vinténs é que são. Quatro vinténs do baú que levei à cabeça, seis vinténs da esfrega... — E conta pelos dedos: — Seis, sete, nove vinténs... — Depois aquilo remexe, vai ao fundo do fundo: — A desgraça não nasceu comigo nem há-de morrer comigo. — Ou explui num grito de quem não pode mais: — Não posso com êste pêso, com esta desgraça, com esta desgraça sôbre esta desgraça, e com isto!... A dor que a gente cria aos seus peitos! E ainda por cima isto!...

Depois cala-se. É pior. Fica confundida e atónita, como um cavalo prostrado, que não sabe porque sofre e mantém os olhos abertos — ridícula diante da desgraça e diante do assombro. Cala-se e outro ser imenso começa a falar dentro dela. É um debate ao mesmo tempo fútil e cheio de grandeza, que não posso fixar, mesquinho pelas palavras que emprega e grande pelo sentimento que o reveste. É uma coisa triste, uma coisa dolorosa, uma coisa desco-

nexa, feita de nadas, de gritos, de mudez. A Joana fala com o Sonho tu cá tu lá e atira-se ao Sonho. E quando emfim o espanto se acumula sôbre ela, a Joana dispõe-se a arrancar-lhe farrapos. Misturem a isto dor, misturem a isto ridículo, porque a Joana revolve tudo, frases, sentenças, palavras que lhe acodem e que não formam sentido—veem de muito longe... —lágrimas, sonho e ranho. Assoa-se ao avental.

—Eu não sei dizer! eu não sei dizer!

E sem falar à sombra que a não larga, a velha gesticula para o escuro: a desgraça tapou-lhe a bôca, meteu-lhe outra vez a bôca para dentro. Avança com as mãos abertas. A noite é imensa. Cabem na noite os mundos infinitos, mas só me interessa a alma de Joana. Quere compreender e não pode. Pior: o sonho humilde já lhe não é possível. Parece perdida, tão inútil no mundo! A ternura não lhe serviu de nada. E há outra coisa em que é preciso insistir: não sabe porque sofre, não lhe cabem lá dentro a desgraça e a explicação da desgraça. Outra vez recorre à perlenga com que amortece a dor:—A sala... a outra sala... —Mas na sala disforme vomitam-se injúrias e as bôcas transformam-se em bocarras monstruosas, que a Joana não consegue tapar. Está só e a noite, só e o sonho. Fica dor pelo lado de dentro, como a fuligem duma chaminé quando se incendeia e fica doirada pelo lado de dentro. O negrume é cada vez mais compacto e o esfôrço da velha cada vez maior. Quanto mais negra

é a sala, mais a Joana insiste. Aumenta-a, e agitam-se as visitas em delírio: quem as recebe de pé a fazer cortesias de espalhafato é a própria desgraça vestida de amarelo. As cadeiras tomam outra expressão, o doirado dos móveis apega-se à noite espêssa. Estes cacos são expressões de dor e é a desgraça quem os arruma.

A noite irrita-me com a sua imobilidade imperturbável, e ao lado êste ser que só tem uma forma grotesca de exprimir o que sofre. Esta sala com um gato bordado a retrós, interessa-me muito mais que a noite negra, a noite funda, a noite caótica com esta vida e outra vida. A noite é inútil.

PAPÉIS DO GABIRU

9 de Fevereiro.

Há em mim várias figuras. Quando uma fala a outra está calada. Era suportável. Mas agora não: agora põem-se a falar ao mesmo tempo.

¿Sentiste-o avançar, pouco e pouco, no silêncio? ¿Sentiste o teu pensamento disforme avançar mais um passo no silêncio? ¿É porventura possível que o que se passa no mais recôndito do teu ser, alguém o pressinta e ouça avançar no silêncio?

Perpétuo combate a que bem quero pôr têrmo e que só tem um têrmo — a cova. Eu e o outro — eu e o outro... E o outro arrasta-me, leva-me, aturde-me. Perpétuo debate a que não consigo fugir, e de que saímos ambos esfarrapados, à espera que recomece — agora, logo, daqui a bocado — porque só essa luta me interessa até ao âmago... Estou pronto!

Todos nós pelo pensamento somos capazes de hecatombes. Detinha-nos a vida artificial, uma arqui-

tectura mais temerosa que tôdas as catedrais do globo postas umas em cima das outras.

Se me esqueço o meu pensamento disforme deita-se logo a caminho... Vejo-o caminhar e não o posso deter. Por mais esforços que faça não o posso deter. É como se eu criasse figuras, que se pusessem logo a caminho. Todos os fantasmas se dissolviam à luz da madrugada. Agora estas figuras teem de cumprir um destino. E pregunto a mim mesmo baixinho se na verdade eu não desejo que avancem um passo — e outro passo ainda...

Tinha mêdo de aparecer no outro mundo deformado e grotesco, e agora tanto faz entrar na morte repulsivo, como transfigurado e só dor.

Olhava êste momento que ia desaparecer, com saudade — porque nunca mais se repetiria no mundo. Nunca mais outro segundo igual nem na luz, nem na vibração, nem na ternura... O momento em que me sorriste, balouçado entre o nada e o nada, nunca mais se tornaria a repetir, idêntico e completo, em todos os séculos a vir! Estava ali a morte — está aqui a vida. Agora pregunto a mim mesmo se te deixo morrer; e a pregunta obsidia-me e exige resposta imediata. Sei tudo, tudo o que me podes dizer — já eu o disse a mim próprio. Até hoje falava a alguma coisa que me ouvia, hoje só interrogo a mudez, a mim mesmo me interrogo.

Tu lutas contra esta figura que dentro de ti te impele; — tu queres fugir de ti próprio, queres separar-te de ti mesmo, e não podes. Só consegues, à custa de esforços desesperados, manteres-te dentro da fórmula ou da máscara que escolheste, e arredar o crime e a loucura, e fingir e sorrir. Tu pudeste iludir o fantasma, seguindo pelo caminho trilhado. Iludiste os outros e a ti próprio te iludiste. Agora não. Agora sentes-te capaz de tudo. As grandes sombras que te entravaram a vida, ei-las reduzidas a dois punhados de cinza. Valia a pena a luta? O homem é sempre a mesma lama, os mesmos despeitos e os mesmos rancores, com resquícios de oiro à mistura. O que pode fazer é dominá-los. Mas sai sempre da luta esfarrapado e preguntando a si mesmo baixinho: — Valeu a pena? valeu a pena? — Depois que se venceu que lhe resta? Êle e o vácuo, êle e a saudade da lama que fazia parte integrante do seu ser. Ficou diminuído. A escuma também tem os seus direitos.

Alguma coisa, porém, se interessa pela minha dor. Tôdas as noites grito, tôdas as noites sufoco os gritos. Tôdas as noites me debato com o mesmo problema e a mesma angústia. E há uma coisa que assiste a êste espectáculo e se interessa, que cada vez me mergulha mais fundo para que eu me despedace — e se interessa...

15 de Fevereiro.

Com que saudades me aparto da mentira! Dos nadas, das pequenas coisas que dão sabor à vida. ¿Já reparaste que são as pequenas coisas da vida que nos fazem chegar as melhores lágrimas aos olhos? Na natureza os últimos dias de outono que se despedem de nós com saudade, o oiro húmido, o último sol nas fôlhas molhadas; as noites cheias de estrêlas, em que se adivinham outras estrêlas ainda; a ternura que não tem existência real, a sensação que passou por nós num segundo, sem deixar vestígios; e as horas que criámos, esquecidos e penetrados um do outro, ao pé do lume, já sumidas também na voragem. Nada — tudo. A tua expressão em certos momentos, em que uma figura transparece sob outra figura, como se fôsse dado contemplar, num rápido instante, a tua alma límpida — todos os sentimentos que geramos de ilusão, de sonho e de tristeza. Tudo e nada.

Agora a vida é amarga. Acabou a saudade e êste sabor amargo é o sabor da vida nova que começa. Até o remorso acabou.

Até hoje bastava uma palavra tua para me prender, ou a ternura que os teus olhos exprimiam. Tu sorrias... Um sorriso e mais nada, ternura e mais nada. Uma forma transitória, sonho e mais nada.

OUTRA VILA

20 de Fevereiro

O tempo era limitado, a paciência pegajosa, o gesto lento. Agora que a vida dura séculos ninguém espera um minuto.

Tenho aqui a vila sufocada de espanto, e, neste momento de silêncio e mudez, todos encaram com desespêro os próprios fantasmas. Está aqui o fel — e o fel está vivo. Está aqui a mentira — e a mentira está viva. Está aqui a D. Leocádia e o dever, a D. Biblioteca e o postiço, o Anacleto e as conveniências. Estão todos. Não falta ninguém à chamada. Está aqui também o espanto e a mania, e a mania tem os cabelos em pé. Custa-me a admitir-te na minha companhia, custa-me a arrancar-te de profundidades ignotas... Tudo o que fiz era um simulacro, reconheço-o. Passei a vida a arremedar a vida. Passei a vida com uma voz a prègar-me: — Não metas aí o nariz. — E a minha vontade era meter ali o nariz. — Passei a vida a cumprir o meu dever e a amargar o meu dever. Passei a vida a arredar-te e agora

tenho por fôrça de viver contigo. E tu? — e tu? — e tu?... — Gastei-me, gastei-a... — exclama a D. Leocádia. Cumpri sempre o meu dever. Cumpri-o com fel. Para cumprir o meu dever lhe repeti a tôda a hora que os pobres teem um logar marcado na vida. Fi-lo por dever. Não transijo nunca com o meu dever. Assim como devia tirá-la do asilo por ser do meu sangue, assim o meu dever era educá-la para pobre e reduzi-la a um ser passivo e inerte. Vesti-a com um saco e gastei-me um dia, gastei-a outro dia, a ponto de usarmos as feições e de não nos reconhecermos. Espiámo-nos ambas, uma em frente da outra, no silêncio gélido da vila, onde se ouvia o trabalho lento das aranhas no fundo dos saguões. — Dei-te o sustento, tens de ser agradecida. Tirei-te do nada, livrei-te da fome, é preciso sêres agradecida. Cumpre o teu dever. Eu cumpri sempre o meu dever. Cumpri-o contrariada, num perpétuo dize tu direi eu, numa eterna contradição, mas cumpri-o. Cheguei a tirá-lo à bôca para a poder manter. Cumpri o meu dever e amarguei o meu dever. Usei assim a vida a arremedar a vida. E tenho-a aqui na minha frente, com a barriga à bôca, à espera que eu cumpra o meu dever até final. Qual é o meu dever? Reconheço que a odeio — odiei-a sempre. Mas qual é o meu dever? pregunto. Qual era afinal o meu dever? Se fazia o bem, amargava o bem; e tu não me largavas se tentava o mal. A minha vida tem sido um perpétuo inferno, contrariada e impelida, e sempre a cumprir o meu dever amargo, o meu

dever estúpido. — E os olhos não se lhe despegam do fantasma coçado e verde, de ferro e verde. Grita-lhe: — Cumpri sempre o meu dever! Se não cumprisse o meu dever ia parar a uma viela. — Queda-se estrangulada e surprêsa, mais estrangulada e surprêsa ainda, diante da voz que lhe diz não sei o quê de temeroso... — E tu? — pregunto — tiveste inveja? — Tive e recalquei-a. Arranquei tudo, destruí tudo, por ti que não existias. — Mas isto é infame, isto não sou eu! — És, és, mais do que nunca o fôste. — Eu mesmo reconheço que sou outra casta de intrujão. Tenho outros preconceitos, falo outra língua e julgo-me superior. Na realidade sou outra casta de intrujão. O que me falta é desplante. Prendo-me a inutilidades, e, parà me engrandecer, admiro os meus escrúpulos e dou importância às minhas teias de aranha. A minha vida é uma serie de transigências secretas — e por cima mêdo... — Fala mais alto! fala mais alto! — A minha vida tão bem construída é uma aparência, a minha serenidade, aparência. Talvez um pouco de lógica, um pouco de acaso e mais nada. No fundo de mim mesmo tudo isto me parece um sonho monstruoso e sem nexo, e às vezes surpreendo-me a pensar: — Sou um doido? sou um doido? — É que me vem não sei donde, não sei de que confins ou de que recanto de alma que tenho mêdo de explorar, um bafo que me entontece. Serei eu doido? — Cada velha se põe a recuar diante de si mesma; cada ser procura afastar-se; cada um a si próprio se repele. Mas todos

são enrodilhados no pé de vento, que os leva sufocados e atónitos, balouçados entre a vida e a morte entre o assombro e o inferno. E é grotesco êste encarar com o sonho, pé atrás pé adiante, esta hipocrisia que teima em ser hipocrisia, esta mentira que quere ser mentira até à última extremidade. — Tu não deste um passo na vida sem obedeceres às conveniências e sem consultar o teu código de meticulosidade. Tens um *Deve* e *Haver* do tamanho dum prédio. A praça considera-te, Deus considera-te. E tu torturaste-a segundo as conveniências, habituaste-a a conter as lágrimas e a ser correcta com o mesmo grito recalcado ao fundo do coração. E êsse drama correcto, torna-se mais correcto ainda, e, século atrás de século, há-de acabar por atingir a correcção suprema. — Não tenhas mêdo, avança um passo, outro passo ainda... — Que é isto? que é isto que se me pega, diz a Teles, diz a Reles — e que me não deixa pensar na mania? — E nos olhos de idiotia, a vida, camada atrás de camada, chega a vir à superfície. — Ah, a mania, D. Teles, das Teles das Reles, a mania! Pensar neste trapo um dia, e só pensar neste trapo! Fazer de ti e de mim mania e só mania! — Dois castiçais de prata foram a minha vida. Pensei neles com minúcia. Um nada — ou Deus — bastou para me encher a vida. Acordei com êles, dormi com êles. Taparam-me o mundo. Isto foi o meu sonho e a razão do meu ser. Criei-o. Dei-lhe o meu leite. Vivemos juntos; ia morrer com esta mania, levava-a para a cova, sem ter pensado no

resto, e agora encontro-me sós a sós contigo, desprevenida e sòzinha. Fôste para mim um filho. Alimentei-te e alimentaste-me. Reservei-te sempre o melhor cantinho do meu ser. Salvaste-me do desprêzo de mim própria, pior que o desprêzo alheio. Quando me sentia mais humilhada e mais pobre, recorria a ti, e encontrei-te nas horas em que a gente até de si duvida, quanto mais dos outros. Trouxe-te sempre comigo. Sorrias-me. Fôste a carne da minha carne e o ôsso do meu ôsso. Um filho podia-me morrer; tu não me deste um desgôsto. Escondeste-me a vida e a morte — e eras um trapo, uma coroa de lata, dois castiçais de prata! Agora mesmo procuro agarrar-me — mas isto pega-se-me, deslumbra-me e ofusca-me... Há só uma coisa que eu queria ainda dizer, e não a sei dizer diante disto que tenho ao pé de mim, dentro de mim e me não larga... — Ai! ai! ai! — Também tu, também tu, prima Angélica, que passaste a vida debruçada sôbre a meia, também tu te ergues num arrebatamento, passa-te não sei que dor na escuridão cerrada, e procuras, com a agulha afiada como um punhal, furar os olhos de tôdas as pessoas que te fizeram bem!... Mas tanta inveja ruminaste que sorris e te curvas submissa sôbre a mesma meia eterna, a que mãos caridosas já não desfazem as malhas, e que tem três metros de comprido... — A mesa da bisca lambida caíu por terra, e de tal maneira se olharam nos olhos que não foi possível tornar a juntá-las. Só a mesma voz persiste dentro de

nós mesmos, no silêncio e na mudez da noite infinita, tal qual a D. Leocádia: — Mas eu não posso! eu não posso! Tu obrigas-me a fazer o que não devo! Tenho aqui fel e hei-de, para cumprir o meu dever, fazer o contrário do que sinto: dominar-me todos os dias, moer-me todos os dias, prègar-me todos os dias: — A gente só vem a êste mundo para cumprir o seu dever!... — O que há de pior no mundo é arrancar os desgraçados à desgraça! O que há de pior no mundo é não haver outra vida e passar esta vida a arremedá-la!

21 de Fevereiro

Até agora a mentira fêz-me suportar a vida, a insignificância e as palavras tornaram-me a vida possível, a vida onde à custa de palavras cheguei a ser Eleutéria da Fonseca, Balsemão, Elias de Melo ou Melias de Melo. Só à custa disto pude aturar a vida e o horror da vida. Só por não a ver, pude encará-la. Só emquanto fui feito de pequenas misérias e de palavras inúteis a pude suportar. ¿Mas agora que me resta se tudo é vazio de significação?

¿Custa muito a construir uma vida fictícia, a ser Teles ou a ser Santo, a criar um Deus ou uma mania. Custa a melhor parte do nosso ser. É certo que metade disto — metade pelo menos — é representado. Se te confessasses dirias: — Eu sou um actor, eu sou um actor de mim mesmo: represento sempre até quando sou sincero; até quando digo o que

sinto, é outro, e noutro tom de voz, que diz o que sinto... Cá estou a vê-lo representar... Mais de metade, muito mais de metade dos meus sentimentos, são postiços. Todos estamos ligados por compromissos, aceitamos certas leis e vivemos de aparências. Existe entre nós e dentro de nós um acôrdo tácito. No fundo bem sei que o que me dizes é mentira, mas sei também que tenho obrigação de ajudar a mantê-la. Respeitamos um compromisso vital. Mais alto! mais alto!... Para podermos viver só lidamos com uma parte convencional da vida. A outra não existe: se existisse seríamos bichos. Esta vida é uma mentira — a outra vida é monstruosa. Desabada a arquitectura aparente, ficamos ignóbeis. Isto que aí está por terra custou muito desespêro, primeiro na inconsciência e na obscuridade, através da inconsciência e da obscuridade, e depois através de terrores e de indescriptíveis esforços. Custou aos vivos e aos mortos a dor das dores, poderem discernir dois ou três factos essenciais na treva condensada, na treva compacta dùma noite que durou séculos. Esfôrço inconsciente de larva, com um destino a cumprir e léguas de granito a romper. Tirámos o mundo do nada. Levou séculos e séculos — mas tirámo-lo do nada. No princípio só fomos almas, criámos depois a casca. Também as árvores só a poder de tempo se revestiram dum envólucro. Éramos todos fantasmas. Criámos tudo — e a mentira. Tudo — e o hábito. Tudo — e a paciência. O sonho não é senão uma reminiscência. Tôdas as inutilidades não

passam de adaptações à vida. Essas pequenas coisas são ao mesmo tempo temerosas e ridículas. Bem encarada a ninharia é uma tragédia. Dêstes sêres saem outros sêres grotescos e terríveis — terríveis e grotescos. No silêncio a mania toma proporções quiméricas, e não sei como hei-de juntar estas duas coisas — mania e desespêro.

Dentro de cada ser ressurgem os mortos. Crescem dentes às velhas, afiam-se-lhes as unhas debaixo dos chales. Adquiriram outra expressão. Quási tôda a gente emmagreceu. Aguçam-se ferros no escuro. Procuram-se. Qual é o teu verdadeiro ser? Eu mesmo não sei. Dá-me um trabalhão encontrá-lo e acho-me sempre em frente de cacos, a que não consigo dar unidade. Uma ninharia — um impulso — um hábito. ¿É isto que constitui o meu ser, ou é esta série de imagens, já desaparecidas, que formam a minha e a tua vida? Não, o meu verdadeiro ser sacode a poeira na cólera, na paixão, no amor ou no ódio, — porque aos sentimentos também é preciso desenterrá-los — e actua num frenesi. Acabaram as hesitações e as dúvidas, porque já não sou eu quem mando, a minha razão ou a minha vontade: são os mortos. E é quando me sinto viver.

E a insignificância? Até a insignificância. A insignificância com orgulho, a insignificância com desespêro.

25 de Fevereiro

Aqui está a vila tôda — mas as figuras mudaram. São disformes. O próprio Santo cheirou as velhas, sacudiu as velhas e atirou com as velhas à rua. Do alto dos montes vomita cóleras sôbre a vila passada de terror. O silêncio redobra, a dor redobra. E com isto uma alegria a que falta o ressaibo de tristeza que se misturava a todos os nossos sentimentos. Falta-lhe equilíbrio e harmonia. Tem a maior ferocidade. E produz o mesmo efeito que êste scenário de assombro, que o vento e a chuva esfarelam, e onde sobrenadam restos. E com isto a voz que não nos dá tréguas e que atinge o desespêro: — Não grites, D. Leocádia, não grites. Reconheço que és feita duma peça só. Fôste sempre inteiriça. — Tirei-o à bòca para a manter... — Tiraste-o. Tomaste a vida a sério. Entendeste sempre que pobres se educam como pobres, passaste a vida a azedar a vida, e o dever, que fizeste amargar aos outros, começou por te amargar a ti. E a esta luz intolerável as coisas tomam a teus olhos aspectos ignorados... — Mas então não há dever nenhum e eu não sou a D. Leocádia, 29-3.º-D.? — Outro passo, D. Leocádia, mais outro passo ainda... — Que exiges tu de mim então, que não compreendo? Que exiges tu de mim contra a minha vontade? Que me aniquile? Que me dispa para te vestir? — Não grites... — Que exiges tu de mim de absurdo com que não posso arcar? Um esfôrço sôbre-humano? Ou exiges apenas que eu faça o bem que posso, uma parte do bem? Ou é o mal

que tu exiges de mim e o bem é um pecado? ¿Melhor será deixar a cada um a sua parte de desgraça e de cólera?... Eu posso talvez despir-me, posso cumprir o meu dever, mas que mais exiges tu de mim com que, ainda que queira, não posso! Que exiges tu de mim?! — Mas, D. Leocádia, eu não exijo nada de ti, cada um se agüenta conforme pode neste balanço...

— Mas então não há dever nenhum? não há bem nenhum? Que fiz eu dêste ser apagado e inerte com um filho do meu filho na barriga? — Oh D. Leocádia, ¡como tu, educada sempre com as mesmas palavras e no mesmo dever, um dia de dever, outro dia de dever, e erguendo, no silêncio e no tédio, uma construção de trapos e de palavras que chegou ao céu e substituíu o céu — como tu tapas os olhos com desespêro para não ver! Hás-de agüentar com êste pêso, que não podemos suportar... Talvez fiquemos cegos, talvez saiamos daqui aos gritos, os maníacos sem a sua mania, os bons sem a sua bondade, e os pobres só fel e vinagre, mas temos de ver o que não nos estava destinado. Para largar a pele, D. Leocádia, até a cobra adoece. Tanto importa que resolvas como que não resolvas o problema — todos temos de dar o passo. A vila é a mesma vila, as pedras as mesmas pedras. Nós mesmos não mudamos. A nova vida obriga-nos apenas a discutir o que estava ao nosso lado. Tudo existia no mundo até êste desespêro; tudo estava vivo, até êste grotesco. Nós é que estávamos mortos.

Passou no mundo a estranha ventania, e a morte de tal maneira se entranhou na vida que custa a separá-las. Mas já lá vão as fórmulas, os alicerces e os usos... No alto, sôbre êste absurdo, entre o borralho remexido, com a cinza e as faúlhas atiradas indiferentemente para a escuridão, só a Via Láctea mudou de côr e alastra de lés a lés na abóbada recurva uma nódoa viva de sangue.

DEUS

28 de Fevereiro

Dormi num tabuado, cingiu-me uma cadeia. Vesti--me com um saco. Todos os dias arranquei de mim próprio um farrapo e um grito. Arredei tudo para ficar só contigo no mundo. Sacrifiquei-te tudo. Fiquei nu e Deus, nu e a vida eterna. Tinha o horror da lepra, vivi com os leprosos. Calquei tôdas as afeições inúteis, e se uma andorinha me fizesse ninho na banca, como ao frade de Assis, torcia-lhe o pescoço. Encheste-me a vida tôda.

E agora a morte não existe, Deus não existe, a vida eterna não existe. Uma luzinha e depois a escuridão!

Tenho diante de mim esta fôrça cega, êste absurdo a escorrer ternura e lepra, como uma primavera escorre morte, a irromper contra tudo e a pesar de tudo, duma profundidade cada vez mais sôfrega e cada vez maior. Não quero ver e hei-de por fôrça ver!

Êste inferno, a que dei vida e a melhor parte do meu ser, não existe! Tinha conseguido só te ver a ti no mundo. Com uma palavra enchi o vácuo. E êste Deus por quem sacrifiquei tôda uma vida e a melhor parte da vida, não existe! Foi tudo inútil. Dilacerei-me. Dei-me a mim próprio em espectáculo. Assisti a esta tortura, e tu não existias! Vivi fora de mim mesmo e de repente tive de me aceitar a mim mesmo. Tôda a minha vida foi inútil! tudo o que fiz foi inútil! Foi grotesco e inútil!

Sacrifiquei tudo a quê? Sacrifiquei o melhor da minha vida ao vácuo. Ofereci-lhe em espectáculo a minha dor. Mas então que existe? Qual a directriz da minha vida? Qual a ilusão com que hei-de encher isto? E para que hei-de viver? Qual o sonho imenso capaz de substituir êste sonho? Que é Deus agora? Deus é tudo e nada. É uma fôrça. Deus é uma lei inexorável. Mas então tu que podes tudo — tu não podes nada. És uma lei — e hás-de cumprir essa lei. És um destino e não podes dar um passo fora dêsse destino. Não vês, não ouves, não sentes. Eu sou uma insignificância e valho mais do que tu. Porque eu grito, eu sofro, eu atrevo-me. Amanhã quebro o meu destino. Tenho uma consciência. Sou ilógico e absurdo. Debato-me. E tu, Deus, não passas duma fôrça cega e estúpida. Não me serves de nada.

Preciso dum Deus que me atenda, que me escute, que saiba que sofro e que me veja sofrer. Preciso

dum Deus que me salve ou que me condene. Preciso dum Deus que me ampare. Preciso duma inteligência superior à minha e em comunicação com a minha.

Um Deus-fôrça, um Deus que não se comove com os meus gritos nem as minhas súplicas, não me interessa. Um Deus que caminha para um fim que não atinjo, é um Deus absurdo. De que me serve êste Deus? Não ouve os gritos — destrói: não sente a dor — destrói. Destrói e caminha. É inalterável. Ilude-nos. Deixa-nos um segundo diante dêste espectáculo, para nos mergulhar no nada. A nossa aspiração não cabe aqui: entrevemos, sonhamos, e, a meio do caminho, talvez no início de sonho maior, destrói-nos. Pior: tem uma necessidade de sofrimento cada vez maior, de sofrimento inocente ou culpado. Revê-se na dor. Deus é cego.

Debalde grito — não há quem me ouça. Debalde sofro — ninguém o detém. Tanto faz viver como morrer. Deus, tu és monstruoso! Destróis — caminhas. Destróis e não sentes. Vens do infinito, e atrás de ti fica um infinito de dores, uma massa de gritos e de sêres espezinhados. Segues e destróis. Constróis não sei o quê de portentoso com que não posso arcar. Dessa pata monstruosa escorre sempre ternura. Não é indiferente que calques e recalques. Quanto mais espezinhas, mais gritos, mais ternura nas árvores, mais estrêlas nos céus. Parece que a dor é inseparável da ternura, como a morte é inseparável da vida.

— Até aqui eu tinha uma tábua a que deitar a mão. Até agora tinha um nome — agora não sei como me chamo. Agora tenho mêdo de mim mesmo, agora sinto-me isolado neste caos infinito, neste repelão desabalado, que me leva sem sentido e sem fim. Eu e a noite — eu e o doido! Até agora supunha-me tudo, eu e Deus, eu e a mão enorme que me conduzia e amparava. — Sofras ou não sofras, vais para a mesma cova, para o mesmo nada, para o mesmo silêncio. Antes o inferno! antes o inferno! Tu que fôste desgraçado, ou tu que fôste feliz, tu que te descarnaste até à medula e tu que passaste indiferente pela desgraça — vais para a mesma cova profunda, inútil, absurda e muda. Antes o inferno, antes a dor pelos séculos dos séculos a vir, do que a mudez e o horrível silêncio atroz! — Tudo foi indiferente, tudo é indiferente ao monstro que passa e esmaga, que não ouve e esmaga, que não vê e esmaga. Indiferentes os teus gritos e as tuas súplicas; indiferentes a tua renúncia, a tua dor, as tuas lágrimas. Foi indiferente que fôsses bom ou mau, que tentasses subir ao tôpo do calvário. Não existe na realidade nem vida nem morte — não há na realidade senão quimera e dor — não há na realidade senão êste monstro que passa e esmaga, que caminha e esmaga.

Deus é cego! Deus é cego!

Emquanto te importaste comigo no mundo, fôste o meu único pensamento e só tu me importavas no mundo. Agora não posso, agora não dou contigo.

Agora não te encontro. Agora sou mais pequeno e maior. Agora meto-me mêdo. ¿Que voz pode ecoar e sobressaltar esta solidão infinita, êste mundo infinito, onde os gritos se não ouvem a cem passos, e tudo que chamamos amargura, dor, grandeza, se apaga logo e se reduz a zero? O meu dever já não é o mesmo dever, a minha consciência já não é a mesma consciência. Só os meus instintos se conservam de pé.

Acuso-te de teres comprometido a minha situação no universo. Acuso-te de não me deixares ser infame. Acuso-te de me dares o remorso. Acuso-te de impedires o instinto. Acuso-te de teres transformado a vida e criado a consciência. Acuso-te de me deixares sòzinho com êste pêso em cima, com a idea da vida e com a idea da morte. Acuso-te de me levares para um calvário como o teu, para me tornares grotesco, e de me colocares em frente de ideas com que não posso arcar. Acuso-te de não poder mais, e de me instigares a mais ainda. De me obrigares a olhar cara a cara o assombro que não existe; a morte que não existe; a consciência que não existe. Subverteste o mundo. Forçaste-me a criar outro mundo, a olhar para cima e a clamar no vácuo. Acuso-te de não me deixares atascar à minha vontade em lôdo, de não me deixares mentir, matar, chafurdar. Acuso-te de me impelires para cima, quando a minha vontade era ir para o fundo. Acuso-te de não me deixares ser bicho.

Estou pronto para tudo. Desde que não há Deus tudo são palavras. Desde que não há outra vida, só há esta vida. Só há êste minuto, esta hora presente. Sinto-me capaz de tudo. Estive anos a rezar a uma cómoda, a falar a uma cómoda, a sofrer diante duma cómoda. Fui grotesco! fui grotesco e tu não vias! fui grotesco e tu não ouvias! fui grotesco e tu não existias!

Dói-me tudo, dói-me principalmente sentir-me grotesco! sentir que perdi a vida e sou grotesco! sentir que me deti e fiquei descarnado, impotente e grotesco!

Por uma palavra fui absurdo. Por uma palavra tenho atrás de mim uma arquitectura desconforme e destroços que enchem o mundo — por uma palavra e mais nada. Tu não existias!

Mas então — pregunta esta voz colérica — todo o esfôrço é inútil? todo o sacrifício é inútil? Criaste estas ideas falsas de dor, de renúncia — e não existes! Um santo viveu sôbre uma coluna: «Desde que se punha o sol até que amanhecia o dia seguinte, estava de pé na coluna com as mãos levantadas ao céu». Oitenta anos de grotesco. Outro amaldiçoou-te: «Ai de ti, cidade sensual onde os demónios fizeram sua habitação!» — Grotesco! grotesco! grotesco! Tu não existias! Que se levantem todos do sepulcro, uns atrás dos outros, que se erga o pó e te

grite: — Tu não existias! — Chamaram-te. Imploraram-te. Carregaram com a tua cruz. Andaram de rastros, reduziram-se a ôsso e a lepra. Foram indiferentes ao sofrimento e ao sarcasmo. Renunciaram à vida, deram-te o espectáculo da sua dor, a ti que não existias! Das profundas do mundo vem sempre a mesma ânsia, das profundas da dor ergue-se sempre o mesmo grito. Isto tem alicerces como nunca se cavaram alicerces. Cimentaram-nos os vivos e os mortos. E por mais esforços que empregue — tu na realidade não existes. Há outra coisa pior que está viva, outra coisa monstruosa que avança dentro de nós e direita a nós e que ninguém pode deter. Tu não existes e eu tenho de caminhar por fôrça, não sei para que estúpido destino. Tu não existes e obrigas-me a avançar para um fim grotesco — desmedido e grotesco — que não compreendo nem abranjo. Tu não existes — e estou nas tuas mãos. Tu não existes e neste mundo absurdo, onde não encontro quem me condene e quem me salve, há ainda quem me empurre, quem me arraste e me faça sofrer, uma fôrça cega que trago comigo, que me rodeia e me não larga! — Tens de existir por fôrça. Tens de existir pelo que sofremos e pelo que criamos. És a única luz nesta escuridão cerrada, a única razão como verdade ou como mentira. Existe aquilo que eu quero que exista, é verdade aquilo que eu quero que seja verdade, aquilo que eu e os meus mortos transformamos em verdade. A fé é maior que tôdas as fôrças desabaladas, mais viva que tôdas as vidas.

Compreendo a inutilidade de todos os esforços e faço pela mentira o esfôrço que fazia pela verdade. Tenho de te manter à custa de desespêro.

Se não existes é forçoso que exista um ditador moral, que extirpe sem piedade o pecado da terra. Que não ouça os gritos e condene, que realize o pensamento de Saint-Just e obrigue os ricos a trabalhar nas estradas, e cujo poder ignorado e oculto submeta a humanidade a uma lei de ferro, e a salve pela mentira, já que a não pôde salvar pela verdade. Cinja-me a mesma cadeia, durma no mesmo tabuado e empregue o mesmo esfôrço, por um sentimento de desespêro contra ti que me iludiste. Por mim próprio, para fugir de mim e de ti que não existes! Resisto, teimo. Só vejo treva e teimo. Levo-me todos os dias ao mesmo espectáculo. Rasgo-me com gritos. Ó desgraçado, aquilo em que tu crês é mais negro que o negrume!

A mesma fôrça cega nos impele. Queira ou não queira sou levado para um fim que não compreendo... Caí nas suas mãos! Outra coisa me envolve a que não sei o nome, outra coisa que espera de mim uma acção que ignoro, outra coisa a quem eu me quero manifestar e que talvez se queira manifestar, sem nos chegarmos a entender. Rodeia-me. Sinto-a. Há ocasiões em que me toca. Ouço-lhe os passos. Debato-me. Constrange-me. Há momentos em que me iludo, para fingir que estou sòzinho. Há momentos em

que me escarnece. Sufoca-me: vou ouvir-lhe os gritos — tenho mêdo que me fale! Só ela vive no mundo, só ela anda à toa no mundo! Debalde apelo para mil manhas, debalde tento mil explicações. Estou nas suas mãos! estou nas suas mãos! Outra coisa inexplicável e imensa, temerosa e imensa, anda por trás de mim, dentro de mim, outro abismo maior, outra coisa que sua e me escalda até à medula. Procuro esquecer-me — ela aqui está ao pé de mim. Na vida e na morte estou nas suas mãos monstruosas. Sou a consciência — tu és o impulso. Sou a razão — e não sou nada. Luto até à morte, finjo até à morte, vou até ao fim dilacerado, escarnecido e iludido.

Estou nas tuas mãos! estou nas tuas mãos!

O DEVER

1 de Março

D. Leocádia, o dever é um contrato. Um contrato com um ente superior ou um contrato com os outros. Há deveres para com Deus e deveres para com os homens. O contrato com Deus falhou, porque Deus não existe; o contrato com os homens não o cumpro, porque, se me sujeito a respeitar-lhe as cláusulas sòzinho, expoliam-me. Restam os deveres para contigo, os deveres perante a tua própria consciência. Oh D. Leocádia, eis o fundamento da questão!... Tu tens passado a vida com uma personagem importante, que te julga, te aplaude ou te condena, e para ela, e só para ela, deste as tuas melhores representações. Para a enganares, enganaste-te, mentiste para lhe mentires. E reduzida a trapo, só desespêro e orgulho, atiraste-te aos pés dessa avantesma que não existe, D. Leocádia — que afinal não existe! Como se consegue edificar uma vida sôbre um broche com um sujeito de suíças e uma redoma de vidro com a imagem dum santo, e intercalar-lhe um drama baseado na idea do dever, até ao ponto de se apoderar de ti até ao

âmago, é que eu não compreendo e admiro, ó sórdida antropopiteca com uma cuia de retrós! O dever era frio e amargo e tu cumpriste-o; o dever era coçado e hirto e tu cumpriste-o. Foi a razão da tua vida. Azedou-te e sustentou-te. Quando te vencias, vencias-te com orgulho. Deu realidade à tua existência efémera. Fôste ao mesmo tempo actor, tablado e público. Sem êsse diálogo entre ti e ti, entre uma D. Leocádia de cuia de retrós, e outra D. Leocádia de cuia de retrós, desesperado e pertinaz, articulado ou mudo, que te fêz de fel e vinagre, a tua vida não tinha tido directriz. Nas noites solitárias, em que não conseguias aquecer os pés com dois pares de coturnos, aqueceu-te. Diante do frio da pobreza teimaste: — Cumpri sempre o meu dever. — Diante da sórdida velhice, avançaste com autoridade: — Cumpri o meu dever. — E até diante da imagem pavorosa da morte, exclamaste sem receio: — Cumpri sempre o meu dever! — E só tu sabes o que é cumprir o dever dos deveres, o que é tirá-lo à bôca para o meter na bôca que se detesta, entre quatro paredes dum terceiro andar (29-3.º-D), desde o princípio da vida até ao isolamento da cova. Cumprir o dever minucioso e exigir o dever minucioso. Com êle dominaste-te e dominaste-a, gastaste-te e gastaste-a, esqueceste a vida e a ti própria te esqueceste. Com uma palavra e mais nada. Arreganha os dentes se queres ao teu próprio fantasma... Com uma palavra e mais nada. Subordinaste a tua vida ao dever, e o dever não existe: é um mundo de orgulho e de es-

crúpulos. Custa a entrar na cachimónia que a côdea que tiraste à bôca para a manteres, o vestido que cortaste ao teu próprio vestido para a vestires, as noites de discussão interminável, tu e o dever — tudo fôsse irrisório e inútil. Mas foi. O dever não existe, o mundo construído com alicerces por *omnia secula seculorum* não existe, D. Leocádia. Perdeste a vida e transtornaste a vida atrás duma sombra. Restam-te mil anos e um dia, para cumprires, se queres, o teu dever inútil, o teu dever atroz, para obedeceres a um fantasma absurdo, a quem dás o último leite dum peito exausto. Repara bem, atende bem... Chegou o momento em que vais aparecer diante do universo com as tuas ideas fundamentais e sem o teu vestido de lemistre, e, se te obstinas, mesmo no fundo da cova e com a bôca cheia de pó hás-de gritar de desespêro, quando te compenetrares de que o dever postiço, o estúpido dever, fede que tresanda. Queiras ou não queiras chegou a ocasião de me rir de mim e de ti com dor e lágrimas, e de te expor tal qual és, nua e reles, nua e grotesca... Despe-te, D. Leocádia!

Mas a figura verde não cede: traça o chale como quem se fecha com os sete selos do Apocalipse e exclama do alto do seu pedestal: — Eu sou de muito boa família!

(O pior foi dela, o pior foi desta figura sêca e coçada, desagradável e sêca, que eu conheço desde que me conheço, sempre a prègar contrariada o seu dever, sem um dia de descanso e na eterna dúvida:

— Cumpriria eu afinal o meu dever? — Vai para a cova farta de cumprir o seu dever e ignorando se na realidade cumpriu o seu dever nem para que serve cumpri-lo. Ninguém a pode aturar. Odeia o dever que cumpre, e cumpre-o sem desviar um passo como quem cumpre um destino. Até te digo mais: o que lhe custa a abandonar na hora extrema não é a tua, mas a sua companhia. Olha-o com desvanecimento. Faz-lhe falta. Mais falta do que Deus, essa avantesma de cuia de retrós com quem passou os melhores dias duma existência incerta. É talvez o seu verdadeiro Cristo, que continua, mesmo sem existência real, a reclamar que cumpra as cláusulas dum contrato já rôto. Tem de cumpir o seu dever não acreditando no seu dever. A D. Leocádia é uma figura sêca e coçada, enorme e sêca, verde e grotesca, que desvia o olhar da vida, para cumprir, seja como fôr, o dever estúpido, o dever atroz. Tenho vontade de chorar)...

Foi buscá-la ao asilo e trouxe-a para casa, com o cabelo cortado como um recruta. Deitou-lhe a mão e fechou-se com ela por dentro. As paredes tomadas de frio salitroso, transiram de frio sepulcral. Quando se atreveu a rir, cortou-lhe logo o riso cerce — para não se tornar a rir; ao primeiro assômo de vontade, cortou-lhe logo a vontade rente — para não tornar a ter vontade; e, quando caíu de cama, postou-se dia e noite à sua cabeceira, hirta e solene como o dever.
— Um pobre não tem vontade, um pobre não tem orgulho. Nem pode tê-lo; veio ao mundo para cumprir

o seu dever. Veio ao mundo para ser obediente. Pobres educam-se como pobres e ricos educam-se como ricos.

Só tu, D. Leocádia, te deste ao gôzo superior de teres uma alma à tua discrição. E isto sem gritos, com um ou outro soluço logo represado, noite e dia, dia e noite, e um olhar de espanto, uma luz que se extingue até à impassibilidade, num terceiro andar de rua da Bitesga. Levou tempo a morrer essa ternura dorida, que teimou em vir à superficie, até que a D. Leocádia a conseguiu esmagar sob o calcanhar de ferro — para sempre, para todo o sempre. Por fim uma curvou a cabeça submissa, e a outra ergueu a cabeça triunfante. — Para a livrar da fome, para a subtrair à desgraça. Se não fôsse eu, ia parar a uma viela. Cumpri o meu dever. — Sim, e para a criar, para que não fôsse parar a uma viela, o vestido que lhe durava uma eternidade, teve de lhe durar outra eternidade ainda ; a côdea, que mal chegava para lhe matar a fome, repartiu-a com a órfã, guardando para si o bocado mais pequeno. Cumpriu o seu dever de ferro, o dever que pesa toneladas, e cumpriu-o sem desviar um polegada da linha do dever. Obrigou-a a levantar-se de noite, mas levantou-se primeiro do que ela. Pobres querem-se como pobres, sempre na regra e no dever e sem levantarem a cabeça. Quando a órfã a olhou transida de dor e a D. Leocádia lhe bradou : — Cumpre sempre o teu dever ! — já ela tinha cumprido o seu dever até final. Passaram-se anos ou séculos, morreram as aranhas de velhice no fundo

dos saguões desabitados; nas paredes mestras de granito a camada de frio salitroso juntou-se camada de frio sepulcral, e a camada de frio sepulcral sobrepôs-se camada de frio desumano. E sempre tu cumpriste o teu dever e ela cumpriu o seu dever de hora a hora como um pêndulo. Incutiste-lho tão fundo que aí a tens na tua frente, pálida e inerte, com um filho do teu filho na barriga...

Não te queixes, D. Leocádia, porque afinal fôste buscá-la ao asilo para te sentires maior no teu orgulho. A desgraça dos outros não comove, a desgraça alheia consola. Mas tinhas de cumprir o teu dever: ao majestoso edifício que arquitectavas, faltava-lhe ainda o remate. A côdea que tiraste à bôca manteve-te melhor que se a comesses, e o vestido que lhe deste, agasalhou-te melhor que se o vestisses. Engrandeceste. Amargaste e doiraste. É verdade que também ressequiste. Espera, espera... Ressequiste, mas como o mundo é extraordinário, como a vida é pródiga e teimosa e irrompe até das pedras, extraíste não sei que ternura azêda do mais duro de todos os peitos — ó contraditória D. Leocádia, 29-3.º-D., que eu não chego a decifrar. Não podes com isto, não explicas isto, não aturas isto! Não compreendes. Nem eu.—Também eu, D. Leocádia! Lé com cré. Também eu, se me liberto disto que não tem significação, não encontro nada que tenha significação. Chegámos ambos ao ponto e estamos ambos estarrecidos. Moeste-te e moeste-me por uma palavra apenas...

Olha bem para ti! olha bem para dentro de ti! Moras na rua da Bitesga, entre duas ou três curiosidades seculares. Usas um vestido de lemistre, luvas de algodão no fio e um broche pendurado ao pescoço. Não sei por que bambúrrio se te encasquetou no toutiço a idea de Deus e do dever, e de que o infinito tem de dar importância ao teu problema, aos teus flatos e ao teu broche, onde um retrato de suíças não tira de mim os olhos de peixe... Não mastigues. Bei sei que só nós, tu e eu, eu e tu, com o teu vestido de lemistre, é que somos capazes de contrair noções, talvez erróneas, mas profundas, do bem e do mal. Os outros bichos teem mais que fazer. Mas é por isso mesmo, D. Leocádia, que te caíram os dentes postiços e que começas, nesta nova situação, a compreender que o bem e o mal é tudo a mesma coisa. Talvez a gente não possa fazer o bem senão a si mesmo...
— Mas então — e crispa a mão sôbre o broche — talvez o bem seja uma monstruosidade, talvez todos tenhamos de destruir. O mal é que eu sinto. Para o mal é que eu fui criada! — E sua de aflição tôda a tinta que lá tem dentro, quando outra D. Leocádia irrompe da carcassa da D. Leocádia: — Pregunto-te se o que tu não consegues é prolongar o mal. Pregunto-te se êsse orgulho humano, se êsse orgulho sôbre-humano, não é um mal maior, e essa piedade que sentes não é por ti que a sentes. — E eu, e eu pregunto-te se a minha verdade falsa não me serviu melhor que a tua verdade amarga. — Pregunto-te a ti — e sacode-a — se não é isto que eu sinto cá de

dentro, do fundo dos fundos. Pregunto-te de que te serve a mentira com que coabitavas. Nunca conseguiste bem nenhum, nunca cumpriste o teu dever. Logo que te pus a ti e a ela na mesma situação de igualdade já não pudeste cumprir o teu dever.

D. Leocádia, quem recebe o bem fica sempre humilhado. O bem constrange. O que chamas a piedade e o bem põe quem o recebe na situação de te morder as mãos. E continuar a fazer o bem é elevar-te pelo bem que fazes e rebaixar-me pelo bem que recebo. Acabas por gastar o que em mim há de melhor. Oh D. Leocádia, se eu pudesse — eu é que te fazia o bem, para tu veres o que é o bem recebido, o bem agradecido e o bem amargurado. Antes tu me fizesses mal, D. Leocádia, porque o mal põe-me ao teu nível, e o bem acostuma o desgraçado a ser mais desgraçado ainda. Degrada-o. Põe-no na tua dependência e na dependência da desgraça. Cria uma superioridade, a tua, e um azedume, o meu. Classifica para todo o sempre. Estou perdido se não reajo em ódio. — Mas então... — e a D. Leocádia atira-se com desespêro à outra D. Leocádia, e interrompe-a, primeiro com mudez, depois com gritos: — Ia parar a uma viela! — Avança e repete mais alto: — Ir parar a uma viela é o que há de pior no mundo! — E a outra torna com escárnio e diz-lhe ao ouvido não sei que segrêdo temeroso — e a D. Leocádia torce-se com pavor mas sustenta: — É o que há de pior no mundo! é o que há de pior no mundo!

—E com dor, com angústia, com desespêro, pregunta a si própria (a outra teima e não a larga): — É o que há de pior no mundo!? — Eu não sei se é o que há de pior no mundo, não sei se reduzir uma criatura a trapo é o que há de pior no mundo. A tua piedade amesquinha-me. O que eu reclamo é o meu lugar na vida e o meu quinhão de desgraça. Não mo tires! Mas ela é de aço. Não transige e protesta:

—Matei-lhe a fome.

—Mataste-lhe a fome mas não pudeste amá-la.

—Nem posso! nem posso! nem posso!

E encara-se mais atónita e mais verde, mais resoluta e mais verde, sem desviar o olhar.

A VELHA E OS LADRÕES

3 de Março

Sombras. Três cabeças monstruosas projectadas num muro, que se aproximam e afastam depois de confundidas. A velha a um canto agacha-se aos pés da filha e ao lado as três sombras fundem-se numa única sombra disforme. Duas, três horas talvez... A sombra da velha reduz-se a nada, a menos que nada, à sombra da dor. Por fim erguem-se, mergulham e dissolvem-se na caligem da noite, as três sombras dos ladrões e as sombras das mulheres, a quem não distingo as feições... Eu já vi isto algures, em outro mundo onde me custa a entrar. Metem-me mêdo. E não é só mêdo, é dor. Vivi com estas sombras num pesadelo, de que saí atónito e exausto, num sonho em que tudo isto fazia parte integrante da minha própria alma, e que sonhei lavado em lágrimas. As três grandes sombras levam, não sei para que destino, as outras enrodilhadas. Duas, três horas da madrugada talvez... Caminham sem se lhes ouvir os passos à beira do rio que corre para o mar desde o princípio do mundo.

E o silêncio é cada vez maior. Só a água fala nos buracos puídos das pedras, em diálogos que nunca cessam, num côro de vozes ininterruptas e indistintas — ameaças, súplicas e gemidos. A Joana cala-se: só se lhe ouve um hã... hã... de cansaço, como se arrastasse na escuridão uma cruz do tamanho da escuridão. A seu lado o côro inútil da água corre sempre para o mar, com gritos, risos, vaias e apupos.

Uma voz, a do velho ladrão compadecido, diz-lhe baixinho:

— A tua filha... Se teimas levantas a desgraça a teus pés.

E lá deslizam no escuro, e o rio sempre a correr e a prègar sempre o mesmo presságio de dor no chape que chape onde se percebem ecos de tôdas as desgraças que sucederam no mundo, levando para o mar tôdas as lágrimas que se choraram no mundo.

Outra voz no escuro:

— Ou tens de sofrer mil mortes na tua filha ou tens de me fazer a entrega. Agora escolhe. Uma ou outra. Agora ouve: ela é nada nestas mãos. — E pregunta-lhe: — ¿Tu és ou não uma coisa que me pertence? Posso matar-te? — Podes. — E essa voz rouca, essa voz implacável torna: — E ou... Tu ouves, velha? A mim ninguém me engana... Tu ris-te? (Ela faz hã... hã... — cansaço ou dor) — Aqui tens... Ouve mais... Tu ouves, ou finges? Tu que dizes? abres-nos a porta? A velha é rica, também te cabe

uma côdea. Ninguém te pede mais nada. Eu cá é que executo.

E lança a dois metros um jacto de saliva.

A Joana recua: avançam logo e não a largam as sombras que a envolvem.

— Tu hás-de abrir-nos por fôrça a porta!

— Eu!...

— Estafermo! estafermo!

— Tu abres-nos a porta. À velha deito-lhe a mão ao gasganete e não dá pio. Aperto no escuro — eeeh... — e sinto no escuro um estremeção e mais nada...

— Jesus!...

— Ó pandorca! És um trapo! és pior que um trapo!...

— Deixem a velhota sòzinha comigo, que nós dois entendemo-nos — intervém o ladrão mais velho. E leva-a suspensa pelo braço como quem leva uma pluma.

Cobre-os o céu profundo, onde palpita uma vida intensa. Arqueia-se sôbre a velha e o ladrão de lés a lés a abóbada recurva. Ao longe seguem-nos sempre as outras sombras temerosas.

— Estúpida! estúpida! Passaste a vida a servi-los. Aproveitaram-te e deitam-te fora. Só te deram restos e enchiam-se até aos gorgomilos. E tu apegas-te e tu defende-los!... Ouve: tu abres-nos devagarinho a porta...

— Jesus Cristo veio ao mundo para nos salvar!...

— Isso! Até me metes nojo! Isso! Até me fazes

rir! Só tu, calhordas, eras capaz de me fazeres rir nesta hora aziaga. Pilhasse-te eu no meu tempo!... —E aperta-lhe o braço contra o peito, leva no ar aquele molho de ossos e ri-se com escárnio. Tu lavas, tu esfregas, tu comes os restos, tu até cheiras mal! Tu metes nojo. E hesitas... Que se te pede? Que nos abras a porta e mais nada. Só há uma ocasião na vida, toca a aproveitá-la... Se nos abres a porta ficamos ricos.—Abraça-a. Vomita uma risada. Pior que matá-la, enlameia-a. Aquilo vem do fundo da terra, vem do boqueirão da noite e traz escárnio pegado. Sôbre isto chove: parece que tôda a lama fétida da rua subiu ao céu para tornar a cair. A Joana geme. Uma risada e um gemido que se amalgamam, gemido que se extingue para depois subir mais alto, para se confundir com a risada, sempre o mesmo gemido, sempre a mesma risada. E a noite é pó de desgraça, cada vez mais moído e mais negro.

—Não te cabe nesse caco que ninguém tem pena de ti. Escuta o que te digo. Rouba-a, estúpida! rouba-a! Na cadeia também se come pão. Ao menos lá enches essa barriga. Abres-nos devagarinho a porta...

—¡O que havia de dizer a minha senhora!

—Ninguém no sabe. E ouve: se não nos abres a porta, a tua filha nunca mais a vês.

O silêncio e a noite com outras noites em cima, as sombras que caminham, e aquela sombra humilde cada vez mais pequena, reduzida à sombra da sombra e do escárnio. E teima, e teima contra a desgraça, contra as injúrias e as vozes do rio. Há mi-

lhares de anos que o diálogo nas pedras dura, sempre com as mesmas ameaças, que veem do fundo da água e a Joana não ouve. Devagar palpa a algibeira e tira do bôlso e entranha na pele um pedaço de ferro gasto e puído.

Outra voz na noite:

— Mãe!

A vida dessa mão de rachar lenha, dessa mão de árvore e dor! como ela se contrai emquanto a Joana caminha absorta. Talvez uma hesitação instantânea, e depois, sem que ninguém repare, a mão abre-se e deixa cair a chave nas profundas da água, que continua a correr e a prègar, a correr e a falar às pedras e às estrêlas nas mesmas palavras inúteis, ao lado da vida sem destino.

Chegam emfim à muralha do prédio, e outra vez as sombras se juntam numa única sombra, outra vez se ouve aquela voz sair da noite:

— Mãe, olhé p'ra mim! olhé bem p'ra mim!

E a velha sente na cara três bafos monstruosos, ao mesmo tempo que as vozes roucas reclamam:

— A porta... Depressa! depressa!

— A chave perdi-a.

Um repelão e um grito, um grito que se afasta e sai da noite, cada vez mais longe e cada vez mais alto...

Sôbre êste ser humilde encarniça-se mais o sonho. Lá vai a mulher da esfrega empurrando o farrapo monstruoso que se agita na noite... A sombra

e a mulher da esfrega, o espanto e a mulher da esfrega, o sonho doirado de grandes asas esfarrapadas no negrume e as mãos encortiçadas de lavar a louça, a vida frenética e a vida humilde. Uma bôca enorme dum lado, a voz da Joana do outro, sentimentos caóticos impossíveis de traduzir em palavras, o que exprime a natureza impulsiva, o que responde uma criatura agarrada à idea do sacrifício. — Anda para diante. — Estúpida! estúpida! — A bondade entranhou-se-lhe até ao âmago.

Tudo está nos seus lugares: as coisas simples e as coisas eternas, e há outra coisa que ela não sabe exprimir, que a alma desta mulher não abrange: a intrusão do sonho na sua vida humilde. Bronco e sonho. Até agora só com a desgraça arca, agora o doirado tinge-a. Sacode-se como um cão molhado. Debalde tenta desfazer-se do sonho imenso que se lhe pega: irrompe em palavras baixinhas, hesitantes, que voltam atrás. Uma pausa e o monólogo recomeça logo. Há não sei quê de monstruoso no mundo, que bebe tôdas as lágrimas e leva todos os gritos. E não se farta. Há não sei quê que reclama dor. Tôda a noite se desespera. A desgraça sua, a desgraça trôpega e ridícula. A desgraça enche a noite de esgares. Depois o sonho desgrenha-se. Depois sacode-a uma rajada, e lá torna, sem uma palavra, sem um grito, a grande sombra que se envolve em si mesma e a si mesma se estorcega. A desgraça sua de aflição sem poder exprimir-se. E quando a dor se concentra, quando a dor se torce como quem torce um farrapo

e a velha não pode — a velha irrompe numa toada estúpida. Mais doirado, mais fundo...

Caminha e depara com a D. Restituta, que atravessou a vida com o guarda-chuva incólume e que faz gestos desordenados no escuro:

— Acuso! acuso! acuso!

— Senhora D. Restituta...

A senhora D. Restituta está cheia de lama. Tem a pena do quico partida: é uma figura feita com três traços de tinta e algumas manchas de desespêro. O sonho doira-a, esfarrapa-a também. A pena em frangalhos agita-se como um pendão de revolta, esgarçado e chamuscado. Tôdas as vontades a compeliram e a esmagaram — quere retomar a forma primitiva. Dir-se-ia que cresce na noite, e que a sua bôca é uma bocarra cada vez maior, para prègar, para açular, para vomitar injúrias. Sòmente não emite outro som senão êste: — Acuso! — a velha gasta, a velha inútil, a D. Restituta da Piedade Sardinha.

— Senhora D. Restituta...

A outra não vê, não ouve, não mexe.

— Minha senhora...

— Acuso!

— ... para o que se vive neste mundo não paga a pena ruindades.

Debalde a Joana lhe fala. Resta diante do sonho com a mandíbula despegada e o velho guarda-chuva que conserva intacto desde a primeira virgindade — teve duas — metido debaixo do braço. Nem uma nem

outra entendem aquilo. Uma empurra, afasta de si o sonho com as mãos de lavar a louça, a outra com as mãos pacientes, as mãos diáfanas da mentira. Tem feito sempre tôdas as vontades, e se a figura um momento se engrandece, amarfanha-se logo, como um trapo suspenso que se deixa cair ao chão.

— Acuso! acuso! acuso! Um repelão — mete para dentro! uma vergonha mete p'rò saco! desprêzo, escrúpulo, fome — mete tudo p'rò saco! Para um saco sem fundo. Passei tudo, passei mortes para o poder criar e nunca pude dizer que tinha um filho. Para o criar, para o poder criar nunca pude ver o meu filho. Meti tudo p'rò saco, sem poder abrir bico, senão matavam-me à fome... E nunca pude ver o meu filho, senão matavam-me à fome. Crieio-o longe para o poder criar, criei-o como pude, de vergonha, de restos, de côdeas, de dizer a tudo que sim. E êste filho! êste filho que nunca pude ver, vi-o agora! Êste filho que criei de mentira, êste filho que criei de abjecção, sem nunca o poder ver, vi-o agora! Êste filho que tinha sonhado às escondidas, com a bôca tapada para não gritar: Tenho um filho, também tenho um filho! — vi-o! vi-o! vi-o! Meti tudo p'rò saco! meti o diabo no saco! Só a noite me ficava livre para sonhar com êle, para o ver rico, para o ver como os filhos das outras... Aqui está a Restituta que é idiota, aqui está a Restituta que é um poço sem fundo. Diante dela pode dizer-se tudo, a Restituta serve para tudo, a Restituta mete tudo

para o saco. Cala-se que é o que lhe vale — mete a viola no saco. Só a Restituta sabe o que se passa, o que está no prego e o que está no fundo das almas. Calei tudo, disse a tudo que sim para o poder criar. Mete p'rò saco! mete tudo p'rò saco! mete a viola no saco! — E num crescendo de desespêro: — Acuso! acuso! acuso!

Debate-se a Joana numa cogitação a que não suporta o pêso. É como se pela primeira vez desse com a vida e quisesse atalhar a vida. Tudo para ela mudou de expressão: a desgraça muda de expressão, a filha muda de expressão. E o sonho envolve-a, deforma-a, besunta-a. Sente-se-lhe o ranger dos gorgomilos.

A dor descarna-a e redu-la às linhas principais, à sêca realidade. Um ulular de tempestade, e tudo quieto. Nunca o côncavo se concentrou em mais serenidade. Gritos, um desabar monstruoso, e êste ser abjecto, que, como uma coisa que andou a rasto por todos os sítios suspeitos, não tem forma nem côr: tem cheiro, e dois olhos de tanto pasmo que fazem aflição. Desapareceu tudo: ficou a velha, ficou a desgraça aos tropeções pela vida fora. É como se tivessem metido a dor dentro dum saco e dessem com êle pelas paredes.

Aqui está a mulher da esfrega e a desgraça que tem os seus direitos e não os perde nem transige. Não a larga também o sonho. Agora é que ela destinge todo o doirado e tôda a água de lavar a lou-

ça. Agora é que ela ouve uma bôca enorme falar no escuro, e queda-se atónita e confusa feita trapo e horror.

— Para que é que vossemecê me criou?

Um soluço, um ranger de árvore que se deita abaixo, um estalido de cruz que não suporta o pêso.

— Antes vossemecê me tivesse esganado ao parir. O que eu tenho chorado!

— Hã!...

— Olhe p'ra mim! olhe p'ra mim!

É um ser diferente, um ser à parte, que a Joana vê pela primeira vez. ¿Como pôde criá-lo aos seus peitos? ¿Criar vida é criar um grito que não se extingue? ¿que nunca mais se cala? Sempre o mesmo grito: — ¡Para o que tu me criaste! ¡para o que tu me criaste! — Juntem a isto o escárnio e tôdas as vozes que lhe pregam: — Estúpida! estúpida! Tôda a gente se ri de ti! — Andou com os ladrões nas vielas. — Rouba! rouba!... — E sente ainda nas mãos um pedaço de ferro gasto e puído como aço, que entranha na pele. Um gemido luta com uma risada e tenta subir mais alto, cada vez mais alto... Juntem a isto que a Joana quere ser má e não pode, e misturem a isto humildade. Aqueceu a vida a bafo. Incutiram-lhe para sempre a subordinação, só lá tem dentro ternura. Faz o gesto de quem tenta abrir uma porta; quere levantar a cabeça, mas tanto tem obedecido que curva logo a cabeça. Ridículo sôbre ridículo.

Agora vejo a figura, vejo-a agora completa. Pouco e pouco tomou relêvo, tornou-se humana. Sumiu-se a velha tonta, caldeou-a a desgraça. À fôrça de gritos represados obsidia-me. Engrandece-a a mentira e a dor. E aquilo persegue-a, encarniça-se sôbre a velha trôpega, num espectáculo ao mesmo tempo desmedido e reles. A velha dum lado, do outro a grande sombra trágica que subverteu o mundo; o escantilhão sôfrego, e o gesto que a mulher da esfrega faz para o afastar de si. Ao mesmo tempo a alma dorida, a ternura que a não larga, e o contacto feroz que não explica e a que sente o pêso. — Para o que tu me criaste! para o que tu me criaste! — Atormenta-a, sufoca-a, e como não pode mais, como não compreende — não consegue — e como aquilo se encarniça, a Joana mostra-lhe as mãos enormes, as mãos roídas, as mãos só dor...

Tem as mãos como cepos.

PAPÉIS DO GABIRU

13 de Março

Ela foi uma flor que se aspira e se deita fora — quási sem reparar — scismando na imortalidade da alma. As suas palavras raras e baixinhas, pronunciadas com mêdo de pousar, entristeciam-me, e a sua palidez que os negros cabelos emmolduravam, davam-lhe o ar duma criatura que não pertencia a êste mundo.

Se eu pudesse cinematografar a vida e a morte duma flor, cinematografava a sua vida. Não valia nada — o que vale um pássaro, e em questões afectivas, em ternura, tinha a profundidade do mundo — a do silêncio — a do sonho.

Não sei dizer se existiu, se a criei, e o que na realidade me interessa é o que ela disse à grande nódoa de humidade da parede.

Sei que chorou mas não a ouvi chorar. Ninguém a ouviu, ninguém deu por ela. Passou como uma sombra. Habituou-se. As lágrimas sumiu-as, meteu-as

para dentro. A dor aprendeu a contê-la. Habituou-se a queixar-se à grande nódoa de humidade da parede. E o principal para mim foi essa queixa que ninguém ouviu no mundo; foi o que os seus olhos verdes de espanto decifraram naquele arabesco da parede. ¿Podes porventura conceber isto? ¿Uma dor que não deixa vestígio, um sonho ignorado que não deixa vestígio, que passa no mundo e não deixa vestígios— a dor despercebida, as lágrimas contidas que se não chegam a chorar?

Posso dizer que só dei por ela depois de morta. As horas mais belas perdi-as a sonhar, quando a vida estava a meu lado. Eu não vivi! eu não vivi! Só agora é que me lembro dela, como duma tarde que viesse devagarinho na ponta dos pés, e se fixasse num minuto, no silêncio, nas coisas suspensas na luz—nos botões quási a abrir.

Estraguei tudo, estraguei a minha vida e a sua vida.

O dia de hoje não existe para mim: só penso com sofreguidão no dia de amanhã. Ora amanhã é a morte. E sucede também que só dou pelas coisas belas da vida, depois que passaram por mim, e que as não posso ressuscitar. Há na vida um único momento. Um momento que sorri. Que concentra em si todos os momentos. Troquei-o pelo absurdo. Troquei a vida pela morte, Só agora seus olhos verdes de es-

panto me chamam, seus olhos que exprimem o irreal e o mundo todo, seus olhos cheios de dor reprêsa e de sonho coado por lágrimas...

É que há entre as figuras que compõem o meu ser, duas encarniçadas uma contra a outra. Há uma que crê, outra que não crê. Há uma capaz de tôdas as cobardias, outra capaz de tôdas as audácias. Há uma pronta para todos os rasgos e outra que a observa e comenta.

Mas há entre as figuras que compõem o meu ser, uma que está calada. É a pior. Olha para mim e basta olhar para mim para que eu estremeça.—Por muito que me acuses, já eu me tenho acusado muito mais!

Olhas-me e eu estremeço. ¡A sofreguidão dos teus olhos, a sofreguidão profunda dos teus olhos, que me reclamam como um abismo de dor e de espanto onde encontro emfim a vida!

Se te quisesse descrever, não te podia descrever. Sei que me pertences e que te pertenço.

20 de Março

¿Como explicar esta horrível contradição? Amei-a amei-a sempre e pude desejar a sua morte! Amei-a e no fundo de mim próprio o outro ser esfarrapado,

primeiro baixinho e depois mais alto, exigiu a sua morte.

Um dia — e tu compreendes-me, tu que tens desejado também a morte de pessoas queridas — pus-me obstinadamente a pensar: — se ela morresse... — Eram três horas da tarde... Não sei se é a minha vontade — sei que exerço uma influência nefasta nas pessoas que amo. Contra o meu próprio desejo os meus pensamentos reflectem-se nos seus pensamentos como árvores que se debruçam sôbre a água e chegam a turvá-la. O meu horrível pensamento degrada-as. Quando eu lhe falava e sorria, e ela me sorria extenuada e pálida, o meu pensamento era sempre o mesmo e só a custo continha o tumulto dos mortos. E eu sabia que desde que êsse fantasma se pôs a caminho, não o podia deter e não tirava os meus olhos dos seus olhos que exprimiam ternura e espanto.

O pior é o que os seus olhos exprimem — e eu já o não posso deter...

Espera... Quantas vezes me confessaste sufocada de lágrimas, que te vem, não sabes donde, uma vontade de fugir pelo mundo fora para onde ninguém te conheça, deixando tudo e abandonando tudo — fugindo a ti própria?... Para isso bastou aquela fôlha doirada que o primeiro arrepio de vento despega da árvore e leva sem destino. É essa mesma sensação que todos experimentamos a certas ho-

ras em que o universo se nos afigura monstruoso, com uma única certeza — a de caminharmos todos através da incoerência, para a morte. Felizmente essa impressão dura um segundo. Nesse segundo todos ouvimos os passos da Morte e o riso sarcástico do Destino. Sòmente tu não me podes fugir — nem eu deixar de pensar...

Deixem-me! deixem-me! Deixem-me só e livre com isto, deixem-me viver para isto! Deixem-me fechado a sete chaves com o sonho que me enche de ridículo, que não existe e é a razão da minha vida. Deixem-me ir para a cova agarrado a êste nada imenso que me doirou as mãos e me deixou atónito. Só no fundo da cova é que estou bem, sós a sós, fechado com êle para sempre.

A ternura também cansa. Deixem-me! deixem-me sonhar!

Êste caso é delicado, mas tenho-o como certo, embora me faltem palavras para o exprimir com tôda a clareza... É primeiro uma angústia que se insinua. E depois uma fôrça que se substitui a outra fôrça. Há como um assassinato de que se não ouvem os gritos. E por fim um último estertor. Ainda matá-la é o menos. Pior — oh pior! — era a expressão que eu lhe lia nos olhos à medida que aquele fantasma avançava na sua alma...

Eram três horas. Estava um dia de primavera, com

esta mesma luz clara e indiferente de todos os dias; as árvores cresciam, o sol era o frio, o negro sol que tem assisitido a todas as canduras e a tôdos os crimes da humanidade...

Cheguei a sua casa. Os criados choravam. Ela tinha morrido. A minha dor foi igual a tôdas as dores. Com desespêro a acompanhei à cova, e todos louvaram a minha constância e as minhas lágrimas. Está enterrada ao pé da lagoa verde, sob uma pedra sem nome.

Ela dissera:

—Lá o espero!...

E a mãe contou-me:

—Eram três horas da tarde...

22 de Março

Deito-me debalde aos encontrões à noite. Nem um grito. Os remorsos são inúteis. Um passo na vida é sempre írremediável: não há fôrças humanas que o possam apagar.

Agora é que ela está viva! agora é que ela está viva! E tão viva que a confundo com a morte.

PRIMAVERA ETERNA

5 de Abril

Segunda noite de luar, segunda noite de espanto. As árvores são fantasmas — os homens são fantasmas. À noite a velha cerejeira é uma aparição. A mesma febre devora no quintal friorento as macieiras anãs. O respeitável Elias de Melo recusa reconhecer-se: assiste com uivos ao desmoronar da própria respeitabilidade. Chegou a primavera. Deita flor a D. Leocádia, a D. Hermínia e a D. Penarícia. Tôdas as árvores do monte se consomem de sonho.

Primavera entontecida de gritos e rancores. É a vila feita sonho; são aspirações ridículas, restos trôpegos que procuram adaptar-se. Para resistir forjaram a mentira, forjaram a mania, forjaram a abjecção, e essas pequenas coisas sem existência chegaram a ter um lugar mais importante que muitas outras a que chamamos reais.

Fisionomias de dor, fisionomias concentradas, fisionomias de desespêro e paixão, vão aparecendo sob cada fisionomia, e todos deparam com senti-

mentos e palavras que nunca tinham encontrado.— Dez anos, vinte anos de galeras, deixa-me, vai-te, some-te! — O homem rói dentro do homem: criam-se olhos que vêem na obscuridade. Começam a distinguir na massa confusa, no caos, nas dúvidas, e descem a profundidades que não lhe estavam destinadas. Não é só o homem dum momento, é uma série de figuras ainda por criar: é o homem do futuro.

Mais braços na monstruosa árvore de sonho, mais braços que atingem o céu, mais tinta forjada de desespêro. A própria noite escorre pus doirado...

Na pequena vila já havia, como em tôdas as almas, um Robespierre, um cadafalso, um Shylock interior, ódios, ganância, e uma serigaita a cantar. O quinhão é igual para todos — o que pode é estar sepultado. A questão era de proporções: os valores já não estão na mesma escala. Desapareceu o ridículo. Pensem nisto: desapareceu o ridículo. Num minuto acordou tôda a peste, sobressaltou-se tôda a peste, todo o ferro velho, tôda a mania resignada à fôrça, comprimida à fôrça, levada à fôrça para a velhice e para a morte. Tôdas as velhas se ergueram, impelidas pela mesma mola. Todo o scenário era scenário, tôda a regra regra, tôdas as cerimónias que nos ensinam se conservavam ainda de pé, quando o mesmo furacão revolveu, arrastou tudo e levou tudo adiante de si. Tudo se varreu no mesmo ins-

tante, todos largámos a scena no mesmo instante. Todos, com velha baba a escorrer, com velhos tumores abertos, com velhas dentaduras postiças, o mistifório e a obscuridade, o pó inútil que largaste pelo caminho até chegar à velhice, a vida consciente e a velha Eulália, cuja existência é um subterrâneo e que mal sabe falar, todos ficámos estonteados...

A vila entrou em plena primavera. Eis a D. Procópia, eis a mulher da esfrega. Aqui estão alimentadas a mentira, tendo passado a vida no testamento, na cortesia e na cólica; aqui está o topête, a filha para casar e as faltas de dinheiro — aqui estão tôdas enrodilhadas de pavor, mas cheias de decisão diante do céu e do inferno. Já abrem aquelas ventas. Aquilo cheira-lhes a coisas proïbidas, que passaram a vida a desejar e a temer. Aquilo cheira-lhes ao suspeito e ao reles. Aquilo cheira-lhes bem. De pupilas dilatadas embebem-se no sonho. Até as penas velhas se encrespam, até nos restos de chales sem pêlo, o pêlo se põe de pé.

Todos nós somos árvores. Há que tempos que deitamos flor pelo lado de dentro. Fomos sempre construções vivas, árvores estranhas que bracejavam para o interior do tronco, ramos e tinta, mais ramos desmedidos e tinta, revestidos de casca pelo lado de fora. Foi por dentro que crescemos, e só por dentro nos era lícito crescer, cada vez mais alto até a morte intervir.

Até as árvores estranhas, até as árvores só tronco, que metiam os ramos e a tinta para o interior, bracejam à custa de gritos ramos e tinta, ramos desmedidos e tinta para o lado de fora.

Êste é nosso sonho, esta é nossa vida oculta, nossa vida de desespêro, nosso sonho desgrenhado e imenso, doirado e imenso, amargo e imenso. Bem sei que isto dói. Bem sei que isto me custa a encontrar e a reconhecer nesta noite de luar e espanto. Bem sei que isto de ser homem é duma grande responsabilidade. Tem prós e contras terríveis. Também sei que o que nos separa dos bichos não é a inteligência: a inteligência é o menos. O que nos separa dos bichos é o esfôrço dos vivos e dos mortos, o compromisso de aceitarmos a mentira como se fôsse verdade. O que nos mantém neste inferno é a arquitectura artificial, é o facto de não nos vermos tal qual somos, baseados numa convenção que julgamos indestrutível. De não nos vermos a nós e de não os vermos a êles. Porque o homem por dentro é desconforme. É êle e todos os mortos. É uma sombra desmedida. Encerra em si a vastidão do universo. Agora somos fantasmas, somos afinal só fantasmas, e o que construímos não cabe entre as quatro paredes de matéria.

Ouve-los? ouve-los? Passaram séculos e séculos no fundo da terra. Levaram séculos a compreender que foram iludidos. Redobraram séculos de deses-

pêro no interior das covas, até se compenetrarem de que todo o sacrifício foi inútil, de que tôda a dor foi inútil. Ouve-los com dor e desespêro?...

Queira ou não queira tenho de dar o passo, tenho de me desentranhar em amargura e sonho. Bem vês, a insignificância vai durar mil anos, a vulgaridade e a ternura teem séculos diante de si, de forma que tanto me pesa uma como a outra. Abafo. Tenho de durar mil anos, tenho de durar dois mil anos, com estas coisas diante de mim, hoje, amanhã, sempre. É escusado lutar. Emquanto era a razão que me guiava, andava às apalpadelas: agora é o inconsciente e cessaram de todo as dúvidas. Tudo se ilumina a outra claridade. Tudo me é permitido. Respiro de outra maneira, olho de outra maneira o que me atravanca o caminho. Tôda a pregunta obtém logo resposta imediata. Todos os sonhos estão de pé para mil anos e um dia.—Ouve-los? ¿ouves o grito dos mortos?...—A outra coisa não nos dá tréguas. Vira-nos e revira-nos. Mete-se como piolho em costura. Põe-nos a contas com a questão das questões, com a questão insolúvel. Tudo que estava num plano secundário passou para um plano principal. O meu interêsse, o teu interêsse, ó D. Penarícia, é matá-la sem que se venha a saber. Escusas de arreganhar os dentes descarnados pela gengivite expulsiva, êsse passo tens de o dar contra o que se chama a tua consciência. Ergue a cabeça, D. Lambisgóia e recorda-te que já fôste fera. Podemos suprimi-la

sem remorsos. Matar é uma palavra e mais nada. Por causa duma palavra nos arriscamos, é certo, a ir para a cova inúteis e grotescos, com sonhos remoídos durante noites e noites gelatinosas como velhas mestras de piano que tocam sempre as mesmas escalas. Mas hoje tudo se reduz a metê-la num jazigo selado e chumbado, com a chave entregue ao juiz de direito. Põe em mim teus olhos turvos, ó D. Desidéria, e reconhece-te e reconhece-me. O que estava por baixo está agora por cima. À roda da mesa de jôgo nunca pensámos senão em anulá-la. O remorso não existe, o crime não existe, a fórmula não existe. O passo nem tu o deste nem eu o dei, presos a algumas palavras convencionais. Agora estamos fartos. Sim, sim, podes matá-la à tua vontade. És um produto fétido do acaso. Não duvides. Se Êle existe, nem suspeita sequer que existimos. ¿Com que direito a esta luz que nos ilumina de chapa, queres que eu me subordine e submeta? Ou, não existindo, ainda exiges que proceda como se existisse?... Não duvides. Nada. Só algumas palavras formaram a tua consciência. Duas palavras e o hábito, duas palavras e a regra. Posso tudo o que quero. Peso tudo, calculo tudo sôbre esta base: o que me convém e o que não me convém. Eu sou eu. O egoísmo é a suprema lei da vida. A honra não é essencial. Ao contrário o meu interêsse é mentir, o meu interêsse é trair-te. É indiscutível que tenho deveres para comigo, mas não é indiscutível que tenha deveres para contigo. Primeiro eu, depois eu. Todos

os crimes me são permitidos com tanto que se não venham a saber. Serves-me ou não me serves? És meu escravo ou meu senhor? Serás tu meu inimigo?...

Que riso que nunca vi (é a cova que se ri)! que bôca que nunca vi e que me cheira a defunto! Um passo ainda, outro passo, velhas lambisgóias, D. Insolência e D. Ninharia. Chegou a primavera. Vamos entrar noutra vida sem Deus e sem regras, noutro mistifório que o instinto nos impõe, ó D. Teles das Reles de Meireles, e talvez seja essa tranquibérnia suprema por que suspirámos sempre. Vamos ver que proporções atinge a langonha e a D. Hermínia, o fel e a D. Penarícia. Acabaram os escrúpulos e a luta constante que nos deixava esfarrapados. Tenho-vos aqui na minha frente com as bôcas murchas de mentir, a suar grotesco e a gritar de desespêro; tenho-vos aqui só bichos em frente da necessidade fatal, da verdade iniludível, nus uns ao lado dos outros, nus e reles, com o esplendor cada vez maior, cada vez mais sôfrego diante de nós. Estamos prontos. Estamos fartos. O que resta é o sonho de pé, só sonho e doirado, fétido e doirado, caótico e doirado. Está rôto o contrato.

A primavera atingiu o auge nos vivos e nos mortos. Tinta sôbre tinta, dor sôbre dor. Ressuscitam tôdas as primaveras, as primaveras sucessivas, as primeiras primaveras em que a ternura se confunde

com a fealdade e a fealdade é já ternura, outras primaveras, e outras oiro e verde, em que a tinta escorre do negrume. O que custou à árvore a transformar-se em sonho, à árvore dorida com a flor recalcada, até se desentranhar em emoção!... Mais outras primaveras frenéticas, mais outras tímidas e delicadas, mais outras que não chegaram a abrir, cobrem os vivos e os mortos...

Mais braços na monstruosa árvore do sonho, mais braços que atingem o céu. E aí estão tôdas as flores e todos os gritos, a tentativa ridícula da flor e a flor esbraseada das noites sôbre noites de concentração.

Todos ansiamos por êste dia. Nós e os outros do fundo da sepultura contamos sempre com a primavera eterna — nós e a coorte muda cujo esfôrço senti sempre, muda e desesperada, cega e desesperada. Gritos que veem de longe, expressões mutiladas que tentam impor-se. Êste sonho não era só meu. Arredei-o e pegou-me fuligem. Trouxe-o num cantinho do meu ser como uma coisa proïbida. Nunca me atrevi a olhá-lo frente a frente, até que surgiu das profundas, caótico e doirado, de dor e de restos, coçado e doirado. Pertence-me e pertence-te. Vem do céu e do inferno. É nosso e dos mortos. É o património da vida e do túmulo.

E os mortos estão arrependidos! os mortos estão arrependidos!

20 de Abril

As velhas encarniçadas são outras, são velhas em sonho vivo. — Mata! mata! mata! — Aqui de rastros, ano atrás de ano, para ser comida! — Aqui a levar pontapés neste sítio, aqui a criar rugas e fel! — Pois eu não fui eu, e agora estou diante disto, dêste assombro e dêste desespêro! — Gritam porque se não podem ver. Gritam porque a realidade e o sonho tomaram proporções que lhes não cabem nas almas. Gritam porque não lhe entrevêem o fundo. A D. Penarícia tirou a cuia postiça e atirou com a cuia ao chão. Depois fitou os olhos na cuia enrodilhada, e absorveu-se na cuia de retrós, como se tivesse ali em frente o símbolo do universo: — Não posso desfazer-me disto! não posso desfazer-me disto! Toma! Eu não sou isto, e hei-de estar aqui sufocada a aturar-te para não morrer à fome. Hei-de ver-me e ver-te e hei-de dizer: — Jogo! — ¿Hei-de fazer-te as vontades e ver-me tal qual sou, tal qual era e tal qual hei-de ser? — À espera de quê, se nem da morte podemos esperar? — ¿Então êste esfôrço para ter uma alma não se conta? ¿Êste esfôrço para não andar de rastros como a cobra? ¿Para viver com isto e com isto? ¿Com esta amargura, o fel, o que é mesquinho e com Deus? Eu não posso com o que não compreendo, com o que está por trás de mim, com o que está a meu lado e com o que tenho de fazer todos os dias... — Falo! — Falo eu agora! — A tragédia é que eu iludia-me, mentia a mim mesma e agora não posso mentir. Não há gritos que te valham e a ninharia

desapareceu do universo. A insignificância acabou.
—O pior drama—exclama outra—é que eu vejo o que fiz de mim própria.

—A inveja que eu te tenho! a inveja que eu te tive sempre! ¡E tenho que sorrir para ti, de dizer a tudo que sim!

—Jogue!

—¿Então eu passei a minha vida a ter paciência, à espera, passei-a a mentir e obedecer, e tu a mandares, e agora hei-de continuar a ser abjecta quinhentos anos, seiscentos anos?

—E eu! o pão que me deste amargurei-o sempre. Cada dia que passava mais me sabia a zinavre. Não te matei porque não pude!

—Corte!

—Tu não és mais do que eu!

—Ai! Também eu, também eu tenho a dizer uma coisa. É que eu sabia bem tudo isto, há que tempos que o sabia!... Mas não sei que era que me obrigava a fingir. Corto!

Avante! avante! Um cordão de velhas, como um cordão de sentinelas, não desampara o quarto onde a majestosa Teodora agoniza. Chove. Entre estas paredes forradas de papel doirado já não se moem as palavras de uso. Alumia-as o candeeiro a escorrer petróleo, e a luz fixa as arestas das figuras de cerimónia, tôdas vestidas de prêto, a calva dum homem gordo, a quem só se vêem as mãos esponjosas, os bicos das velhas retêsas, cujas bôcas remoem no es-

curo, a Adélia mais safada e mais sôfrega, e o padre no meio da sala dominando-os a todos. ¿Onde vai o ridículo da D. Penarícia, as mesuras da D. Andresa, o riso idiota da D. Idalina, a langonha da D. Hermínia? Parecem forjadas de novo. Até as pregas dos vestidos caem como pregas de estátuas. Cada velha resolve que a cólica da Teodora seja a sua última cólica; em cada velha cresce, aumenta, trasborda, num tumulto, o inferno. Ao saque! ao saque! — É para mim. Eu é que sou a prima mais chegada. — Eu é que lhe tenho aturado tudo, é a mim que ela deixa os trezentos contos, os quatrocentos contos, ninguém sabe o que ela tem. — Nenhuma admite que a majestosa Teodora escape. Veem de muito longe estas figuras — veem das profundas... Nos olhos da D. Penarícia há claridades do inferno. Ganharam tôdas em fixidez e audácia. O sarcasmo não me chega à bôca, passou-me a vontade de rir.

Desapareceram séculos de paciência e astúcia, surgiram figuras novas. Para as compreender pregunto a mim mesmo o que é isto embrulhado num chale, e não me atrevo a contemplá-lo. Ridículo e ferocidade? ¿Uma coisa sem nome, produto do acaso, ou uma coisa abjecta? ¿Uma alma ou um resultado de fórmulas? ¿Está aqui a D. Penarícia e a D. Eulália ou Deus e o Diabo? ¿Um mundo novo e um mundo atroz? Estão aqui preguntas vivas e respostas vivas: — Abra lá essa porta para trás! — Essa porta deita para a parte proïbida da vida. O mal, suspeitam-no, talvez seja a melhor parte da vida. —

Abram lá essa porta para trás! — Não lhes parece que esperam há anos, parece-lhes que esperam há séculos, e teem ali diante de si estateladas, as cortesias que fizeram à velha, — o pois sim que disseram à velha — os sorrisos com que sorriram à velha — as vontades que fizeram à velha. São tragédias. Veem de muito longe, duma vida sem limites. Em cada uma se representa um drama atroz, o drama do interêsse e do cálculo, o drama da vida. Nuas, as velhas que estão na minha frente são infinitas de grotesco e dor. Duram há séculos. Há séculos que teem paciência para viver e para sofrer. A D. Penarícia mente desde os confins do mundo: representa gritos, mais gritos represados. É um poço donde só saem ais e mais ais. O difícil é a gente habituar-se a viver esta vida e a outra vida: carregar com êste pêso desde o infinito e lidar e falar e viver. — Oh morte que tão bem cheiras!... — Bem sei, os séculos imprimiram-lhes dedadas, os séculos deformaram-nas... Mas agora estão aqui desesperos em frente de desesperos, e desatam a berrar umas às outras:

— Tem paciência, tem sempre paciência. Dói-te? tem paciência; amargas? tem paciência...

— Todos os dias da vida, todos os dias da minha vida à espera da morte. Estou farta! estou farta de despejar bacios, de dizer que sim, de dizer a tudo que sim, de ser a sombra de mim mesma. Agora está aqui a vida. Esta vida e tôdas as vidas. É preciso que ela morra, e se não morre é preciso matá-la. ¿Ouve, senhor padre Ananias, senhor padre un-

güento, senhor padre e as suas *comidelas,* senhor padre e o seu inferno?... Mentira! mentira! Eu própria era uma mentira. E só me aterra a idea de acordar tarde, de acordar na morte, com a certeza de que era tudo mentira e só mentira...

Abrem as bôcas desmedidas, fecham logo as bôcas desmedidas.

— Bem vê que não posso mais. Eu que mentia não posso mais mentir. Como hei-de viver?

— Tem paciência, tem mais paciência, tem paciência por todos os séculos a vir...

Estão ali dispostas a morrer e a matar. Está ali um cordão de velhas como um cordão de sentinelas à porta do quarto da majestosa Teodora. Duas, ambas de quico, ambas de mitenes, ambas impenetráveis, trazem na algibeira o lenço com que hão-de amarrar-lhe os queixos. Tôdas esperam que ela se decida a *espedir.* Nenhuma abre o bico, mas apalpam os vestidos como se trouxessem um punhal escondido. Dum lado as gulas exasperadas, a hora extrema — chamem o tabelião! chamem o tabelião! — o testamento, a sorte grande! — emfim! emfim! — os chapéus de plumas, o oiro mexido e remexido, as gavetas arrombadas, as salas de tapête, o vício e o gôzo — do outro a vida nova, e tôdas as abjecções inutilizadas.

Ó morte que tão bem cheiras, aqui me tens para te servir. Como esta casa cheira bem! como cheira bem aqui dentro! — Ó morte que tão bem cheiras, tu diluis o travor de fel e acalmas a acidez da inveja.

Resolves tudo, realizas tudo, os mais ignóbeis pensamentos, as mais secretas aspirações, que nem a Deus se confiam, ó morte que tão bem cheiras! — E calcando a alma que se atreve, dizem compungidas, por hábito secular: — Coitadinha já tem panela!...

Agora agüenta-te, majestosa Teodora! Nalguns minutos êsse crânio obtuso com uma cuia em cima tem de lutar com o crer ou não crer, com a vida antiga e a vida que antevê; tem de desfazer a unhadas um edifício mais vasto que o Coliseu e de deitar abaixo pedra a pedra tôdas as pedras que cimentou durante a existência; tem de se entregar ao sonho sem capacidade para o sonho; e tem, ainda por cima, de esquecer as inscrições e as décimas. Para escapar com vida, arrosta com a vida passada e com a vida futura. Tudo nela era imperativo. Decidia por uma vez: um passo, e é o inferno pela eternidade, o inferno com o sítio imóvel, com o tormento da vista, com o tormento dos ouvidos. Escapar à morte é fugir à lei de Deus. — E dum lado puxa por ela a vida, do outro puxa por ela o inferno — e as velhas lá fora esperam e desesperam. Sente as labaredas do sítio imóvel por a eternidade das eternidades; envolve-a, toca-a, engrandece-a também o sonho, e o inferno não cessa de reclamá-la, o inferno que foi o único deus que temeu neste vale de lágrimas. E êsse debate esplêndido numa alma estúpida, deixa vestígios profundos: aquelas raízes não se arrancam sem produzirem buracos. E as velhas lá fora esperam, emquanto a majestosa Teo-

dora desata aos gritos, balouçada — e com a cuia a desfazer-se-lhe — entre a realidade e o sonho, entre o inferno e a vida nova que começa. Mas como a estúpida vida de caldo e pão que levou antes de enriquecer lhe deu fibra e carácter e não sei quê de sólido e amargo, a velha pode salvar-se, com um resto de chale e a cuia amolgada. A velha resiste, e ao abrir a porta exclama para o cordão das outras estupefactas:

Atravessei viva o inferno. Agora nem do diabo tenho mêdo!

25 de Abril

E o doirado não cessa. Doira o luar e a inépcia, doira a tragédia e o ridículo... Teçamos, teçamos todos a nossa teia... A minha prendo-a às árvores, ao céu e às coisas eternas. Todos os sonhos se põem a caminho. É uma coisa equívoca. É uma coisa desgrenhada e fétida. É o sonho lastimoso das velhas, o sonho que não chega a ser sonho, onde bóiam mortos informes, com laivos verdes, com tentáculos esbranquiçados que se prolongam no escuro. Tôda a gente fala só. E o luar intolerável, o luar indiferente, derrete-se sôbre as ameias, sôbre a catedral, sôbre os santos imóveis nos seus nichos. Dão horas, mas as horas acabaram. Coisa singular: esta gente só fala consigo mesma, em monólogos roucos, desesperados, infindáveis. O solhos da D. Fúfia ganham em fixidez e concentração; a D. Hermínia começa

uma tragédia, que dura uma noite inteira com a mesma palavra obscena.

A alma sórdida, o fluido que envolvia a vila, a atmosfera parda, feita de pequenos ódios, de pequenos interêsses e de hábitos concentrados, encrespa-se e cresce em vagalhões magnéticos. Modifica todos os sêres e abala as paredes mestras. Embebe-se no salitre e rói os santos nos seus nichos: até na imobilidade entranha desespêro. Quedam-se estonteados e transidos como se a vida fôsse uma mera criação do luar e da loucura... A alma da vila é sacudida por uma tespestade de espanto. A botica está deserta, com o bocal, o passaro empalhado, as môscas mortas.

Um momento angustioso não se ouve um rumor, depois um tumulto, um clamor, um ah! A vila tôda grita: — Ei-lo! aqui está o meu sonho, aqui está como o trouxe tôda a vida, escondido, dorido, fruste, imenso ou humilde; aqui está a minha verdadeira figura — a figura do Melias e a figura do Melambes; a velha num debate perpétuo, a velha e as suas manias, o desespêro e a Úrsula, o grotesco e o pó doirado que não sei donde se me pegou; aquilo de que te rias e eu me ria, e que todos nós escondíamos, cada vez mais oculto, cada vez mais para dentro, como somíticos... Lá vai a Adélia, com o chapéu às três pancadas, lá vai um lojista que parece Napoleão Bonaparte, e as Sousas armadas de ponto em branco — lá vai o inferno de luxúria e de egoísmo. O muro não existe — derrubaram o muro.

Nesse momento pesado de angústia tôdas as mãos se agitam no ar diante da outra coisa que no silêne na noite estende os farrapos das asas cada vez mais disformes. Está sôfrega. Cresce, grita, avança direita para nós. O que se pôs em marcha não vem de fora, mas de dentro de ti mesmo, da mais cerrada das noites. Há muitas camadas de mortos. Há-as a léguas de profundidade e até de lá sobem os gritos. O homem é o mais profundo, o mais vasto de todos os sepulcros.

Põe êste homem vestido em frente dêste homem nu, a fama, o crédito, a praça, ao pé desta coisa desordenada que se encarniça e não nos larga, ó Elias, ó Melias, ó Melambes! A consideração não existe! a praça não existe! aqui estamos todos bichos em frente de bichos, os que pagam as letras e os que teem as letras protestadas, nós e nós, nós e os ladrões das estradas, nós vestidos e grotescos, nós nus e trágicos — nós e o universo monstruoso! Nós correctos e nós disformes, nós e o céu profundo na sua temerosa realidade. Salta laré, perirone, perirote! Mas salta com desespêro, salta com as tuas eternas explicações, o subterfúgio e o grotesco. Agora não nos servem de nada os relatórios, nem as razões dispostas como fórmulas algébricas — agora estamos aqui nós e o problema desalinhado e feroz, que nos impõe uma solução imediata. Salta laré, perirone, perirote! Se ela vive mais quinhentos anos lá se vai o dinheiro por água abaixo. Pior: se ela remoça lá se vai o

nosso crédito na praça. Mas — pregunto — posso porventura deixá-la morrer quando está nas minhas mãos salvá-la? Não sou eu por acaso um homem de bem? Tu és um homem de bem, eu sou um homem de bem, nós somos todos homens de bem — depende das circunstâncias. Os pais são pais, mas deixam de ser pais se nos dão cabo de tudo — e da firma. Por outro lado há a contar com o crédito. Pensem nisto, no crédito. O crédito pode perder-se dum dia para o outro, e sem crédito um homem não vale nada na praça. Meditem e atendam. Acima de tudo está o crédito. Está talvez acima de Deus, ainda que a minha consciência seja religiosa. Sem Deus ainda posso viver, sem crédito não dou um passo na vida.

— ¿Além da firma que nos resta na vida? Fora da praça não existimos. Pense que logo, amanhã, hoje mesmo, a nossa mãe remoçada deixa de ser a nossa mãe. Que quere o mano fazer? que pode o mano fazer? ¿Destruir por suas próprias mãos o nosso crédito na praça?

Um defronte do outro abanam as respeitáveis cabeças, com calva e risca, com risca e calva, aquela distinção de porte e de vinco, aquela ponderação de estilo, aquela correcção de maneiras, aquela seriedade das seriedades, que a praça honra, que as firmas honram, que a Igreja honra, e de que até o próprio Deus do céu já está à espera com o pálio meio aberto. A firma Elias & Melias tão correcta, com livros, ripolém nos caixilhos e nas almas, vê-se descascada até à medula e treme nos seus fundamentos.

Está encalacrada. E o pior é que não são só êles que estão encalacrados, estamos todos encalacrados. Na verdade o que importa não é o que tu me dizes: é o que eu digo a mim mesmo... Ó Rinhe, ¡como tu rinhes com dor, com desespêro, numa forma pastosa, a que se misturam já palavras vivas, em lugar das frases dos relatórios e dos bancos! Decerto te sentes bem no pegajoso, mas por trás não te dá tréguas o impulso. Neste conflito delicado só tu vinhas a tempo, ó morte que tão bem cheiras, e, cumpridas as formalidades do estilo, entregavas-me, com o testamento, a chave do cofre. Agora esta coisa encarniçada e feroz, sôfrega e imunda, leva-nos a mim e a ti, com desepêro e gritos, com as fórmulas e o vinco, com a praça e o crédito!...

Agora não, D. Biblioteca das Bibliotecas, já preparada com todos os requisitos e ungüentos para o horror do nada! Agora não! Agora não! Já tentaram desligar-te da vida com as palavras untuosas do rito e promessas de outra vida melhor. Que te resta? A vida eterna. Poço p'ra a vida eterna! O que tu queres é esta vida, esta insignificância e estes restos — e está aqui a morte inexorável. Tanta saudade! tanto apêgo! Tudo te dói e do fundo dessa miséria e dessa pele engelhada vem um gemido baixinho diante da figura tremenda que não sai de ao pé de ti... Ó carne putrefacta, como tu te apegas a um resquício de esperança, a um só que seja! O que te custa a largar o brasão na fralda da camisa, o postiço de tôda a tua existência inútil, o alto da lista de subscritores —

três tostões, seis tostões, um quartinho! ó carne fedorenta, ó carne já preparada para o mausoléu, com a gaveta aberta, latim e água benta, dois invólucros, um de mogno, outro de chumbo, e o picheleiro à espera!

E aí os tens sem piedade, inexoráveis como o destino. Agora não Elias & Melias, agora não D. Biblioteca das Bibliotecas, estais frente a frente com a realidade e a morte. Salta laré, perirone, perirote!

— Não quero morrer! não me deixem morrer! Chamem os meus filhos, chamem tôda a gente. Não me deixem morrer!

Todos os apetites, tôdas as sensações que pareciam extintas, assobiam como víboras. Horas antes de morrer ainda essa mulher está tão intacta por dentro como aos vinte anos. Ninguém a pode conter. Quere saltar pela cama fora.

— Chamem os meus filhos! chamem os meus filhos!

— Chamem o procurador!

Mas o que ela exprime por palavras, pelo olhar, pelos gestos, é a ânsia de viver.

— Não, não. Tirem-me para lá êsse homem. O que eu quero é viver.

Vê no último desespêro a face estúpida do procurador dizer-lhe coisas grotescas:

— Ó minha senhora, cheguemo-nos à razão. Seja razoável.

— Quero viver.

— Temos em primeiro lugar a Igreja. Apelo para os seus sentimentos religiosos, que os teve sempre,

e diante dos quais me curvo respeitosamente. Apelo...

— Dêm-me o remédio! Quero viver!

— Segundo, lembro a V. Ex.ª que tem sido até agora mãe extremosa dos seus filhos. Se volta aos vinte anos, pregunto respeitosamente a V. Ex.ª, Ex.ᵐᵃ Senhora, que é que V. Ex.ª é aos seus filhos?

— Quero viver!

— Perdão, minha senhora! Esta fortuna tão bem administrada pelo casal de que tenho sido bastante procurador, a que mãos irá emfim parar? Peço-lhe que reflicta. Peço-lhe que se submeta. Lembro-lhe que estão ali fora seus respeitáveis filhos subjugados pela dor, lembro-lhe a sociedade, e atrevo-me a lembrar-lhe que não tarda aí o D. Prior.

Um fio, falta só um fio, e ainda aquela figura grotesca se debruça para lhe dizer: — V. Ex.ª ...

— Fechem as portas! fechem a janelas! fechem tudo! — exclama o honrado Elias de Melo, com a calva arripiada.

— Não quero morrer!

Tem fôrças para saltar da cama, para se arrastar até à porta, e tôda a noite no casarão ecoam gritos.

Não quero morrer! Um minuto e mais nada. Um minuto e, contido nesse minuto, o universo desabalado, a morte, o desespêro e o procurador com o sêlo da lei e a saliva da lei. Tu dum lado decrépita — e do outro a sofreguidão caótica para mastigares com o único dente que te resta na bôca. Um minuto e

contido nesse minuto os vivos e os mortos, o teu fantasma e todos os fantasmas, a realidade e o sonho, — tu ungida e tingida, nós e nós — nós correctos e grotescos — nós Melias e doirado, nós Mélambes e frenético!

30 de Abril

¿Donde emerge esta figura encharcada de lama, menos a sombrinha, que, a pesar da dor, conseguiu atravessar incólume todos os solavancos? ¿A que se atreve depois de ver o filho? Cheguei a ter a visão nítida da montanha de pó acumulada sôbre ela, e do desespêro imenso para a romper.

Sabe tudo, vai dizer tudo. Tem ali as cautelas do prego e a malinha de mão onde levava escondidos, a enterrar, os fetos da D. Engrácia; só ela pode desvendar os vícios ocultos e o sítio onde a D. Biblioteca tinha a sua fístula. Conhece as misérias e os segredos das famílias correctas. Vai emfim dizer tudo, quando lhe surge o filho que não via há anos. Ei-lo criado de orgulho e de côdeas. Submete-se logo, mais coçada e mais gasta, diante daquela obra prima real e tangível. — Pois sim, pois sim... — Aí tens tu o teu sonho alimentado de côdeas e transformado em realidade. Aí está patente o sonho que sonhaste com inveja, o sonho que sonhaste com fel, aos ais, com a bôca tapada, o sonho feito de farrapos, que ocultaste de tôda a gente para poder viver. Aí está patente, à luz do sol, como os sonhos dos outros, de ambição e

de império, o sonho que ninguém viu sonhar, e que sustentaste à custa da tua própria alma — ó Restituta da Piedade Sardinha!

... — Sejamos lógicos, mãe — diz êle — na vida é preciso ser lógico. A mãe criou-me escondido, eu, por meu lado, disse sempre que não tinha mãe. Não hei-de agora que vou casar apresentá-la: — «Aqui está a minha mãe que me criou de esmolas, que me criou escondido».

— Tens razão, filho.

— O que é preciso é que a mãe desapareça. O que é preciso é que a mãe, que tem sido lógica deixando-me fazer carreira, não estrague agora tudo. Quem soube sacrificar-se para me engrandecer, deve continuar a sacrificar-se. Não lhe peço mais nada: desapareça.

— Desapareço.

Ela própria tem por aquela obra monumental de egoísmo o respeito que teve sempre por as pessoas consideráveis. Está ali na sua frente de chapéu lustroso e luvas esticadas. Acrescentem a isto amor. Levou anos a criá-lo escondido, e revê-se embevecida nos cartões em que êle assina Monfalcão dos Monfalcões (Sardinha). De resto não lhe custa nada desaparecer. Não lhe custa mesmo nada. É mais uma ordem a cumprir. Obedece. Obedece, como obedeceu sempre à D. Hermengarda, à D. Teodora, à D. Hermínia, como obedeceu a tôdas as pessoas ricas e de consideração, como obedeceu à vida que fêz dela um trapo. Apenas um minuto e êsse minuto chega. Um

minuto e mais nada. Nesse minuto a figura contraída reconhece a figura de trapos e de restos. Nesse único minuto de dúvida a D. Restituta vive mil anos e um dia e concentra-se em horror e desespêro. É o minuto supremo em que a velha Pois Sim se sente arrastada ao céu e ao inferno, ouve vozes que falam ao mesmo tempo, e ela mesmo pronuncia palavras que nunca ousou pronunciar nem no recanto mais obscuro da sua alma. — Vi-o! vi-o! vi-o!... Que é isto? que é isto que se me pega e se me entranhou na obediência e na mentira? O que é isto que não compreendo e que me dói? Desespêro e pois sim, sofreguidão e pois sim, doirado e pois sim! Eu não posso com isto amargo e doirado! Eu só posso mentir, só posso obedecer, só posso com restos, com os restos dos restos. Tenho vivido desde o princípio do mundo a escorrer fel e pois sim. Tenho sido sempre Pois Sim, só Pois Sim, e agora sou Pois Sim e desespêro!

Desespêro, e neste desespêro uma primavera de restos, uma primavera abortada, que só chega a deitar uma flor miudinha como a flor do escalheiro. — Mente! mente! mentir não custa nada! — Mas a D. Restituta já não pode mentir ainda que queira. Quere dizer que não, e com ela todos os mortos, todos os mortos que não se atreveram a sonhar, que não abrangeram o sonho, dizem à uma que sim, dizem com desespêro que sim. Sonho e pois sim não cabem no mesmo saco. Não cabem no mesmo saco primavera e pois sim. A sofreguidão atingiu o auge e tu viste-o! viste-o!...

Salta laré, perirone perirote!... A sacudidela de revolta extingue-se, sai da luta exausta, com todo o pêso da montanha em cima, diminuída, reduzida outra vez a pois sim... Êsses minutos que passou só e contemplando a ruína de tôda a sua vida foram amargos como fel. — Mete o diabo no saco! — Tão cansada e tão gasta que nem as feições lhe reconheço; tão amarga e tão ridícula, tão pois sim, que da D. Restituta só resta uma expressão de dor, de dor mutilada a dizer que sim, sempre que sim — a dizer a tudo que sim.

— Mete tudo no saco, mete-o com lágrimas requentadas e o fel da submissão. Mete a tua alma e a minha alma, gastas de dizerem a tudo que sim. Mete o diabo no saco! mete tudo p'ra o saco, desespêro e doirado, sofreguidão e pois sim!

Balouça ao vento, a uma réstia de luar, pendurado numa corda, o cadaver da D. Restituta, que parece dizer pela ultima vez que sim — para que o filho possa casar com a filha do conselheiro Barata. Balouça ao vento num sexto andar — esquerdo. Morre ignorada e desconhecida quem tôda a vida viveu de côdeas, para lhe assegurar o futuro e a assinatura com brasão e elmo, Monfalcão dos Monfalcões (Sardinha). Da mão crispada ninguém lhe arranca a fotografia de quando êle era pequeno, com o fardamento da *Escola Académica*, como um guarda-portão em miniatura. A sombrinha lá está aberta ao lado da cama, por causa da humidade, e

pela janela, aberta sôbre o luar, vêem-se os montes onde o Santo colérico não cessa de latir injúrias sôbre a vila agachada de terror.

6 de Maio

Chegou. Abriu a mais bela, a mais fecunda, a mais doirada de tôdas as primaveras—a primavera eterna. Revolveu a terra e cobriu os sêres e as coisas de flores, por camadas ininterruptas e sucessivas, com tôdas as côres e todos os entontecimentos, tôdas as infâmias e tôdas as tintas—com todos os desesperos. Está aqui também presente a floresta apodrecida, e com ela as formas de sonho e as formas de dor mutilada que vagueiam na profundidade das profundidades, os contactos viscosos, as mãos geladas ainda em esbôço, os sêres cegos e com gritos, porque não sabem ainda viver, as formas hesitantes do pesadelo...

É aqui que corre e escorre o verde, o roxo e o lilás—os tons violentos e os tons apagados. Até as árvores são sonhos. Atravessaram o inverno com sonho contido, com o sonho humilde com que carregam há séculos. E até êsses sonhos se transformaram em realidade. Realizou-se emfim o milagre: as árvores chegam ao céu.

DEUS

10 de Maio

O que eu sinto é o desespêro de não haver dor eterna. A dor pela eternidade das eternidades era ainda viver. Sofrer sempre, com a consciência do sofrimento, é viver sempre. Antes o inferno! antes o inferno! o inferno em lugar do nada.

O inferno era ainda o céu.

Alguma coisa nos conduz e nos leva até à morte. Rodeia-nos. Impele-nos. Não a vemos e está ao nosso lado. Só ela existe no mundo. Estou nas suas mãos com desespêro. Extasia-nos. Aturde-nos. Escarnece-nos.

Tu não existes! tu não existes! E não há mãos mais cruéis que as tuas. És abjecta. És cega e frenética. Levas-nos enrodilhados e envolvidos. E queira ou não queira estou nas tuas mãos. Só tu existes no mundo.

Nem a vida nem a morte, nem o tempo nem Deus. A única realidade és tu — fétida e imensa, sôfrega

e horrível. Gritas? hás-de gritar pela eternidade das eternidades. Fazes parte para todo o sempre desta fôrça que vem do princípio da vida e se projecta nos confins da vida, com bôca ou sem bôca, capaz de todo o sonho e de tôda a beleza — para nada! para nada!... Na minha alma reflecte-se o diálogo do universo como a claridade na água para me entontecer.

Cheguei ao ponto em que tenho mêdo. Fecho as janelas, fecho tudo. Outra vez a primavera! outra vez o escárnio! O que tu queres é iludir-me. A um dia de névoa sucede um dia doirado. E extasias-me. Se abro a porta, a noite está cheia de estrêlas e de vozes. No fim da tarde, quando a água tem um som mais lindo, a neblina dá encanto à minha vida e aos grandes montes compactos. Alheias-me, fazes-me sonhar, levas-me escarnecido até à morte. Atrás de ti só há dor e o desconhecido. Mascaras-te para me iludires. Mais uma vez tentas inebriar-me com o teu aroma; mais uma vez os pinheiros sacodem no ar o seu pólen sulfuroso... Não quero ver! não posso ver! Não te posso ver! A vida é amarga, a primavera é sêca e inútil. Fecho tudo para não te ver. Fecho tudo para não ver a primavera e sinto-a através dos muros.

Oh o grande oceano, a torrente impetuosa — sempre! sempre — o mar de mãos fluidas que me envolvem — o mar do silêncio, o grande mar inesgotável que desliza no silêncio — como tudo isto me mete mêdo!

Reconheço-te fôrça, mas não me importas nada. Êste deus faz o que êle quere e não o que eu quero. Êste deus desordenado e imenso, não é feito à minha imagem e semelhança. Não me ouve nem me atende. Não o posso desviar da sua marcha à custa de súplicas e de gritos. Não se apieda. Não sei se tem o sentimento da justiça. Talvez tenha outro sentimento de justiça — outro maior — outro que não abranjo. Êste deus não me é nada. Para êle é vão tudo o que se grita no mundo, tudo o que se sofre no mundo é vão. Todos os santos são grotescos. Todos os que te chamaram e suplicaram, todos os que te ofereceram a renúncia e a dor, o fizeram no vácuo. Pai, tu não existias! E não existindo impeles-me, entonteces-me e esmagas-me. Estou nas tuas mãos e não as vejo. Crias-me e não existes.

Eu sei, eu sinto que estás aí desconforme, vivo, e obstinado — mas não és o meu deus. Tanto faz esfacelar-me contra êste muro compacto, como conservar-me quieto, indiferente e calado. Tu estás aí patente, vivo como a vida, mas não me conheces nem eu te conheço a ti. Não nos chegamos a entender. Não tens nome. E estou nas tuas mãos.

Estou nas tuas mãos e não me interessas. O que me interessava eras tu. Tu, que não existes, entranhaste-te-me na carne e no ôsso, de tal forma que não me livro de ti. Não existes e dominas-me. Não existes e torturas-me. Não existes e só tu és a razão da minha vida, dos meus actos, e do meu ser. Não

existes e só tu existes. Tenho mil anos e um dia para prègar diante do vácuo que não existes. Para te chamar sabendo que não ouves. Disponho de mil anos e um dia de desespêro, de mil anos e um dia diante da mudez, a clamar, a prègar, a mentir.

O resto são frases e mais nada. Só a vida futura, só a vida presente sob o teu olhar tinha finalidade e razão de ser. O resto são frases com que me procuras iludir e com que te procuro iludir. Porque, se um dia, sós a sós com a tua alma, te detiveste diante destas palavras — a vida eterna e a morte eterna, não como palavras mas como realidades, nunca mais pudeste desviar o olhar.

O que me interessava eras tu porque para que tu existas é preciso que eu exista também. Eu não posso passar sem ti, mas tu não podes passar sem mim.

Se tu não existes, estou nas mãos da fôrça obstinada e cega. O que me interessava era o espectáculo da minha própria alma, o diálogo dos dias e das noites entre mim e ti, a imensidade temerosa mas viva, de que eu fazia parte.

E agora, reconheço-o, tôda a dor resulta de eu criar um universo que não existe. De tu me criares a mim e de eu te criar a ti. O resto do universo ignora a vida e a morte. Tôda a dor resulta dêste

esfôrço para a mentira. De eu não me submeter à fôrça desabalada e cega. De eu ter inventado um Mundo maior do que o teu e diferente do teu, para o sobrepor ao mundo caótico, ao mundo atroz. De mentirmos com obstinação até à cova, ao céu e às estrêlas. Destas duas criações antagónicas resulta a maior dor humana. Se eu não tivesse criado outra vida imaginária, tu passavas e calcavas-me, tu passavas e esmagavas-me, mas não me cabia em lote a morte e a consciência da morte, a vida e a consciência da vida. Mas criando a mentira trágica sou maior do que tu.

Resta-me o bem. ¿Mas fazer o bem para quê se tudo acaba ali, se não há outra vida consciente, se não tenho de responder perante ti pelos meus actos? E mesmo diante do escantilhão sôfrego ¿o que é o bem e o mal? A que eu tenho de obedecer é ao instinto e mais nada. Se não estás aí para me julgar e para me ouvir ¿que importa fazer isto ou fazer exactamente o contrário? Só uma coisa resta: iludir os desgraçados, levá-los para uma mentira cada vez maior, para que possam suportar a vida. Não se trata do bem ou do mal, do justo ou do injusto — trata-se de mentir, de mentir sempre — de mentir cada vez mais.

Estou nas tuas mãos... Esta noite límpida como um diamante pulido não existe. O que existe é atroz... Nem a primavera existe, e tudo se entreabre em en-

tontecimento azul. Nem esta harmonia dos mundos, que eu criei, existe. O que existe é atroz. Nem êste sonho em que ando envolvido e iludido. Só tu existes no mundo e me trazes estonteado no mundo. Fecho--me para te não ver e estou nas tuas mãos. Se eu pudesse ouvir-te, ouvia todos os gritos que se soltaram no mundo, se eu pudesse encarar-te em tôda a tua plenitude — via o negrume monstruoso e caótico avançando para mim, o repelão doirado levando tudo diante de si, no desespêro, na vida e na morte, esmagando sempre e renovando sempre, para criar mais dor. Não te fartas. Isto é desconhecido, é absurdo, é eterno — mas a beleza trágica da vida efémera consiste em te resistir, todo o nosso afã em criar uma mentira para opor a tua verdade — de que resulte dor. Tu podes tudo como verdade. Estou nas tuas mãos. Eu posso tudo como mentira, e só assim saio das tuas mãos. A verdade é a dissolução e a morte, és tu; a mentira é a vida. Resisto-te para poder viver; para poder viver crio a mentira trágica. Se cedo ao teu impulso, se escuto as tuas vozes, levas-me para uma vida inferior; se te oponho a mentira, caminho por uma via dolorosa: engrandeço-me. Estou nas tuas mãos — e nego-te. E o homem é tanto maior quanto mais alto afirma que existes. Crispa-se-lhe a bôca, dilacera-se até às últimas fibras, luta, grita e sai em farrapos das tuas mãos.

Todos os heróis são mártires, todos os santos foram iludidos até à morte.

CÉU E INFERNO

20 de Maio

Tôda a vila, a vila tôda, a que a luz artificial dava relêvo, desata a gritar como se lhe arrancassem a pele. Gritam as velhas, grita o Santo em frente da sombra que se lhe introduziu na vida. Grita a paciência e a mentira, grita a hipocrisia. Desapareceram as figuras e só ficam gritos na noite. Outro passo — outro grito. É a custo que me separo dêste ser com quem coabitei sempre. O escárnio está aqui; está aqui o escárnio e o rancor. Gritam no mundo subvertido. Mais gritos. Que dever? O dever de te matar? O dever de te cuspir? Matá-la, mas matá-la é até um caso de consciência, para que a minha vida seja a minha vida. — E os gritos aumentam — gritos de dor, gritos de espanto, gritos sufocados de cólera, mais gritos de sêres que se não querem separar da antiga carcassa.

Tudo isto caminhava para um fim, tudo foi desviado ao mesmo tempo dêsse fim; tudo isto se alimentava de certas regras, tudo avança desesperado, aos gritos, ansioso e doloroso: — Pois és tu! és tu! E o interêsse és tu! e o amor és tu! — O desespêro

aumenta, os gritos redobram. As criaturas com que deparo são temerosas. Uns desatam a rir com rancor e sarcasmos sôbre sarcasmos. Há-os que se reduzem a baba e a pó. — ¡O quê, tudo isto era tão pequeno! ¡Pois passei metade da existência, anos atrás de anos, ao lado desta coisa feroz e esplêndida, absorto em ninharia! ¡E nunca dei pelo assombro, pela vertigem! Atrevo-me a matar, atrevo-me a odiar, atrevo-me a escarnecer-te... — Mas então — pregunto — eu fui o homem escrupuloso, eu fui o homem honesto que lutei tôda a vida com os maus instintos, num combate perpétuo — para isto? Pregunto — para isto?... Ali aquela desata aos berros e sêres caminham transfigurados; sêres que nunca sonharam, matéria impenetrável, deparam pela primeira vez com o sonho, o que os deixa atónitos. Ninguém pode encarar-se até ao fundo. A tua meticulosidade é de ferro, está de tal maneira entranhada no teu ser que sem ela não existes. Pois até a tua meticulosidade se há-de dissolver. E tu sem o hábito não existes, nem tu sem o dever, nem tu sem a consciência. A D. Úrsula, que passou a vida a esfregar, a pulir, a limpar os móveis reluzentes, deita-os todos a êsmo do terceiro andar à rua. — Adoro-a mas não posso separar o interêsse do amor — não posso separá-los. Está dito e redito. No fundo do meu pensamento, bem no fundo de meu horrível pensamento, uma outra idea luta, avança e não a posso arredar. Estraga-me a vida tôda. — O mundo moral está com escritos e reduz-se a uma loja escura, com teias de aranha no teto.

Vemo-nos! vemo-nos que é o pior! Porque na verdade eu nunca me tinha visto nesta horrível nudez sem arrepanhar à pressa os vestidos. Eu metia-me mêdo. E agora vemo-nos! vemo-nos! Todos os sêres são temerosos. Mesmo grotescos são trágicos. Há neste trapo que criaste, nesta coroa de lata que foi a tua vida, não sei o quê que sua espanto. E dor! e dor na tua dúvida ridícula, no vislumbre, no minuto de sonho que entrevi nos teus olhos. Êste momento trágico, esta pausa, êste horror em que cada um se vê na sua essência, em que cada ser se encontra sós a sós com a sua própria alma, reduzido sem artifícios à sua própria alma, só tem outro a que se compare, aquele em que cada um vê a alma dos outros. Porque, por melhor ou pior que tenhamos julgado os outros, vimo-los sempre através de nós mesmos.

O que aí está é temeroso, sêres estranhos; sêres que, se dão mais um passo, nem eu nem tu podemos encarar com êles. Andam aqui interêsses — e outra coisa. Com mil palavras diversas e ignóbeis, mil bôcas que te empurram para a infâmia — outra coisa. Tens de confessá-lo. Não é a consciência — não é o remorso — não é o mêdo. É uma coisa inexplicável e imensa, profunda e imensa, que assiste a êste espectáculo sem dizer palavra — e espera... És imundo, és a vida. Não te sei definir, não te compreendo. Se te levo até ao último extremo perco o pé... Não sei até aonde vai o meu horrível pensamento. Até aqui tinha limites, agora nem o meu

pensamento nem o teu encontram limites. Matar ou deixar de matar é tudo a mesma coisa. É tudo inútil. Agora não! agora não me quero ver nem te quero ver! Estamos no céu e no inferno, D. Idalina e a langonha. Estamos no céu e no inferno, Anacleto, e tu ainda te enroscas na tua inalterável correcção. Não te desmanches! Estamos emfim todos no céu e no inferno, e todos à uma percebemos que a vida foi inútil. É com gritos que a D. Leocádia reconhece que o escrúpulo não existe; é com espanto que ela percebe que o bem que fêz foi inútil; é com horror que a D. Leocádia compreende que só lhe resta o vácuo. A inteiriça D. Leocádia berra no infinito, depois de se desfazer de todos os sentimentos falsos: — Mas eu cumpri sempre o meu dever! — Há-de-te servir de muito! — E aqui te encontras diante desta coisa que não foi feita para ti, aqui estás tu atirada de repente para uma acção sem limites, com os cabelos em pé, — tu D. Leocádia e o infinito; tu D. Leocádia que moravas entre quatro paredes a rever salitre, e agora tens de morar no céu e no inferno. O drama é tu, D. Leocádia, não te poderes desfazer da outra D. Leocádia; o drama supremo é tu sêres ao mesmo tempo, D. Leocádia 29-3.º-D. e D. Leocádia Infinito. — Reduzi-me a isto e reduzi-a a isto! Cheguei ao ponto! cheguei ao ponto! Cheguei ao ponto em que te vejo cara a cara e percebo que tudo é absurdo e inútil! Talvez o meu dever fôsse fazer o mal. Atrás de mim, atrás de ti, andavam duas figuras, que, por mais esforços que fizessem, nunca se che-

garam a entender! — A tua vida, a minha vida, foi um perpétuo inferno. Tiveste um filho e apegaste-te mais ao teu dever que ao teu filho. Dedicaste-lhe as tuas economias. Por o dever esqueceste interêsses e paixões, e na tua alma solitária só coube o exaspêro e o dever. Mais nada. E à medida que a vida te inutilizou as ambições e te gastou os sonhos, mais te apegaste a essa palavra, que foi a única razão da tua existência. Também eu! também eu! Fechaste-te com ela no silêncio gélido da vila, onde, nas noites sem fim, se chegava a ouvir o contacto das aranhas devorando-se com volúpia no fundo dos saguões. Todos os dias pesaste o pão que lhe deste, mas deste-lho. E tendo perdido tudo, só o dever te restou no mundo — e a orfã, a quem já não consegues reconhecer as feições. A mesma coisa nos dilacerou a ambos, a mesma coisa dolorosa nos encheu de cólera, à medida que caminhávamos para a velhice e para a morte. E aqui chegaste, aqui cheguei, ambos ridículos e amargos, saindo duma luta desesperada com outra coisa que nunca quisemos ver. Ambos grotescos e de pé, tu e eu, eu e tu, com o teu broche, onde o mesmo sujeito de suíças — lembrança do primeiro matrimónio! — não tira de mim os olhos aguados de peixe. Ambos tendo atravessado numa tábua o mais trágico de todos os mares, e no fundo a mesma dor, no fundo o mesmo fel, no fundo o mesmo esfôrço para sustentarmos sôbre a cabeça esta abóbada que não existe. O que não queríamos ver era a noite... — Vontade tinha eu de

fazer o mal, o que me não atrevia era a fazê-lo. — Oh D. Leocádia, dá um passo, outro passo ainda e mergulhas na beatitude como quem cumpre um destino. — Cessou o debate. — Não fales mais, D. Leocádia. Está tudo dito...

A figura que aí vem mastiga em sêco, com uma camada de verde e outra camada de sonho. A figura que aí vem, dum egoísmo concentrado, e a que aderem ainda os mil e um nadas da sua existência anterior de molusco, avança hirta para mim, inteiriça como uma barra de ferro. Ainda cheira a môfo, mas os olhos entranham-se-lhe num vasto panorama inexplorado. Vê para dentro, cada vez mais sôfrega e o seu sonho não tem limites. O mal não tem limites. Tem diante de si mil anos e um dia para essa absorpção dolorosa e trágica. Abarca o mundo. Ó D. Leocádia, agora é que tu chegaste ao âmago! É um conflito entre ti e os outros mortos, uma luta num tablado que abrange o universo. Daí o seu prestígio — daí o imenso scenário que se desdobra diante da D. Leocádia absorta nesse panorama sem limites...

Só há no céu e no inferno outro espectro pior. É êste ser sem nome, pedra e desespêro, noite e desespêro, que se imobiliza na inutilidade de todos os esforços.

Todos gritam de desespêro no céu e no inferno. Confundem-se mil bôcas, as coisas mais altas e as

coisas mais reles. Aqui está a vila tôda, virada do avêsso, os ridículos sem vergonha do ridículo e os infames lambendo a infâmia. Aqui está a ilusão — e aqui está em pêlo a D. Possidónia, que ainda conserva na cabeça o chapéu de plumas. Aqui está a ordem e aqui está a desordem, as palavras inúteis e a inútil burandanga, tôda a fórmula, todo o calvário da vida para subir até à morte — e aqui nos vemos uns aos outros tal qual somos, admiráveis, obscenos, reles, todos da mesma lama e com as mesmas chagas. — ¿Eras tu, fôrça estúpida e cega, que me enchias de ilusão para poder suportar a vida? Eras tu o interêsse, eras tu o amor?... Aqui estão duma banda as fórmulas (e só agora compreendo a sua necessidade), aqui está do outro lado a vida; aqui está o que se chamava a honra, e o que se chamava o dever. Ó amigos, eis aqui todo o nosso grotesco, tôdas as nossas ambições, tôdas as nossas vaidades — e com elas o absurdo e a lógica. E eis aqui o meu drama e o teu drama. Os grandes desmoronamentos, a cólera duns e o terror dos outros. Eis aqui o céu e o inferno, o máximo de ilusões e a ausência completa de ilusões. Aqui as vaias, o sarcasmo, os apupos, os grandes insultos e a suprema mixórdia. Desmoronou-se tudo, tôdas as fachadas e todos os artifícios. Gritos, mais gritos, mais sarcasmos e insultos. — Como eu te reconheço! e a ti! e a ti! — E a ti que és a figura silenciosa que há tanto tempo me persegues, calada e triste, e que eras a pior. Tu que curvas a cabeça, sem nunca te pronun-

ciares, tu que sofres quando eu sofro, que te envolves em silêncio quando persisto neste caminho doloroso — como te reconheço! Dá gritos! podes gritar à tua vontade!

Agora estou nu e tôda a mentira me é impossível; agora estou nu e tôdas as palavras são inúteis; agora estou nu diante da imensidade e não posso ao mesmo tempo com o céu e o inferno. Agora é pior, agora tanto faz resistir um dia como um século. Agora é pior: não nos podemos ver. Como dois amigos que se encontram passados muitos anos, perdemos todos os pontos de contacto. Estamos aqui a representar: a verdade é que não nos podemos ver. Eis-nos bichos em frente de bichos.

25 de Maio

Eis emfim a vila sonho, a vila fantasma. Reparem nas pedras e no que elas exprimem, na alvenaria e castanho assentes com outro destino... Ruas lajeadas, recantos onde nunca entrou o sol. Paredes mestras. Silêncio e humidade até à medula, gestos lentos, hábitos regrados. Uma rua desce até à igreja de cantaria lavrada. Um prédio enorme avança sôbre a ruela onde os passos ecoam. Cresce aqui uma vegetação especial de sepulcro, e a sombra absorvida pelas muralhas da Sé exala-se em bafo passado un século. Os alicerces são temerosos, as traves duma casa davam para a construção dum bairro. E tudo

isto se entranhou de salitre, de interêsse e de ódio. Em tudo isto há uma mescla de inutilidade, de fé e de sonho. Tudo isto está cimentado para séculos. Cada barrote foi pregado com um destino, cada bloco metido na terra para se lhe erguer em cima não uma parede, mas uma idea, uma vida, uma alma — tudo isto tem uma camada de bolor e se impregnou de desespêro. Até os sepulcros foram construídos para a eternidade. A pedra depois de talhada é uma expressão. Entro na catedral. Silêncio e um cheirinho a floresta apodrecida. As lajes estão gastas dum lado pelos passos dos vivos, do outro pelo contacto dos mortos. Tudo aqui gira em tôrno da mesma idea... A pedra esboroa-se, mas eu contemplo-a viva, com um povo de estátuas em cima, com um povo de mortos em baixo. Nos alicerces uma geração, outra geração, todos apodrecendo juntos na mesma terra misturada e revolvida. A parte exterior é maravilhosa, a parte subterrânea é mais maravilhosa ainda. É a única raiz que se conserva intacta.

Aqui não andam só os vivos — andam também os mortos. A vila é povoada pelos que se agitam numa existência transitória e baça, e pelos outros que se impõem como se estivessem vivos. Tudo está ligado e confundido. Sôbre as casas há outra edificação, e uma trave ideal que o caruncho rói une tôdas as construções vulgares. Sob um grito outro grito, sob uma pedra outra pedra. Debalde todos os dias repelimos os mortos — todos os dias os mortos se misturam à nossa vida. E não nos largam.

Eis a vila abjecta, a vila banal onde se praticam todos os dias as mesmas acções e se repetem todos os dias os mesmos gestos... Aqui só há um pensamento fundamental: fugir à morte, protestar contra a morte, que é a mais viva de tôdas as realidades, que é talvez a única realidade. Protestar, contra as fôrças desabaladas, pelo sonho, em espírito ou em pedra, que se erga diante do Destino e desafie o Destino. Através da paciência e da mentira, todo o esfôrço do homem tende para outro homem, para o homem ideal, para a figura de sonho, que há-de ser um dia a criação dos vivos e dos mortos — o sonho realizado — o universo realizado. A vida ideal, a vida artificial, como a do granito, representa a mesma tentativa da mentira contra a verdade e a obstinação sôbre-humana dos mortos para suprimirem a morte.

A vida em si é o mais profundo de todos os horrores, é o esfôrço inconsciente da larva repetindo as mesmas acções instintivas, que o destino nos impõe. Tudo que nos rodeia é monstruoso; o que nos rodeia de negrume vai desabar sôbre nós, reclamando dor, reclamando gritos e sustentando-se de gritos. Separa-nos um fio. Só com a condição de não vermos a realidade é que podemos viver. Para a esconder erguemos a catedral imensa, reconstruímos o universo todos os dias pelo esfôrço dos vivos e das gerações passadas. E tôda esta mentira trágica a levantamos até ao céu a poder de palavras e com a fôrça magnética das palavras.

Não só os sentimentos criam palavras, também as palavras criam sentimentos. As palavras formam uma arquitectura de ferro. São a vida e quási tôda a nossa vida — a razão e a essência desta barafunda. É com palavras que construímos o mundo. É com palavras que os mortos se nos impõem. É com palavras, que são apenas sons, que tudo edificamos na vida. ¿Mas agora que os valores mudaram, de que nos servem estas palavras? E preciso criar outras, empregar outras, obscuras, terríveis, em carne viva, que traduzam a cólera, o instinto e o espanto.

Mas se tudo são palavras e de palavras nos sustentamos, o que nos resta afinal? Gritos em frente de gritos, instintos em frente de instintos. Fica a morte à sôlta e o instinto à sôlta. Ficam os mortos de pé — a coorte que não queríamos ver, erguida, como o vento ergue a poeira, até aos confins da vida.

A D. Adélia não existe, o que aqui está vem de muito longe. Está aqui a paciência com um chale, a mentira com uma cuia de retrós — estão aqui espectros. O que aqui está, com o infinito em cima e o infinito em baixo, são fantasmas. Todos praticam as mesmas acções banais entre a vida e a morte, mas eu vejo o riso sem bôca e ouço o grito de dor, emquanto as máscaras se transformam e a materia se decompõe. Eu vejo o que há dentro dêste ser, que não tem limites, o que há dentro dêste ser de real e verdadeiro. Cada um assume proporções temerosas.

Caem lá dentro palavras, sentimentos, sonho — é um poço sem fundo, que vai até à raiz da vida. À superfície todos nós nos conhecemos. Depois há outra camada, outra depois. Depois um bafo. Ninguém sabe do que é capaz, ninguém se conhece a si próprio, quanto mais aos outros, e só à superfície ou lá para muito fundo é que nos tocamos todos, como as árvores duma floresta — no céu e no interior da terra. De mais baixo ainda veem terrores, ânsias, desespêro...

Agora o homem existe em tôda a sua plenitude. Anda hoje no universo como andou sempre no universo. Para êle não há passado nem futuro porque êle é o passado e o futuro. A vila tomou outras proporções e sente-se noutras mãos. Quem lhe dera ser insignificante e grotesca! quem lhe dera não ver! Para não te aturar, vida sôfrega e doirada, tive de me revestir de casca como as árvores, porque no princípio até elas foram fantasmas. E agora não sou eu quem falo — são êles que falam! O que as figuras representam vem do fundo dos fundos — o que elas teem de transitório e o que elas teem de temeroso, desde o homem que não bole junto das fazendas petrificadas, até à impenetrável D. Úrsula, que remói entre dentes o pavor. O que me parecia gelatinoso é uma fôrça imensa, êste hábito ridículo um princípio de sonho. A paciência e a mentira são aspectos da dor, e a bisca joga-se entre o pélago e o pélago. Os penantes usados, as cerimónias grotes-

cas, passam-se entre fantasmas e fantasmas, num ciclone de desespêro e gritos. Cada bôca fala por outras bôcas, e a D. Penarícia, coluna de Israel do fel e vinagre, é uma figura tremenda. Todos os dramas teem a mesma assinatura — Shakespeare. As acções veem dos confins dos séculos e o próprio mal não é um acto individual. O crime é sempre a acção impulsiva ou premeditada dos mortos. Para praticar um crime é preciso revolver camadas de fantasmas. Desperta ecos adormecidos até não sei que profundidades. Põe em debate êste mundo e o outro mundo, e daí a fascinação que exerce em tôdas as almas. A vasa não na jogam só figuras somíticas: de cada ser paciente e sórdido arranca-se outro ser ilimitado. Vejo no escuro as outras figuras atentas sôbre o jôgo... Estão aqui as velhas amarradas por quinhentos anos à mesma mesa da bisca. Está a inveja, e a inveja esverdeada torce-se sob o olhar da majestosa Teodora. Está a paciência, e a paciência sorri diante da majestosa Teodora. Está aqui a mesa de jôgo projectada no infinito, com sêres que se não podem ver, e que hão-de coabitar acorrentados por quinhentos anos. Há ocasiões em que vomitam as piores injúrias; às vezes torcem-se e soltam ais sôbre ais represos. — Jogo! — E a bisca segue pela eternidade fora. — Corto! — Também eu atravessei o inferno e tenho saudades do inferno! — E a majestosa Teodora parece calcinada pelo fogo do inferno. É o momento decisivo, quando, de pé, em roda da mesa onde foram insignificantes se vêem umas às outras. Pior momento é

quando a si próprias se vêem, quando se chocam como ferros, e seus olhos adquirem tal percepção que não são só elas que olham, quando ao espanto se junta espanto e não são só elas que falam, mas muitas outras vozes, e não só as suas figuras gesticulam mas muitas outras figuras. Um momento, um século, e ei-las até aos confins. Tôdas as bôcas pregam de cada vez mais fundo...

Cada bôca se abre no escuro como se fôsse o abismo; as bôcas falam por muitas bôcas que não teem nada de humanas e que moem e remoem com escárnio e baba; por bôcas franzidas só pele e espuma; por bôcas sem dentes; por bôcas ascorosas que tentam ser bôcas e que escorrem veneno; por bôcas que se desesperam de ser bôcas, para se fazerem ouvir.

E o candeeiro escorre o mesmo petróleo sôbre elas e sôbre as figuras invisíveis que arfam de desespêro até à raiz da vida...

Nesse instante vemos todos os sêres extraordinários que não tinham entrado no mundo; nesse instante tôda a vila está de pé, a vila trágica, com os vivos e os mortos e o drama profundo das almas que toca no céu e no inferno. Eis a vila como não torna a aparecer outra na terra, e que dura um minuto e um século. Cada figura escorre dor, não só a dor própria, mas a do túmulo, cada figura é um ser de espanto. Até tu, num relâmpago antes de te curvares sôbre a meia que já tem vinte metros de comprido, ó prima Angélica, ó figura tremenda de inépcia, que

também achaste sabor à vida e logo te fechaste com êle na escuridão cerrada da idiotia — até tu, pela maneira como apertaste a mandíbula, pelo olhar que se fitou no meu olhar e veio da espessura dos séculos, descobriste não sei que mar nunca de antes navegado, não sei que dor transida e doirada, não sei que mistério que não fala, que não pode falar, mas que está, real e patente, aqui ao lado e na nossa companhia...

Há — sentimo-lo! vemo-lo! — fôrças que tateiam para lá e aumentam o nosso desespêro. É talvez Deus que nos quere falar e que não pode, ou que fala e não o entendemos.

Não são só os grandes fluidos que se entrechocam sôbre a vila, há outra coisa que a todos os momentos nos reclama... E é um milagre que tôda esta arquitectura — que não existe! que não existe! — se sustente de pé e no vácuo, baseada em palavras e sons, e que joguemos a bisca de três na encruzilhada da vida e da morte. Mais: é um milagre muito maior ainda que consigamos cerrar os ouvidos à fôrça que bate estonteada à nossa volta e que faz esforços desesperados para comunicar connosco. Não tem bôca para falar, mas tenta, numa dor muda, fazer-nos compreender algumas noções que transformariam o universo. Às vezes estamos por um fio... — perdemo-nos logo numa escuridão que tem léguas de distância. Bom é cerrarmos os ouvidos. Se chegássemos a entendê-la tudo isto desaparecia no ar...

Chegamos ao ponto! chegamos ao ponto em que não nos distinguimos na floresta apodrecida! A vila é imensa, as figuras são imensas, só dor e sonho — jacto que vai de pólo a pólo e onde não existe nem vida nem morte. Na floresta putrefacta o tempo e o espaço desapareceram: só existem sêres estranhos e árvores estranhas. O que nós víamos eram sombras projectadas num muro. Mais um passo e todos saímos doirados dêste mergulho no sonho — outro passo ainda e só existe uma fôrça frenética e imensa, desesperada e imensa...

Agora é que ela anda à sôlta! agora é que ela anda à sôlta!

A ÁRVORE

15 de Setembro

Preciso aqui duma árvore... Uma árvore que dê sombra e ternura — uma velha árvore carcomida. Nunca pude passar sem essa sombra inocente. Meio morto de cansaço e de mentira deito-me ao pé dela e renasço. Todos a aproveitam — para o lume — para traves — para o caixão.

É filha de cavadores e neta de pedreiros: obstina-se e por fim afaz-se.

A dor afeiçoa-a. Aceita tudo: a vida e a morte com a mesma resignação. E depois desta vida aceita ainda outra com o purgatório e o inferno.

Pouco e pouco a ternura torna à supuração. A filha desapareceu. Sabe que a D. Hermengarda, pobre e caquética, pára num hospício, e vai lá buscá-la. Caso extraordinário: vê mais naturalmente a desgraça da filha do que a pobreza da D. Hermengarda.

É a sua senhora. Limpa-lhe a baba e cata-lhe o piolho; besunta-a de pomada, e nos seus olhos de cão há uma inexprimível serenidade. A D. Hermengarda ainda tem exigências. Manda e a Joana obedece. Melhor: trabalha para lhe dar de comer. Está afeita. Faz mais: a Joana agora rouba. Ela, que sacrificou a filha, rouba seis vinténs, doze vinténs... De dia carrega baús, à noite o quadro é êste: a venerável D. Hermengarda numa cadeira de rodas, com um resto de quico na cabeça, e a Joana extática a satisfazer-lhe as impertinências.

Não ouve, creio mesmo que não pensa. Os seus gestos são conduzidos por outras mãos, atrás dela há outras figuras até à raiz da vida, que embalaram berços, choraram sôbre a desgraça e tomaram para si o quinhão mais pesado. Até já nem é Joana que fala, mesmo para contar a sua história. Ou só, ou quando encontra alguém, a Joana divaga:

— E vai eu disse-lhe... Fui ter com a filha e vai eu disse-lhe: — Deita-me aí pão quente numa malga com meio quartilho de vinho. — E vai ela disse-me: — Tenho aí pão velho, não enxerto o outro. — E vai eu disse-lhe: — As bagadas que tenho chorado caiam sôbre ti.

Não sabe mais que dizer. Aquela fastidiosa perlenga ouviu-a a outras velhas e vem do princípio do mundo: aplica-a para exprimir a sua dor. Se lhe falam dos ladrões finge que não entende. Se insistem, a Joana responde com olhos de pasmo:

— Os ladrões davam-me uma tigela de caldo.

Não soube nada na vida, não foi nada na vida, não percebeu nada da vida. Oh vida denegrida, monótona e sem sabor, de louça para lavar, de carretos para fazer, afundaste-a, esfarrapaste-a, amarfanhaste-a, engrandeceste-a!...

Diante do universo é menos que um caco, é um pobre coração usado pela dor. O último gesto que a Joana faz é o seu primeiro gesto, mas esboçado apenas, como quem segue um fio já muito ténue de sonho que não tem fôrça para levar até ao fim, o de aconchegar uma criança ao peito — gesto que vem de séculos em séculos, desde o início do mundo, repetido pelas sucessivas imagens de mulheres já desfeitas em pó, repetido no futuro por milhares de sêres incriados.

O trabalho da vida é persistente e oculto. Gasta, desgasta, como uma pedra sôbre outra pedra. Não é só por fora que criamos rugas: por dentro a usura é imensa. Só a Joana conserva a ternura intacta. O que havia a dizer era como se formou esta alma e eu não sei dizê-lo. Por fora farrapos, por dentro vida. O tojo mais bravio deita mais flor. Um fio de água que reluz prende-me horas e transforma as pedras. A ternura da Joana modifica-lhe a fealdade, pega-se-lhe às mãos e aos trapos que a vestem. O que eu não dou é a expressão, o que eu não dou é a luz. Afundo-a, amolgo-a. E no entanto a figura impõe-se-me pela expressão máxima da dor. A Joana debruça-se sôbre uma grandeza com que não posso arcar. Re-

siste, luta e atreve-se. Aumenta. E também só ela no mundo não se importa de morrer.

Talvez a morte seja para ela a vida.

Esta luzinha viaja há muitos milhares de anos. É como a faúlha duma estrêla, perdida na imensidão, que lhe custa a chegar à terra. E caminha sempre, humilde e obstinada, através do infinito — sempre. Por isso ela teimava: — O menino está vivo!... — Por vezes parece que se apaga. Reaparece através da obscuridade espêssa acumulada há séculos. Talvez tôda a grandeza desta mulher esteja nisto: é que ela é conduzida por uma mão enorme. A sua ternura é instintiva, a sua humildade é instintiva... Pare. Pare a desgraça. Cria. É a velha que tira a côdea à bôca para a dar aos netos. É a velha que encontraste há bocado no caminho, de olhos aguados. Cada vez maior; traz êste carrêto à cabeça desde o princípio do mundo, e ainda o não pôde pousar. Embala os berços. Pega nas crianças ao colo. Desde o princípio do mundo que estas mãos ásperas amparam. Não é uma figura — é uma série de figuras...

16 de Setembro

O desabar da chuva lá fora dil-o-íeis não exterior, mas ligado ao teu próprio ser: são lágrimas que tenho ainda para chorar. Da escuridão opaca ressur-

gem e rodeiam-me os mortos: o montante que rachou a alvenaria e os cavadores que lavraram a mesma terra e curtiram a mesma dor. Êste cheiro a pobre, estes traços corroídos pelas lágrimas, estes tipos amolgados pela desgraça, povoam-me a noite tôda e dizem bem com o desabar ininterrupto de lágrimas lá fora. Outra coisa exprimem as figuras denegridas que vão aparecendo por trás da figura da Joana...

Some-se a mulher da esfrega, e primeiro vem um velho que mói e remói obstinado uma côdea de pão. O pai de Joana tinha oitenta anos quando morreu. Deram com êle caído sôbre o lar, levaram-no em braços para a enxêrga. Quatro paredes, duas caixas de castanho, e junto ao catre, junto ao peito, a pedra sêca, o granito. Uma mulher desata aos gritos debruçada sôbre o catre:

— Vossemecê conhece-me? vossemecê conhece-me?

Os olhos não se lhe despegam da arca. Ao fim da vida tem de seu o alvião, a enxada e a manta no fio. A cabeça branca mirrou, a pele é como a crosta que calcamos. Tem não sei quê de raiz, tem não sei quê de tronco, afora os cabelos brancos que o tornam humano. O tempo revestiu-o da mesma côr dos montes. Desabituou-se de falar, e pela grandeza e pelo silêncio só o comparo à pedra. Tudo isto foi pedra. Êle e os seus, a poder de anos, moeram-na. Sua vida está ligada à vida da terra. Criou-a. À terra só falta comê-lo.

Terra, terra negra e ingrata, terra de detritos de rocha e mortos, poeira de árvores, suor de pobres, terra que tudo gastas e consomes, há muito que o fizeste teu igual. Nem sei distinguir-vos, mãos como pedras, pele como a tua pele.

A terra come e desgasta. A terra apega-se e encarde. Deforma-o. De revolver a terra criou cascão e um olhar profundo. Só o comparo a Cristo, a um Cristo que tivesse vindo até à velhice, de desilusão em desilusão e de desamparo em desamparo.

Na noite negra desfilam outras figuras. Um chega e diz: — O corpo pede-me terra: — A pobre, com um saco de estôpa às costas, espera a esmola e reza. Agora êste... Êste ressequiu como os morros de pedra, como a laje compacta. A pedra pega pedra. As mãos tem terra nas rugas desde que lidaram com terra. Curtiu anos de fome e de terra entranhada na pele, entranhada na alma.

O casebre é de pedra, é de pedra o lar, e arrima-se dum lado ao coração do monte. Por teto uma trave e côlmo, por chão terra batida. A casa também entra aqui. Pedras, ternura, aflição, tudo no mundo deita as mesmas raízes. Uma casa não é só alvenaria: é dor e vida e morte. A árvore também aqui entra: a árvore é uma construção viva.

A mãe ficou prenhe. Eram tão pobres que, para o que havia de nascer, só amanharam um paninho,

duas camisas e um lenço. Vieram as dores e nasceram dois gémeos. Repartiu as camisas, rasgou o lenço e o pano ao meio, e, no casebre perdido, entre a natureza bruta, a mulher pôs-se a chorar dando um seio a cada um.

Mais outras figuras se destacam ainda da noite. São de terra e pedra, são figuras desumanas. Remoem o pão devagar, e o fumo sobe pela parede e ennegrece-a, camada atrás de camada. Aquecem-se ao lar. A pedra é um calhau arrumado à parede, uma lasca negra e ressequida. E agora, noite funda, todos os mortos estão ali presentes e atendem... A pedra tôsca do lar, a pedra salitrosa à volta da qual se juntam, é muito mais que um calhau. A pedra é sagrada.

Está ali o montante que acometeu a pedra do monte dura como aço, e dias após dias curvou-se sôbre a fraga e meteu-lhe o ferro até à raiz. Está outro que a terra desgastou imprimindo-lhe relêvo e carácter. Cerra-se-lhe a bôca, greta-se-lhe a pele. Êle e o monte suportaram a mesma dor, que não sabem exprimir.

A côr é a côr da fome, o frio o da pobreza. Gasta-o e desgasta-o o uso da vida e a terra entranhada.

É o cavador... Tudo que era exterior puíu-o no cavador a terra, na mulher as lágrimas. Ficou só a expressão descarnada, como nos montes, como na própria casa onde as coisas são simples e eternas. Pariu-lhe ali a mulher, entrou-lhe lá dentro a morte.

E as palavras reduziram-se também a esqueleto e teem o mesmo emprêgo sóbrio: nem o cavador nem a fêmea teem que dizer um ao outro. Só o morro consegue deitar um fio de água, que lima alguns palmos de erva. Concentrou-se em muda aflição para produzir essas gotas geladas e um lameiro verde.

O escuro gera uma série infinita de mulheres... Há em tôdas um momento de ternura antes de a terra se lhes entranhar. Aos trinta anos a fêmea encardida está velha. Está velha de fome. Está velha de trabalho. Ela carrega. Ela levanta-se de noite para cozer a fornada ou para ir à vila. Ela quando tem um dia de folga vai ganhar seis vinténs de jornal. Ela pesa o pão e reparte-o, ficando com o quinhão mais pequeno. Com isto gasta-se. Nasceu com a pobreza, dormiu com a desgraça, e com os anos uma figura se foi sobrepondo a outra figura. Apagam-se linhas, salientam-se traços, e a mesma côr humilde reveste a mulher e a alvenaria. Ela e a pobreza, ela e o dia de hoje, o dia de ontem e o dia de amanhã; ela e os filhos para criar, os carretos para fazer; ela e a vida, todos os dias se vão amalgamando, lutando, empurrando com desespêro, até se criar esta figura e se apagar a outra, gasta pelo uso da dor e pelo uso das lágrimas.

Sòzinhas lutam, sorriem, amparam. Velhas e exaustas espalham ainda ternura. Curvam-se sôbre os berços, vão pedir pelos homens. E sôbre isto ignoram-se.

— Mãe — pregunta a filha mais moça — mãe, que coisa é casar?

E ela responde como sua mãe lhe respondera:

— Filha, é fiar, parir e chorar.

A vida é uma coisa séria e por isso emmudecem. Guardam para si o bocado mais amargo, a tarefa pior de fazer. Se choram, choram baixinho para que as não ouçam chorar, ali nas quatro paredes de alvenaria, ali onde as trouxeram pela mão, entre as coisas familiares, o forno, o lar, os potes, a enxêrga... Na enxêrga onde morreu a mãe, nasceram também os filhos.

Há séculos que a mesma série de figuras repete os mesmos gestos. Há séculos que a mesma mulher esfarrapada pare e o mesmo cavador revolve a terra. Há séculos que comem o mesmo pão e a mesma usura os leva até à cova. Há séculos que choram as mesmas lágrimas e o monte deita a mesma água. As mulheres trazem os pequenos ao colo e falam-lhes como lhes falaram a elas. O que se gasta, o que a dor e a vida consomem, é a parte externa: as lágrimas renovam-se sempre. As leiras dão sempre o mesmo pão escasso, no monte não se estanca o fio de água, que, como o fio de ternura, reproduz a vida e remoça sempre quatro palmos de erva. A mulher, esta ou outra, chora debruçada sôbre a masseira, pare com dor no mesmo catre, morre com dor na mesma enxêrga.

E no fim de tôdas, apagada e sumida, surge outra, a serva. Do escuro saem gemidos. A casa desapareceu: só correm lágrimas. Sinto uma mão que procura a minha mão, e uma vez que me diz ao ouvido:

— Escuita! escuita!

É a criada que serve o cavador desde pequena, a pobre que só tem de seu a saia que traz vestida, que mistura lágrimas às minhas lágrimas.

— Escuita! escuita!

E aquece-me as mãos com bafo.

E se remexo o braseiro — vejo outras figuras, outros espectros ainda, até ao início da vida. Estão ali o avô, os avós, os jornaleiros. A um, tão entranhado de terra, mal o descortino. E atrás dêstes, ainda outros, mudos e disformes — outros como terra — outros como árvores decepadas — outros como fome e que mal sabem exprimir-se — outros a quem só se vêem as mãos nodosas — e a série sumida de mulheres, bronco e dor, que a vida consumiu, e que procuram debruçar-se para ouvir... Tão longe! tão longe!... Mal descortino já a luz pequenina e humilde, mal distingo a vida na treva condensada — uma luzinha de candeia, que há séculos vem de mão de mulher em mão de mulher... Tudo volta à cinza. Diante de mim está sòzinha a Joana, que me mostra as mãos roídas, as mão enormes, as mãos só dor...

O mundo é feito de dor — a vida é feita de ternura.

PAPÉIS DO GABIRU

20 de Novembro

Chove um dia, outro dia, sempre... Amanhece um dia nublado, outro dia alvorece negro e áspero. O vento abala a pedra sôbre que é construído o casebre. O inverno tem a sua voz própria, a sua côr, o seu vestido em farrapos com que agasalha os montes deixando-lhe os ossos de fora. Mas o inverno é sonho. Só agora o compreendo. É sonho concentrado: sob esta casca ressequida está uma primavera intacta. Esta voz clamorosa é a voz dos mortos. Uma pausa, a prostração da tempestade, e depois redobra o clamor... Andam aqui as suas lágrimas... Na sufocação reconheço esta voz que me chama. E depois a tempestade, novos gritos, a escuridão profunda...

Lá andaremos todos não tarda! lá andaremos todos não tarda!

Anoitece e sempre a aparição me persegue... Nunca mais deixei de a ver. A esta hora desesperada do crepúsculo ei-la que reaparece. Está mais pálida

e nos seus olhos há uma grande, uma estranha piedade. Dir-se-ia que os seus olhos absorveram outra vez tôdas as lágrimas que por mim chorou... Não me acusa... A princípio a dúvida pôs-se a rir dentro de mim com escárnio, e tive vontade de lhe atirar lama e injúrias. Mas o meu riso transformava-se, passava por todos os tons, até se parecer com a respiração sufocada do terror.

Convenci-me a frio de que depois da morte só o nada existe e no entanto à hora melancólica do crepúsculo ela torna de mãos estendidas e os olhos rasos de lágrimas. Desvairado lhe digo: Que queres? Não acredito em ti, nem preciso da tua piedade. É a esta hora incerta, a esta hora aflitiva e cheia de angústia do crepúsculo, em que as criaturas compreendem o mistério e em que tudo tem vozes — é a esta hora desesperada, que ela me aparece sempre a soluçar.

Não me acusa — é pior. Antes me perseguisse com ódio, antes me aparecesse como uma visão vingadora!... Os seus olhos são de piedade, o negro cabelo emmoldura a sua clara figura e os seus braços estendem-se para mim... E ouço sempre a mesma voz: «Que frio o outro mundo! Que impassibilidade a do outro mundo! E tenho saudade, saudade de tudo, saudade de te não sentir ao pé de mim. Tenho saudade da vida. Só poder aquecer-me ao lume, só sentir o lume neste inverno sem limites, neste frio de morte — sem outra primavera! O que a vulgaridade sabe bem! O que a matéria sabe bem!

Não vejo. Ceguei.

Disperso-me, e por mais esforços que faça, sinto-me desagregar: perco pouco e pouco a consciência de mim mesma. Sou ainda ternura e pouco mais. Já não tenho lágrimas. Quem me dera a desgraça!

E uma pena da vida! Uma saudade da vida! uma tristeza de não poder misturar-me à vida! A vida — e um cantinho do lume, a vida banal, a vida comezinha... Tenho saudades do muro a que costumava queixar-me.

Vive devagarinho. Aquece-te à réstia do sol como quem nunca mais tornará a aquecer-se; perde tôdas as horas a trespassar-te da vida. Deixa que sôbre ti caia o pó de oiro. Vive-a. Tu és a nuvem, tu és a árvore. Enche a consciência de tôdas estas coisas porque não tardarás a perdê-la. Vive — não tornas a viver. Põe de acôrdo a tua alma com a pedra, extrai encanto do céu e da miséria. Pudesse eu gritar! pudesse eu ter fome!

Só agora dou pelo sabor das lágrimas.»

21 de Novembro

Não existes — és um fantasma e mais nada. Só eu existo no mundo. Mesmo desgraçado me sinto existir como nunca. A tua imagem é uma sombra que me persegue e arredo. Agora sou só e livre — só e desesperado.

Outrora, em certas noites que me recordam, das estrêlas a luz fosforescente envolvia o mundo. A noite tinha, é certo, negrumes profundos e espaços tão negros, que neles só morava o vácuo, mas no silêncio a vida das estrêlas estava mais perto do meu coração. À impressão que me sufoca diante da eternidade sem limites e da duração da vida astral, misturava-se a ternura de teus olhos, que me faziam ascender do subterrâneo para a luz, que me ensinavam a soletrar o *abc* do céu, que antes de mim, na vida efémera, outros tentaram decifrar, levando-o impresso na alma para o túmulo.

Ilusória irrisão! Tudo isto não existe, ou só existe como agitação e desespêro frenético. Tudo isto desaba há milhares de anos numa queda infinita, num grito que nunca cessa nem ecoa. Morta — e as mesmas estrêlas indiferentes luzem no céu, o mesmo ímpeto de vida galopa no espaço. Só os teus olhos não procuram os meus cheios de sofreguidão e espanto... Arredo a tua figura, a figura pálida que teima em me acompanhar sem palavra, a figura transida e pálida de que desvio o olhar. Encontrei-te talvez noutra luz, noutra vida, noutro mundo talvez, e os teus olhos tristes enchem-me de inquietação e terror. Tu não existes! tu não existes! Escusas de soluçar. Não te tolero. Não sei quem és e conheço-te. Tens vivido na minha companhia, e és uma forma transitória e mais nada, um sorriso de ternura e mais nada.

Agora não contenho a multidão que constitui a minha alma. Nunca estou só e ouço-os que clamam cada vez mais alto. Sinto fantasmas até à raiz da vida. Minha alma é um tablado onde todos os mortos se digladiam. Ouço-os! ouço-os! são impulsos, são sêres que actuam e falam como se eu não existisse. Nesses momentos sou apenas um espectador que os vejo a caminho sem me poder defender. Ouço-os! ouço-os!

Ser só e livre e encontrar-me — ainda que desgraçado — que alegria frenética! Agora é que tu mandas em mim, agora é que tu te impões — ser extraordinário e solitário que te obstinaste, que pouco e pouco te impuseste e afinal venceste! Sim, há em te obedecer uma alegria estranha, em calcar a vida uma alegria que se não parece com nenhuma outra, dolorosa e imensa, vital e imensa. Tu, reconheço-o, é que és o meu verdadeiro ser, e a tua voz a minha verdadeira voz. Não importa que para trás se ouçam gemidos — todos os fantasmas se dissolvem à luz da madrugada.

25 de Novembro

Não me compreendo nem compreendo os outros. Tudo me parece inútil, e agarro-me com desespêro a um fio de vida, como um náufrago a um pedaço de tábua.

Nem sei o que é a vida. Chamo vida ao espanto. Chamo vida a esta saudade, a esta dor; chamo vida e morte a êste cataclismo. É a imensidade e um nada que me absorve; é uma queda imensa e infinita, onde disponho dum único momento.

Talvez o mundo não exista, talvez tudo no mundo sejam expressões da minha própria alma. Faço parte duma coisa dolorosa, que totalmente desconheço, e que tem nervos ligados aos meus nervos, dor ligada à minha dor, consciência ligada à minha consciência.

Estou até convencido que nenhum dêstes sêres existe. Êste fel é o meu fel, êste sonho grotesco o meu sonho. Estou convencido que tudo isto são apenas expressões de dor — e mais nada.

Nós não vemos a vida — vemos um instante da vida. Atrás de nós a vida é infinita, adiante de nós a vida é infinita. A primavera está aqui, mas atrás dêste ramo em flor houve camadas de primaveras de oiro, imensas primaveras extasiadas, e flores desmedidas por trás desta flor minúscula. O tempo não existe. O que eu chamo a vida é um elo, e o que aí vem um tropel, um sonho desmedido que há-de realizar-se. E nenhum grito é inútil, para que o sonho vivo ande pelo seu pé. A alma que vai desesperada à procura de Deus, que erra no universo, ensangüentada e dorida, a cada grito se aproxima de Deus. Lá vamos todos a Deus, os vivos e os mortos.

O mundo é um grito. ¿Onde encontrar a harmonia e a calma neste turbilhão infinito e perpétuo, neste movimento atroz? O mundo é um sonho sem um segundo de paz. A dor gera dor num desespêro sem limites.

Eu não sou nada. Sou um minuto e a eternidade. Sou os mortos. Não me desligo disto — nem do crime, nem da pedra, nem da voragem. Sou o espanto aos gritos.

Cada vez fujo mais de olhar para dentro de mim mesmo. Sinto-me nas mãos duma coisa desconforme. Sinto-me nas mãos duma coisa embravecida pela eternidade das eternidades. Sinto-me nas mãos duma coisa imensa e cega — duma tempestade viva.

Tôda a vida está por explorar: só conhecemos da vida uma pequena parte — a mais insignificante. E o êrro provém de que reduzimos a vida espiritual ao mínimo, e a vida material ao máximo. O homem é um S. F. ligado a todo o universo.

Deus é eterno com a máscara sempre renovada. A alma há-de acabar por se exprimir, Deus, que olha pelos nossos olhos e fala pela nossa bôca, há-de acabar por falar claro.

23 de Novembro

Há dias em que me sinto envolvido pela morte e nas mãos da morte. Há dias em que não distingo a vida da morte, e agarro-me como um náufrago a êste sonho...

...Cheguei ao ponto, Morte. Cheguei onde queria. Tu és o meu sonho frenético. Não há outro maior. Cheguei ao ponto em que te não distingo da vida. Tu és a vida maior. Por vezes vejo o grande mar, onde a lua deixa o seu rasto, caminhar direito a mim. Vagueia a floresta adormecida e avança desenraïzada para mim... Cheguei ao ponto, Morte, em que não me metes mêdo. Aceito-te. De ti me vem vida. Absorve-me. Só tu agora me prendes os olhos e de ti não posso arrancá-los. És o único mistério que me interessa. Confio em ti. Cheguei ao ponto, Morte, eu que só de ti espero. Só tu resolves e explicas. Só tu acalmas. Aceito-te mas intimo-te. Toma a forma que quiseres, mais negra, mais trágica, mais torpe — bem funda é a noite e está cheia de luzeiros: — recebo-te, mas como um passo a mais para outra iniciação, para outro assombro, e até para outra dor se quiseres, porque da dor extraio mais beleza, mais vida e mais sonho.

...E contudo esta resignação é fictícia... Não, nunca acordei sem espanto nem me deitei sem terror. Ainda bem que o digo!

Siga a vida seu curso esplêndido. Sabe a sonho e a ferro. É ternura, desgraça e desespêro. Leva-nos,

arrasta-nos, impele-nos, enche-nos de ilusão, dispersa-nos pelos quatro cantos do globo. Amolga-nos. Levanta-nos. Aturde-nos. Ampara-nos. Encharca-nos no mesmo turbilhão do lôdo. Mata-nos. Mas, um momento só que seja, obriga-nos a olhar para o alto, e até ao fim ficamos com os olhos estonteados. Eu creio em Deus.

TERCEIRA NOITE DE LUAR

25 de Dezembro

Há no mundo uma falha. Os poentes são labaredas roxas com resquícios de escarlate e dois, três grandes jactos violetas que se estendem pelo céu — uma maravilha quimérica. A outra primavera prolonga-se: superabundância de flores nas árvores, espiritualidade na matéria, como se as árvores antes de morrer se esgotassem em sonho. Mais flores, mais poentes onde o oiro e o roxo predominam, mais gritos no mundo, mais vulcões de côres, que presagiam catástrofes, e um ruído apagado, esquisito, insuportável dentro de nós próprios, que comparo ao som duma borboleta esvoaçando contra as paredes dum vaso.

É a morte que faz falta à vida.

Paira sôbre o mundo uma alma monstruosa, um fluido magnético, onde se misturam tôdas as cóleras, todos os interêsses e tôdas as paixões, e essa alma envolve, penetra e reclama dor. Formam-se tempes-

tades e terrores eléctricos. Anda ávida, desencadeia catástrofes, desaba desgrenhada, com uivos nocturnos de desespêro. Cala-se — é pior: ninguém lhe suporta o pêso. Produz jactos de oiro, auroras boreais, grandes incêndios no céu, como se o globo ardesse. Despenha-se em montanhas de côr, em abismos roxos, paira em campos etéreos duma serenidade elísea. São talvez os mortos que reclamam mortos. É talvez a vida universal perturbada. São outras gerações esquecidas, camadas informes de que ninguém suspeita o nome, legiões sôbre legiões incógnitas — é a vida embrionária que reclama a sua entrada na vida.

E, no fundo, sob êste subterrâneo, há outro subterrâneo: ouço passos e vozes de mais outros ainda que sobem para a superfície. Todos os mortos se misturam aos vivos. Arrombaram de vez os sepulcros. Tu que não viveste queres agora por fôrça viver; tu que não mataste queres agora por fôrça matar. Mais mortos desde o início — maior mixórdia. Todo o esfôrço era para virem à supuração. Atrás duma camada havia outra camada. Há sécuque carregamos nas tampas dos sepulcros para os não deixarmos sair. Na realidade nunca se jogou o gamão, nem se disseram palavras vulgares. Atrás dessa aparência estava intacta uma coisa desconforme, e às vezes por uma fresta irrompia a claridade do inferno... Agora a terra desfaz-se em mortos, como uma acha se desfaz em fumo.

O que era vida irreal, é agora realidade, o que era vergonha, ninharia e ridículo é a vida agora. O que toma pé são os sonhos, o que se agita são as paixões desregradas. Não há limites nem peias. Vêem-nos como eu te vejo a ti. Tenho diante de mim êste espectáculo, como se fôsse possível aos homens desdobrarem-se, e tomarem corpo ideas e paixões. Êles são aquilo que ocultamente desejavam ser, são o que não se atreviam a ser. Sob um mundo de verdade há outro mundo de verdade. É êsse mundo invisível e profundo que não passa a ser o mundo visível. É êsse. Todo o homem é uma série de fantasmas e passa a vida a arredá-los. Chegou a vez dos fantasmas. As nossas ideas e paixões é que formam as figuras que actuam na vida.

Terceira noite de luar. O perfume estonteia. Terceira noite de luar branco, indiferente, coalhado, terceira noite de espanto. Redemoinhos de figuras e de acção até aos confins dos séculos. Outrora, numa vida monótona e incerta, só se realizavam duas ou três horas de exaltação. A vida agora é uma exaltação perpétua.

Tudo mudou: a árvore não existe como a pedra não existe. O único mundo real é o mundo irreal. Todos nós andamos a criar um mundo que é o único verdadeiro — os vivos e os mortos. Todos trabalhamos com o mesmo afã para o mesmo fim. Já a matéria se adelgaçava... O mundo ideal é o mundo da dor, do sonho, e o universo reconstruído é o maior

dos dramas — com a vida oculta ao lado — e cada dia tem o pêso dum século.

. As crianças e os pássaros emmudeceram, o que produz na terra um silêncio atroz. Os olhos encheram-se-lhes duma tristeza irreflectida, inocência e extracto de vida, sentimentos que se não coadunam. Tenho vontade de fugir para onde não ouça o silêncio.... Avança direita a mim a floresta apodrecida. Mais perto! mais perto!

Ri-te agora, se podes, da D. Leocádia, que rumina como lady Macbeth as piores ruínas. Esta vida é feita de todos os nossos esforços e dos esforços do fundo. Somos apenas um reflexo dos mortos, e agora que tu queres falar com a tua voz, é que as ordens são mais categóricas e o conflito monstruoso. Terceira noite de luar, branco, estranho, inefável. Tôda a noite o rouxinol cantou. Duas, três horas, e canta ainda apaixonado e frenético... Debalde quero libertar-me dos fantasmas, debalde quero viver da minha própria vida!...

É que a vida não és tu nem eu, a vida é uma massa confusa e heterogénea, um pesadelo, uma nuvem negra ou uma nuvem de oiro, uma tempestade eléctrica, com bôcas abertas para risos e bôcas abertas para gritos. Não é um detalhe — é um panorama. É um imenso farrapo dorido. Anda aqui a alma de Joana e a secura das velhas mesquinhas. É tão necessário a êste fluido a dor muda do cavador como

o sonho desconexo do Gabiru. Anda aqui a primavera, as lágrimas que tenho chorado e as que tenho ainda para chorar. Anda aqui a tragédia, a pedra, a árvore, a tua inocência e a minha desventura. Tudo isto se congrega, e esta alma não vive sem a tua alma, êste grotesco sem o teu génio, esta vida sem a tua morte. Andam aqui os mortos e os vivos, a árvore que há-de ser árvore e o tronco que se desfez em luz. É um ser imenso a que não vejo senão partes. Anda aqui a luz e a sombra, e a luz não se distingue da sombra nem a vida da morte. A vida está tão feita adiante de nós como atrás de nós. Está tão feita no passado como no futuro. Se o futuro ainda não existe, o passado já não existe. E tudo isto se congrega. A vida absorve-me e ponho-a em acção. Impregna-me e faço-a caminhar. Pertence-me e pertenço-lhe. É o passado e o futuro — Jesus Cristo vivo, Jesus Cristo morto, e Jesus Cristo ressuscitado.

26 de Novembro

Está tudo errado. Só há um momento em que o compreendemos. Mas nesse momento já não podemos voltar para trás. É quando, fazendo ainda parte dos vivos, fazemos já parte dos mortos.

Não só a sensibilidade é universal — a inteligência é exterior e universal.

O universo é uma vibração. A vida é uma vibração da vibração.

A matéria também existe em estado de nebulosa — isto é, em estado de dor.

Tôda a teoria mecânica do universo é absurda. Daqui a alguns anos todos os sistemas serão ridículos — até o sistema planetário.

O sonho completo é o universo realizado.

Estamos à superfície dêsse oceano embravecido, e o impulso vem das camadas mais profundas, das camadas informes. São todos. São até os que nunca tiveram olhos para ver, os sêres esboçados, com mãos rudimentares, aparências de árvores e de figuras mutiladas. É a terra viva.

É só sonho, é sonho estreme e dor estreme. Cada um assiste à projecção da sua própria figura monstruosa no passado e no futuro, cada figura tem emfim as dimensões de dor, que as palavras, as regras e os hábitos lhe não deixavam ter. Cada alma é desmedida e trágica e vem desde os confins da vida até ao infinito da vida. Cada um na floresta entontecida representa o máximo de sonho e o máximo de ternura. Cada ser é emfim um ser completo e doirado, atinge a beleza e Deus.

As florestas já mortas, a luz das estrêlas desapa-

recidas no caos — tudo aqui está presente. O esfôrço dos mortos, o sonho dos mortos, o desespêro dos mortos sôbre mortos, o reflexo de ternura, a mão que amparou, a bôca que sorriu, levadas pelo vento que soprou há dez mil anos, aqui estão vivos. Aqui está vivo o sonho que sonhamos todos, o primitivo sonho humilde e o sonho repercutido de século em século, assim como a tua vòz compadecida. O sonho sepultado nas profundidades da terra, o primeiro resquício, o nada e o sonho frenético, tudo aqui está na floresta embravecida. E, com ou sem bôca, com ou sem consciência, nunca mais deixarei de andar nisto, disperso, amalgamado, confundido, de fazer parte dêste drama, queira ou não queira, proteste ou não proteste. Tudo é inútil, todo o esfôrço inútil, tôdas as palavras inúteis. Reconheço-o. Mas não me canso de pregar, não posso deixar de prègar, até cair vencido e exausto dominado e deslumbrado. Na floresta embravecida, em que todos participam do mesmo ser, até a mulher da esfrega encontra emfim Jesus:

— ¿Será vossemecê o José do Telhado que o tira aos ricos para o dar aos pobres?

— Sou um pobre de pedir.

— ¿Será vossemecê Nosso Senhor Jesus Cristo que veio ao mundo para nos salvar?

30 de Novembro

Chega o momento em que me perco, em que tenho mêdo de mim mesmo, em que me atemoriza o som da minha própria voz. Quem sou eu? Os outros? Sou os outros? ¿São êles que falam, que ordenam, que me impelem? Eu sou os mortos! eu sou os mortos! Eu sou uma série de fantasmas, que se açulam entre mim e mim. Reconheço-os. O gesto esboçado há milhares de anos, e perdido, consumido, consegue hoje realizar-se, o grito que a morte calou numa bôca ignorada, faz eco no mundo. Todos os sonhos são realidades, os mais altos, os mais humildes, os mais belos e os mais grotescos. Só os sonhos são realidade nesta noite quieta e caiada, com uma mancha vermelha de pólo a pólo.

Aqui está agora isto a que se chama noite de luar, branca, inerte, passiva, com a lua espargindo luz sôbre o doirado. Aqui está a árvore, e era a isto que se chamava a árvore! Aqui está a pedra e era a isto que se chamava a pedra! Aqui está o céu e era a isto que se chamava o céu! Reconheço-vos.

A morte encontra-se só — cortaram a árvore pelo meio. Anda pelo céu como um cometa que desatasse aos tombos e aos gritos — de desvario em desvario. A cada grito empalidece, esbraseia, muda de côr, abre a cauda de oiro, de trambulhão em trambulhão...

A morte faz estremecer o mundo ate à raiz. A morte já não tem a mesma significação. A morte é agora

inutil e anda à sôlta no infinito, desgrenhada, dorida e doirada. Desespera-se. Tenho mêdo de lhe tocar. O drama que se passa em cima é maior que o que se passa em baixo. É pior êste tumulto de inferno, êste clamor de que me não chegam as vozes, esta fôrça incoerente de pé — tôdas as fôrças de pé — posta a caminho para o desconhecido. É pior. E a cada grito em baixo corresponde um grito em cima.

Reconheço o grito que sai da noite. São os vivos e os mortos ... ¿ Mas então que significação tem isto no universo, a dizer palavras inúteis no meio desta balbúrdia, desta escuridão cerrada, dêste doirado feroz, dêste redemoinho sem nome? Para que é que eu existo e tu existes? Para que é que eu grito e tu gritas? Isto não és tu! isto sou eu! Isto é a vida temerosa, de que não representas senão uma insignificante partícula. Tu não és nada, a vida é tudo. O combate é incessante entre os vivos e os mortos, entre os mortos e os vivos. Todos gritam ao mesmo tempo, todos caminham ao mesmo tempo para o mesmo fim esplêndido. — Oh eu quero crer! — Porque é que gritas? — Fecha os olhos! fecha os olhos! — Agora sou eu quem falo! Agora são êles que falam! ...

Oh minha alma, pois eras tu! Agora te reconheço! Capaz de tudo, capaz de baixezas e capaz de sacrifícios. Tão pequena! tão transida! Não vales nada e pudeste tanto! Oh minha alma, pois eras tu, eras tu! Pudeste arcar com o universo, olhar Deus, cons-

truir Deus. Devo-te tudo: a ilusão, a tinta do céu, o sonho errático das vastas florestas. Eras tu! eras tu!... Tem-me custado a dar contigo, tão mesquinha e capaz de povoares o céu de estrêlas e o mundo de sonho. Atreveste-te a tudo. Afirmaste. Negaste. Eras tu, sempre dorida, sempre ansiosa, nunca satisfeita, e coubeste dentro de quatro paredes. Tornaste-me a vida amarga. Encheste-me de ridículo. Atiraste-me aos encontrões contra a massa cega e compacta, levaste-me como restos de fôlhas nesta procela de sonho. Fôste a melhor e a pior parte do meu ser.

Eras tu! ¡E pude com esta enxurrada de côres, de tintas, de impulsos, a instigar-me e a deslumbrar--me! ¡E pude ao mesmo tempo com a dor! Fiz parte da dor. A desgraça viveu comigo e o sonho viveu comigo. ¡E pude com a vida! Atravessei êste mar monstruoso, servindo-me de meia dúzia de palavras. Que importa ser ridículo? Que importa ser a D. Idalina ou a D. Engrácia? Suportei a vida — suportei tudo. Que importa a tua mentira, se atravessaste a labareda e ainda conservas o chale tisnado?

Para onde vamos aos gritos? para onde vamos aos gritos?

E a cada grito em baixo corresponde um grito em cima, a cada grito um estremeção no mundo, que se repercute de universo em universo. Um grito que acorda mais sonho e gera novo desespêro.

Outro grito, outro mundo doirado, outra forma dorida que se deita a caminho.

O pêso da vida e o pêso dos mortos sente-se cada vez mais. Todos clamam ao mesmo tempo de pé para essa coisa imensa e doirada, num deslumbramento. Os mortos que nos pareciam mortos, camada sôbre camada, estão aqui de pé ao nosso lado.

E o pêso é cada vez maior. Até agora vivíamos com êles, respirávamos com êles, mas não sentíamos o pêso dessa poeira viva que é a sombra e a luz. Agora não podemos com êles...

E o lamento, o uivo sobe cada vez mais alto. Debalde tapamos os ouvidos: o uivo penetra nas almas. E a um grito em baixo corresponde logo um grito em cima. E as mulheres das vielas põem-se a chorar, os ladrões das estradas desatam a chorar...

O uivo não cessa. Irrita. Enche o mundo todo. Quem grita? Nós próprios? ¿O homem que range por não poder suportar a vida? O grito domina tudo, trespassa o globo e ecoa no mundo.

E outra coisa monstruosa tomou o lugar da morte, outra sombra se entranhou de salto na vida, outro turbilhão arrasta os homens. Modificaram-se as estrêlas com os sentimentos. A outra coisa no infinito reflecte-se na vida dos astros que mudam de côr, na dor que tomba desgrenhada de queda em queda.

Todo o mundo se transforma a nossos olhos. Cada ser aumenta como se encerrasse em si a vida até aos confins dos séculos. O passado não existe, o futuro redobra de proporções. Perdeu-se a noção da desgraça e a noção do tempo, e a nódoa de sangue da Via-Láctea, onde se concentra tôda a sensibilidade do mundo, alastra entre os astros, de lés a lés na profundidade do céu.

Ouves o grito¿ ¿ouve-lo mais alto, sempre mais alto e cada vez mais fundo?... — É preciso matar segunda vez os mortos.

ÍNDICE